

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes



Dissertação

**TESSITURAS DO IMAGINÁRIO DAS INFÂNCIAS:
MEMÓRIAS DOCENTES EM APROXIMAÇÃO COM AS ARTES VISUAIS**

Ana Paula Necchi Ribeiro

Pelotas, 2023

Ana Paula Necchi Ribeiro

**TESSITURAS DO IMAGINÁRIO DAS INFÂNCIAS:
MEMÓRIAS DOCENTES EM APROXIMAÇÃO COM AS ARTES VISUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Mariza Mattos Brandão

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

R484t Ribeiro, Ana Paula Necchi

Tessituras do imaginário das infâncias : memórias docentes em aproximação com as artes visuais / Ana Paula Necchi Ribeiro ; Cláudia Mariza Mattos Brandão, orientadora. — Pelotas, 2023.

121 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Cultura visual. 2. Formação docente. 3. Fotografias. 4. Imaginário. 5. Infâncias. I. Brandão, Cláudia Mariza Mattos, orient. II. Título.

CDD : 700.1

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Ana Paula Necchi Ribeiro

**TESSITURAS DO IMAGINÁRIO DAS INFÂNCIAS:
MEMÓRIAS DOCENTES EM APROXIMAÇÃO COM AS ARTES VISUAIS**

Dissertação aprovada como requisito parcial, para obtenção do título de Mestra em Artes, no Programa de Pós-Graduação em Artes, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 31 de março de 2023.

Banca Examinadora:

.....
Prof.^a Dr.^a Cláudia Mariza Mattos Brandão (Orientadora e presidente da banca)
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

.....
Prof.^o Dr.^o Claudio Tarouco de Azevedo
Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande

.....
Prof.^o Dr.^o Josias Pereira da Silva
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

.....
Prof.^a Dr.^a Nádia da Cruz Senna
Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo

Dedico às tessituras de todas as infâncias que me encantaram neste percurso. Em especial à minha filha: Maria Luísa; e às infâncias envolvidas com o Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

Agradecimentos

Às infâncias e famílias (especialmente a minha) que neste percurso de minha formação docente permaneceram presentes e acreditaram na potência das tessituras do imaginário e do protagonismo infantil.

Ao Prof.^o Dr. Josias Pereira da Silva, à Prof.^a Mestre Eliane B. Candido, à Prof. Dr.^a Cíntia Inês Boll: apoiadores nesta jornada pela pesquisa e que muito me inspiram a trilhar os caminhos da docência em aproximação com as Artes Visuais.

À professora Dr.^a Cláudia Mariza Mattos Brandão por me escolher e acolher cada momento desafiante vivenciado no âmbito familiar e profissional. Especialmente, por sempre se dispor a me ensinar a buscar caminhos para superar cada etapa, com toda seriedade e comprometimento que a pesquisa exige e merece.

Aos meus colegas pesquisadores do PhotoGraphien, Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação, por toda parceria e apoio: tenho certeza que este é só o início de nossa caminhada juntos.

À professora Dr.^a Nádia da Cruz Senna e ao Prof.^o Dr.^o Cláudio Tarouco de Azevedo e ao Prof.^o Dr.^o Josias Pereira da Silva: por suas importantes contribuições ao trabalho nas bancas de qualificação e defesa.

Aos demais professores do programa que, apesar de todas as contrariedades atemporais e de sobrevida enfrentadas num período pandêmico, me proporcionaram muitas possibilidades para ampliar repertórios e persistir no propósito de desenvolvimento acadêmico.

Aos meus colegas de profissão, que compartilham comigo o cotidiano escolar e se dedicam para contribuir com o desenvolvimento de uma educação pública de qualidade.

Especialmente ao professor Eric Patrick Correia Flores, parceiro no projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

Aos docentes-pesquisadores que escolhem viver um cotidiano pautado em propostas pedagógicas com as quais possam expressar as Tessituras do Imaginário das Infâncias, cada um sendo a sua melhor versão.

Resumo

RIBEIRO, Ana Paula Necchi. **Tessituras do Imaginário das Infâncias: Memórias Docentes em aproximação com as Artes Visuais**. 2023. 119 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

O presente estudo se propõe a analisar e refletir sobre as escolhas de práticas pedagógicas desenvolvidas no decorrer do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes, vivenciado em autoria colaborativa com crianças de 5 anos a 5 anos e 11 meses, em turma de Educação Infantil em rede pública e municipal de ensino. As investigações estão norteadas pelo embasamento teórico recomendado nos encontros do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação. No contexto da pesquisa, concilio os papéis de pedagoga das infâncias e mestranda em Artes. No percurso docente com as infâncias, a escolha de práticas pedagógicas em aproximação com as artes visuais, possibilitam justificar a proposição do tema a ser pesquisado. Tendo em vista as tessituras do imaginário das infâncias como instrumento para promover o conhecimento sobre a formação docente no contexto de tais vivências no cotidiano escolar, entende-se por relevante a questão de pesquisa: Quais tessituras do imaginário das infâncias constroem o percurso de formação docente no que se refere às escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais no cotidiano da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano)? O objetivo geral da pesquisa é contextualizar as experiências, os desafios e as concepções teóricas que indicam tais tessituras do imaginário das infâncias, numa perspectiva de pensar sobre a construção dos percursos da formação docente no contexto das escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais. A fundamentação teórica propõe o diálogo com pesquisadores que se mobilizam a analisar a Educação, a Arte-educação e as Artes Visuais: Bondía (2002); Félix Guattari (1990); Jean-Jacques Wunenburger (2008); Paulo Freire (2000); Marie-Christine Josso (2007); Walter Benjamin (1985); e ademais. Tais tessituras perpassam por caminhos que oportunizam aplicar a metodologia de pesquisa por abordagem experiencial, enquanto potente ferramenta investigativa diante do desenvolvimento de reflexões acerca da realidade imagética contemporânea e no exercício da criticidade desde tão tenra idade. As considerações finais, promovem reflexões para incentivar que mais pesquisadores divulguem seus estudos em contextos que reconheçam as tessituras do imaginário das infâncias como ponto de partida para a escolha de suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Cultura Visual; Formação Docente; Fotografias; Imaginário; Infâncias.

Abstract

RIBEIRO, Ana Paula Necchi. **Tessitures of Childhood Imaginary: Teaching Memories in Approach to the Visual Arts.** 2023. 119 f. Dissertation (Masters in Arts) - Graduate Program in Arts, Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

The presente study proposes to analyze and reflect on the choices of pedagogical practices developed during the Project Exposure of Apprentice Photographers, experienced in collaborative authorship with children aged 5 years to 5 years and 11 months, in an Early Childhood Education class in public schools and municipal education. The investigations are guided by the theoretical basis recommended in the meetings of PhotoGraphein - Research Center for Photography and Education. In the contexto of the research, I reconcilie the roles of childhood educator and Master's student in Arts. In the teaching path with childhoods, the choice of pedagogical practices in approximation with the visual arts, make it possible to justify the proposition of the theme to be researched. Bearing in mind the tessitures of childhood imagination as an instrument to promote knowledge about teacher training in the contexto of such experiences in everyday school life, the research question is considered relevant: What tessitures of childhood imagination build the course of teacher training with regard to the choices of teacher pedagogical practices in approximation with the Visual Arts in the daily life of Early Childhood Education and the Early Years of Elementary School I (1st to 5 th year)? The general objective of the research is to contextualize the experiences, challenges and theoretical conceptions that indicate such fabrics of childhood imaginary, in a perspective of thinking about the construction of teacher training paths in the contexto of choices of pedagogical practices in approximation with the Visual Arts. The theoretical foundation proposes a dialogue with researchers who are mobilized to analyze Education, Art-Education and the Visual Arts: Bondía (2002); Félix Guattari (1990); Jean-Jacques Wunenburger (2008); Paulo Freire (2000); Marie-Christine Josso (2007); Walter Benjamin (1985); and beyond. Such tessitures run through paths that make it possible to apply the research methodology through na experiential approach, as a powerful investigative tool in the face of the development of reflections about the contemporary imagery reality and in the exercise of criticality from such na early age. The final considerations promote reflections to encourage more researchers to disseminate their studies in contexts that recognize the tessitures of childhood imagination as a starting point for choosing their pedagogical practices.

Keywords: Childhoods; Imaginary; Photographs; Teacher Training; Visual Culture.

Lista de Figuras

Figura 1 - Ana Ribeiro , <i>Estudos sobre Educação em Direitos Humanos</i> , fotomontagem digital, 2020	16
Figura 2 – Ana Ribeiro , <i>Cena final da 1ª PVE: Chega! É o fim do Zum Zum Zum</i> , print de tela, 2018	31
Figura 3 - Ana Ribeiro , <i>Cenário 0'14 da 2ª PVE - Caixa de Brinquedos: um Universo Infantil</i> , print de tela, 2017	33
Figura 4 - Ana Ribeiro , <i>Cena 3'09 da 3ª Produção de Vídeo Estudantil – PVE</i> , print de tela, 2017	35
Figura 5 - Ana Ribeiro , <i>Janela da Exposição dos Fotógrafos Aprendizes</i> , fotomontagem digital, 2020	42
Figura 6 - Ana Ribeiro , <i>Apreciação da criação literária</i> , fotografia, 2017	54
Figura 7 - Zilma Lapa , <i>Lançamento do livro Exposição dos Fotógrafos Aprendizes</i> , fotografia, 2018	58
Figura 8 – Luciana Ramos , <i>Fotógrafos Aprendizes em Ação I</i> , fotografia, 2018	59
Figura 9 – Ana Ribeiro , <i>Avatares (criados com o App BitMoji)</i> , fotomontagem digital, 2018	73
Figura 10 – Ana Ribeiro , <i>Fotógrafo Aprendiz IX</i> , fotomontagem digital, 2020	77
Figura 11 – Ana Ribeiro , <i>Fotógrafo Aprendiz XIX</i> , fotomontagem digital, 2020	78
Figura 12 – Ana Ribeiro , <i>Fotógrafo Aprendiz VI</i> , fotomontagem digital, 2020	79
Figura 13 – Ana Ribeiro , <i>Fotógrafo Aprendiz IV</i> , fotomontagem digital, 2020	80
Figura 14 – Ana Ribeiro , <i>Fotógrafo Aprendiz V</i> , fotomontagem digital, 2020	81
Figura 15 – Ana Ribeiro , <i>Fotógrafo Aprendiz XII</i> , fotomontagem digital, 2020	82
Figura 16 – Ana Ribeiro , <i>Fotógrafo Aprendiz XVI</i> , fotomontagem digital, 2020	83
Figura 17 – Ana Ribeiro , <i>Fotógrafo Aprendiz XVII</i> , fotomontagem digital, 2020	85
Figura 18 – Ana Ribeiro , <i>Aprendizagens no Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes</i> , fotomontagem digital, 2022	86
Figura 19 – Ana Ribeiro , <i>Caminhadas Pedagógicas no bairro da escola – parte 1</i> , fotomontagem digital, 2022	90
Figura 20 – Ana Ribeiro , <i>Caminhadas Pedagógicas no bairro da escola – parte 2</i> , fotomontagem digital, 2022	91
Figura 21 – Ana Ribeiro , <i>Sala referêcia</i> , fotomontagem digital, 2022	91
Figura 22 – Ana Ribeiro , <i>Terraço da escola</i> , fotomontagem digital, 2022	93

Figura 23 – Ana Ribeiro , <i>Saguão da escola</i> , fotomontagem digital, 2022	94
Figura 24 – Ana Ribeiro , <i>Biblioteca e sala múltipla</i> , fotomontagem digital, 2022	94
Figura 25 – Ana Ribeiro , <i>Parque Henrique Luis Roessler – Parcão Novo Hamburgo</i> , fotomontagem digital, 2022	95
Figura 26 – Ana Ribeiro , <i>Poema: A Escola é Tempo de VIDA</i> , fotomontagem digital, 2022	107

Sumário

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS	12
1. À INFÂNCIA QUE HABITA EM MIM	28
2. AOS INFANTES DE TODAS AS ESCOLAS	39
3. AOS PAIS E FAMILIARES	50
4. ÀS EQUIPES GESTORAS E ÀS DOCÊNCIAS	60
5. ÀS/OS FOTÓGRAFAS/OS APRENDIZES	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICE	114
Apêndice A - Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz IX	114
Apêndice B - Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz XIX	115
Apêndice C - Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz VI	116
Apêndice D - Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz IV	117
Apêndice E - Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz V	118
Apêndice F - Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz XII	119
Apêndice G - Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz XVI	120
Apêndice H - Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz XVII	121

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

São Leopoldo, outubro de 2020.

*Olá, prezada/o leitor/a.
Como se sente?*

Por aqui seguimos fisicamente isoladas do convívio social. Eu (a professora 4.0 do momento), minha filha de 5 anos e a nossa companheira canina que está com 11 anos. E o único que ainda sai para o trabalho na rua é o meu marido e, quando volta, toma um banho de álcool e outro de chuveiro. Assim, estamos a nos cuidar para ficar longe do Corona vírus.

E vocês? Como estão passando ou passaram por esta pandemia?

Esta professora e pesquisadora, estando a esperar, continuou a construir novos cotidianos para a educação em tempos de pandemia e se dispôs a se dedicar também aos estudos na Pós-graduação (Mestrado) em Artes.

Numa análise que aborda a pesquisa sobre as infâncias, seus imaginários e suas fotografias, um fator que é significativo ao que se refere às potências e aos desafios vividos na formação docente está sendo enfrentado cotidianamente: o de compreender a experiência com cultura visual para as infâncias ao colaborarem com a construção do meu perfil profissional.

Convido ao diálogo com as investigações de Kramer, que nos remete a pensar sobre as tantas inquietações que assolam a perspectiva do termo “infâncias” no decorrer da história da humanidade. Conforme a autora Kramer (2000, p. 5) nos traz à análise sobre o “olhar da infância”, é relevante pensar:

Como as crianças conhecem o mundo? Aprendemos a ver nos olhos das crianças nas fotos no cinema, esse olhar infantil. Observemos uma cena: em *O tambor*, de Schölonndorff, a partir de livro de Günter Grass, um menino de seis anos cai, pára de crescer e aprende a usar sua voz; com gritos estridentes espatifa vidros de óculos, janelas ou relógios, sempre que quer contestar uma ordem (deixa assim de ser *infans*). O tambor que lhe é dado de presente desestabiliza. Sob as arquibancadas de uma manifestação nazista, o menino e seu tambor introduzem acordes na música de uma banda militar que, dissonantes, provocam o espanto, em seguida o riso, mais adiante a suavidade expressa na dança coletiva. A alegoria do tambor sintetiza a possibilidade de mudança provocada por esta criança e sua crítica à ordem instituída. Ela recria a história da barbárie, reconstrói com os destroços, refaz a partir da ruínas e estilhaços, refunda uma tradição cultural que parecia não indicar alternativas, faz história do lixo. [...] e tantos filmes nos quais humanização e ética substituem cinismo e desesperança.

Para tanto, optei por escrever os capítulos desta dissertação de Mestrado e me expressar, partindo da escrita de *cartas pedagógicas* (uma inspiração freireana): para

contar ao mundo sobre as tessituras do imaginário das infâncias que me auxiliaram a construir a professora como estou hoje.

Assim, como pedagoga e mestranda em Artes, verso com a linha de pesquisa e suas possibilidades ao exercício investigativo frente à minha formação docente no desenvolvimento do projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

Escrevo, introduzindo com leveza e muita responsabilidade, a pesquisa sobre as tessituras do imaginário das infâncias. Mesmo que os fotógrafos aprendizes não cheguem a ler meus escritos, gostaria de registrar que direciono as minhas cartas e esta pesquisa às infâncias que um dia eu habitei e que ainda habitam em mim.

Ao referenciar as perspectivas de Kramer (2000, p. 6), permeio por reflexões sobre a cultura visual, mensurando que nos emerge entender o “olhar da infância”, em conformidade com suas experiências cotidianas, ao considerar que:

Aprendemos com o cinema que apresenta uma história, a qual pode ser mudada, segundo o olhar infantil, para que haja um outro futuro, diferente do anunciado de modo fatalista. Refazer o caminho abre a possibilidade de se estabelecer uma outra relação com o passado. Nesse processo, e graças à infância, adultos, que não sabiam rir nem chorar, se humanizam. Aprendemos com as imagens que é possível ver e compreender a realidade social, perseguindo nela um caminho de busca, como fazem tantas crianças e adultos que vivem em países de miséria e desigualdade social como o nosso.

Neste viés, entendo que o respeito às tessituras do imaginário das infâncias, produz em nós adultos uma sonoridade interna, a qual nos embala para longe do anonimato e nos possibilita criar a nossa própria música. Compondo-a com os nossos ritmos variados, expressamos as nossas potencialidades e reconhecemos as nossas limitações.

Afinal, qual o conceito de infâncias que estamos referenciando nesta pesquisa?

É possível pensarmos o termo “infâncias”, partindo de algumas contribuições importantes no âmbito do projeto de cooperação técnica entre o Ministério da Educação e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil por Brasil (2009, p. 22), ao considerar a utilização do termo no plural,

As infâncias, temos pensado como a forma específica de conceber, produzir e legitimar as experiências das crianças. Assim, falamos em infâncias no plural, pois elas são vividas de modo muito diverso. Ser criança não implica em ter que vivenciar um único tipo de infância. As crianças, por serem crianças, não estão condicionadas as mesmas experiências.

Para entender um pouco além, é importante mencionar que as nossas crianças expressam sua completude de maneiras diversas e como produtores de história e cultura: sentem, pensam, emocionam-se, imaginam, transformam, inventam, criam e dialogam. E, deste modo, são estes movimentos que as tornam sujeitos que precisam se relacionar com outras crianças e adultos para estabelecer relacionamentos e interações que se vinculam aos contextos sociais e culturais (BRASIL, 2009, p. 23-24).

Referindo-me às infâncias, na contemporaneidade, outro ponto interessante que proponho à reflexão é que “As novas crianças pequenas – midiáticas e virtuais – aprendem de modo diferente. [...] têm a capacidade de pensar, imaginar e participar da gestão da sua educação, da sua aprendizagem e de sua escola” (BRASIL, 2009, p. 27). Desta maneira, as infâncias estão a constituírem-se protagonistas da sua experiência cotidiana.

Neste sentido, o planejamento representa estudo e organização de “situações de aprendizagem para as crianças”. Para tanto, Brasil (2009, p. 36-37) nos instrui a compreender que:

Se o professor tem boa formação e é investigativo, ele não precisa dominar todos os conhecimentos que podem se fazer presentes no grupo, ele faz sua formação continuamente junto com as crianças e em momentos de pesquisa e reflexão com seus colegas. A postura do professor deve ser a de organizador, mediador e elaborador de materiais, ambientes e atividades que permitirão às crianças construir ações sobre objetos e formas de pensamento. Numa nova perspectiva, compreende-se o papel do professor como o de um orientador da busca do conhecimento, principalmente quando ela surge como necessidade para desenvolver o projeto do grupo e as necessidades e desejos individuais das crianças.

Como um convite à reflexão, em suas inquietações sobre o imaginário, Holmer (2005, p. 02) nos apresenta que,

Para Flusser (1998) as imagens não são apenas mediações entre o homem e o mundo. Elas apresentam-se como biombos. Se interpõem entre o homem e o mundo. Ao filtrar a relação do homem com o mundo essas imagens passam a ser a própria realidade. Como o homem não sabe interpretá-las, passa a viver o imaginário construído por essas imagens.

Ao entender o que o imaginário nos representa na construção da nossa formação docente, é relevante pensá-lo como “algo mais amplo do que apenas um conjunto de imagens”, visto que é possível compreendê-lo como “a faculdade de

simbolização donde provêm todos os medos, anseios e percepções culturais do homem”. E, para tanto, na troca de experiência do homem com o mundo, “O imaginário também não é a cultura, apesar de conter elementos culturais do organismo social ao qual está vinculado”. Assim, “Nós o encontramos na intermediação entre o simbólico e o sujeito” (HOLMER, 2005, p. 8).

As pesquisas de Holmer (2005, p. 09) apud Maffesoli (1995, p. 80) também nos apontam para pensar que

[...] o imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não racional [...] É uma vibração não visível, mas perceptível, uma construção mental que une [...] um grupo, uma comunidade ou um país através de laços racionais, culturais e, principalmente, afetivos e espirituais.

O exercício de dar voz às infâncias é ainda muito recente na história da humanidade, corroborando com esta perspectiva de deixar narrar as histórias das infâncias, Silva (2019, p. 504) nos conduz a refletir sobre o tempo em que:

[...] à criança não foi concedido o direito à fala, por isso ela não ocupa o lugar de narradora de suas experiências. Não tendo direito à fala, a criança não pode expressar suas opiniões, seus anseios ou relatar as situações que partilha, neste mesmo mundo dos adultos, a partir de seu ponto de vista. Assim como a definição de até quando o indivíduo pode ser considerado criança é dada por convenções arbitrárias (doze, quinze, dezoito anos – quando acaba a infância?), também a fala da criança é vedada por um poder exterior; são os adultos que “informam” à criança que ela não tem ainda experiências relevantes a transmitir.

A partir deste ponto de atenção às tessituras do imaginário das infâncias, na escola das infâncias, de forma mais potente: o protagonismo infantil passa a nos ser cotidianamente revelado. Sendo assim, nos possibilita compreender conceitualmente o ato criativo, no que atravessa à cultura visual.

Em conformidade com os documentos normativos para o currículo da educação brasileira, ao refletir sobre esta experiência escolar, cito Brasil (2009, p. 76), pois que considero caro ponderar que:

[...] o ato de educar crianças pequenas como ação simultaneamente ética e estética significa afirmá-lo como promoção criativa dos seres humanos. Criatividade expressa na intenção de perseguir cotidianamente uma vida

mais bonita, mais inventiva, mais apaixonada, alegre, poética, inteligente, fundada em valores coletivos mais sensíveis, menos excludentes e sectários, menos indiferentes e violentos.

Para esta finalidade, investigo as minhas escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais, referenciando e analisando o conteúdo publicado no livro intitulado *Exposição dos Fotógrafos Aprendizes*¹, organizado por mim e lançado em tiragem impressa no ano de 2018 pela Editora Cirkula.

Tal publicação foi a terceira criação literária, realizada em autoria colaborativa com as crianças. Neste caso, a faixa etária das crianças contemplou dos 5 anos a 5 anos e 11 meses. No contexto do processo criativo e autoral, a referida obra literária objetivou, na perspectiva experiencial vívida por meio do registro fotográfico pelas lentes das crianças: expressar uma infância em que a criança exerce o papel de protagonista e de autora de sua própria história.

Figura 1: **Ana Ribeiro**, *Estudos sobre Educação em Direitos Humanos*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Neste registro gráfico sobre o tema do projeto (Figura 1), a criança expressa um movimento rítmico, dançante e artístico entre a folha e os riscantes. Nos auxilia para que possamos desenvolver o entendimento que nos cabe saber sobre o potencial

¹ A terceira criação literária, intitula-se *Exposição dos Fotógrafos Aprendizes*. Disponível no link: <<https://pt.calameo.com/read/00455963364c8217abfa8?authid=bwb5u5rtxYqi>>.

do imaginário infantil. No desenlace de nossas inquietações, as pesquisas de Antunes (2013, p. 28-29), promovem a reflexão de que:

Desenhar é uma forma de escrita, é o ato de passar para uma superfície um conjunto de grafismos (linhas, pontos, manchas) que em conjunto formam uma imagem. Mas por alguma razão não se usa a expressão “escrever uma imagem”. As imagens, ao contrário dos textos, não apresentam ao leitor um ponto de partida por onde a leitura deverá ser iniciada. O seu conteúdo revela-se como um todo aos olhos do observador, e este dirigirá a sua atenção aleatoriamente aos diversos elementos da imagem.

Para além da comunicação visual que nos revelou pontos da visão de mundo das crianças, compartilho o entendimento de que esta representatividade ético-estética esteve presente também nos demais registros gráficos que foram representativos do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

Em seus ensaios dialógicos, Westbrook (2010, p. 37) registra que:

A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vêm a perceber relações e continuidades antes não percebidas. Todas as vezes que a experiência for assim reflexiva, isto é, que atentarmos no antes e no depois do seu processo, a aquisição de novos conhecimentos mais extensos do que antes será um dos seus resultados naturais.

Especialmente esse projeto, entre as tantas outras práticas pedagógicas desenvolvidas, vem justificar a minha escolha por participar da seleção para o Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Artes e por escolher como professora orientadora a Profa. Dra. Cláudia Mariza Mattos Brandão. A Profa. Dra. Cláudia M. M. Brandão desenvolve, com excelência, os papéis de pesquisadora e líder no grupo de pesquisa PhotoGraphein². Desta maneira, vem direcionando o referido Núcleo de Pesquisa que “tem como proposta ser um espaço de encontro para pessoas interessadas em reflexões sobre as vivências cotidianas e seus imaginários, em diferentes contextos”, especialmente no que cerne às investigações sobre Fotografia e Educação.

Dentre os estudos em desenvolvimento no grupo, o projeto de extensão intitulado Arteiros do Cotidiano³, dialoga sobre conceitos que se aproximam com

² Para aprofundar conhecimentos sobre o grupo de pesquisa PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação, disponibilizo o link: <<https://photographein-pesquisa.com.br/>>.

³ A fim de ampliar o conhecimento sobre o projeto Arteiros do Cotidiano, disponibilizo o link: <<https://photographein-pesquisa.com.br/projetos/>>.

questões pertinentes às minhas escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais. Inúmeras tem sido as valiosas contribuições do grupo de pesquisa às minhas inquietações.

De maneira que tais contribuições têm me oportunizam interagir com diferentes reflexões e ampliam as potencialidades para que eu possa compreender ainda mais o processo criativo do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes. Bem como, me possibilitam condições de vivenciar espaço e tempo para dividir com o mundo acadêmico as percepções das crianças e a poética visual que inspiram as escolhas de práticas pedagógicas que estou a investigar.

Neste íterim, entre imaginário e realidade, promover a alfabetização visual num âmbito amplo e que abrande não só o cotidiano na sala referência, mas que, em si, abre espaço para que a comunidade adentre este espaço e que também leva as crianças para fora da escola: foi e é uma perspectiva de possibilitar que a leitura de mundo das crianças seja inteiramente validada frente as minúcias representativas da cultura visual às infâncias.

As tessituras do imaginário das infâncias serviram como instrumento para promover o conhecimento sobre a formação docente no contexto das vivências no cotidiano escolar e considero relevante responder a seguinte questão de pesquisa, almejando compreender: **Quais tessituras do imaginário das infâncias constroem o percurso de formação docente no que se refere às escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais no cotidiano da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano)?**

A presente investigação tem por objetivo geral o de contextualizar as experiências, os desafios e as concepções teóricas que indicam tais tessituras do imaginário das infâncias, numa perspectiva de pensar sobre a construção dos percursos da formação docente no contexto das escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais.

No propósito de fortalecer o objetivo geral deste projeto de pesquisa de Mestrado em Artes, os debates de Brandão e Azevedo (2019, p. 26) corroboram nos instigando a perceber que “[...] a realidade imagética que nos circunda expõe a necessidade de sensibilizarmos as novas gerações para a influência das imagens na vida em sociedade”.

De modo a aprofundar os estudos, elenco três objetivos específicos. O primeiro é enunciar os percursos teóricos e práticos de memórias da formação docente,

referenciando quais que contribuem à percepção pedagógica frente as lentes das infâncias. O segundo é estabelecer essas conexões e interações perceptíveis com as tessituras do imaginário em aproximação com as Artes Visuais e em consonância com a abrangência de possibilidades no que se refere às metodológicas aplicáveis ao processo de ensino e de aprendizagem. O terceiro é abordar a percepção ética-estética redimensionada às escolhas de práticas pedagógicas, na e pós pandemia por Covid-19, apontando as fragilidades e as potências da imersão na cultura visual que corroboram para o relevante início do processo de alfabetização visual em tão tenra idade.

A fundamentação teórica propõe uma comunicação com importantes conceitos estudados em anuência com a linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética, o que aproxima esta análise à dialogicidade com os principais pesquisadores, no contexto da Educação, da Arte-Educação e das Artes Visuais: Bondía (2002); Félix Guattari (1990); Jean-Jacques Wunenburger (2008); Paulo Freire (2000); Marie-Christine Josso (2007); Walter Benjamin (1985); e ademais.

Dentre os principais conceitos investigados, destaco algumas reflexões relevantes.

O saber de experiência, nos traz a pensar em companhia de Bondía (2002, p. 24), autor muito bem citado na Educação e que também dialoga com ademais conceitos que perpassam por estes estudos em aproximação com as Artes Visuais, o qual considera que: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece”. Pois que “[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, [...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, [...] escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”.

Para avançar, nos foi caro e relevante vivenciar, neste contexto de pesquisa, o *pensar reflexivamente*. Deste modo, Brandão e Azevedo (2019, p. 26) colaboram nos referenciando que: “Para aprender a pensar reflexivamente é preciso aprender a observar. [...] a cada dia fica mais clara a importância da observação do mundo ao redor como algo que instiga a imaginação e o raciocínio lógico”.

Nesse sentido, Souza (2007, p. 12-14) contribui de modo relevante ao comunicar sua percepção sobre *a escrita como prática de formação, autoformação e transformação de si*: “A arte de lembrar e narrar nossas histórias consiste, num sentido reflexivo, em narrar-se, ou seja, implicar-se e distanciar-se de si, [...] possibilita ao sujeito, enquanto autor e ator de sua própria história, eleger aprendizagens

significadoras e ressignificá-las [...]”. Assim, vindo a compor outro conjunto de conceitos caros a esta investigação.

Nessa conjuntura, para refletir sobre as escolhas de práticas pedagógicas direcionadas à pesquisa em aproximação com as Artes Visuais, revisei algumas memórias visuais do projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

O *imaginário*, como parte do conjunto de palavras-chave, também está impresso em cada etapa desta pesquisa, inclusive intitulado-a. Em conformidade com Brandão (2012, p. 57), entende-se que:

O imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida que, ao libertar-se do real, inventa, transgredindo as percepções socialmente consagradas e estabelecendo formas criativas de comunicação. O conhecimento submerso no imaginário está impregnado de múltiplas camadas [...].

Instigo a pensarmos em companhia: para que são as crianças tão criativas?

Ademais, enquanto adulto referência: até quando mediamos e oportunizamos espaço-tempo para que as crianças experienciem o mundo ao seu redor com o seu máximo potencial criativo?

Nesta pesquisa proponho que a escuta das infâncias nos possibilite reconhecer as suas tessituras, no que se refere à melodia expressa pela criatividade das infâncias. Na perspectiva de conhecer essa sonoridade, as propostas investigativas deste estudo nos apresentam algumas maneiras para transpor o tempo-espaço, referenciando o imaginário que se faz presença ativa no cotidiano da escola e que está ressoando por aqui e por ali, para além dos muros da escola.

Imprimindo importância à *formação docente*, Josso (2007, p. 423) considera que “O processo de formação que caracteriza o percurso de vida de cada um permite trazer à luz, progressivamente, o ser-sujeito da formação [...] A consciência de ser (ativamente ou passivamente) sujeito de sua história”.

Em complemento a estes estudos, entendo que seja importante destacar o conceito de *criança: protagonista e autora*. Ao analisar a produção do livro intitulado Exposição dos Fotógrafos Aprendizes, por Ribeiro (2018, p. 6), publicada em autoria colaborativa com as crianças, cito a reflexão de que:

Em tempos de cultura digital e mídias móveis, toda criança tem o direito de ser usuária ativa, consciente e, de maneira saudável, se tornar protagonista e autora de materiais digitais. Todo adulto responsável tem o dever de mediar

e orientar os processos necessários na interação da criança com a tecnologia.

É um direito da criança sim, porquanto que é vasto o mundo que a tecnologia apresenta para nós, mas para a criança vivenciar este tempo de modo saudável, é preciso que este espaço-tempo seja mediado por um adulto responsável.

Para explicitar o conceito representado por mim no que se refere às tessituras do imaginário das infâncias, escolho aplicar a metodologia de pesquisa por *abordagem experiencial* conceituada nas pesquisas de Josso (2007). Em conjunto com o imaginário das infâncias, o presente projeto de pesquisa de Mestrado ambiciona que esta diversidade sonora, representada pela melodia das infâncias, contemple e ressoe o encantamento delas com o mundo.

Sendo assim, fundamenta-se a pretensão de registrar no ambiente acadêmico, espaço de reflexão-crítica, o quão significativo é planejar intencionalmente os pressupostos da arte-educação a partir de uma *abordagem experiencial* que versa com o imaginário das infâncias.

Para tanto, os seus estudos de Souza (2007, p. 16) nos revelam um pouco mais sobre a *abordagem experiencial*, considerando que:

A abordagem experiencial, a partir do trabalho com as histórias de vida ou com as biografias educativas, configura-se como um processo de conhecimento. Um conhecimento de si mesmo, das relações que são estabelecidas com o seu processo formativo e com as aprendizagens construídas ao longo da vida.

Nesse propósito, é possível perceber as contribuições da *abordagem experiencial* para qualificar a presente investigação, em consonância com as percepções de Souza (2007, p. 13-14) de que:

[...] a implicação corresponde ao papel estabelecido pelo vivido, aquilo que conservamos de nós mesmos. O registro de experiências vividas no cotidiano pessoal e/ou profissional [...] no trabalho de formação inicial ou continuada, no âmbito do trabalho escolar. Escrever é, pois, um ato de [...] possibilitar aos professores/professoras refletirem sobre o sentido e a pertinência da escrita como prática de formação, autoformação e transformação de si.

A metodologia desta pesquisa de Mestrado em Artes, a partir de uma abordagem experiencial, investiga e apresenta-se na escrita de *cartas pedagógicas*. As quais enlaçam os conceitos e versam, de maneira significativa, com a potência

inquisitiva das demais pesquisas (e autorias colaborativas) que perpassam pelos estudos desenvolvidos diante das escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais.

De certa forma, este movimento de escrita está a serviço de falar ao mundo sobre o cotidiano da escola, sob o ponto de vista de uma pesquisadora, pedagoga e mestranda em Artes Visuais, e, de forma literal, coincidiu com as inúmeras “despedidas” que o Covid-19 nos impôs a fazer.

“O lado mais cruel da morte é que a gente faz perguntas ao amigo, e ele não responde mais” (FREIRE, 2000, p. 10).

A leitura destas linhas, melancolicamente nos expressam os sentimentos de um amigo destinado ao eterno Mestre Freire, e por sua potência reflexiva, nos impactam fortemente.

Digo com muita certeza que essa é uma das frases que inicialmente me trouxeram até aqui com o intuito de compor uma dissertação dialógica, em que o formato de *cartas pedagógicas* instigasse este verbo, esta tratativa pensante e geradora de mudanças no sentir e nos sentidos.

Tanto Ana Freire (autora da obra que reúne cartas pedagógicas escritas pelo Mestre Paulo Freire) como também Balduino Andreola (ao compor a escrita da carta-prefácio da referida obra) demonstraram em suas comovidas palavras, muita emoção. E, de fato, tinham inúmeros motivos para sentirem-se saudosos. Pondero que a referida obra nos convida para uma leitura das últimas *cartas* escritas por Freire e que foram publicadas pós-morte, numa publicação organizada por sua companheira de vida e obra.

Considero que a partir da escolha de escrever a dissertação compondo-a em *cartas pedagógicas*, é possível estabelecer uma aproximação dirigida a quem se propõe estudá-la com o propósito de reunir análises frente as demandas emergentes para cada um de nós, de modo a nos fazer sentir (e nos fazer sentido) as tessituras do imaginário das infâncias.

Na medida do possível, nos possibilita que venha a ser uma oportunidade de propagar ao mundo nossas vivências no que tange às Tessituras do Imaginário das Infâncias, observando uma perspectiva de analisar as memórias docentes em aproximação com as Artes Visuais.

Utilizo da escrita inserindo o formato de *cartas pedagógicas*, inspirada em Paulo Freire, e pressuponho exercer uma postura ética e crítica frente ao cotidiano. É interessante compreender as *cartas pedagógicas* disponibilizadas em Freire (2000) como uma possibilidade para que possamos acreditar e exercer papéis atuantes na cidadania e na democracia.

Para tanto, ao protagonizarmos a educação como sendo também este espaço-tempo convidativo à aproximação das vozes de estudantes, professores e demais integrantes da comunidade escolar; estamos a promover que o contexto local e suas problematizações possam ser evidenciados, compreendidos e manifestados para além de se dar a conhecer, ou seja: servindo a inspirar e dar exemplo para que outrem mobilize-se.

Nesta percepção, destaco em Freire (2000, p. 14) que:

Cabe a nós, pois, não fundarmos clubinhos ou capelas, mas **promovermos o diálogo amplo e crítico entre as grandes teorias** que, contra a maré do determinismo e do fatalismo inexorável da economia de mercado, da especulação, da ganância e da exclusão, querem **contribuir para um novo projeto planetário de convivialidade humana. Cabe a nós**, Paulo, que aqui ficamos, **derrubarmos muros e inventarmos** o que venho chamando, há alguns anos, uma *engenharia epistemológico-pedagógica* de pontes, através das quais possamos ir e vir, ao **encontro uns dos outros, sonhando com o dia em que possamos sentar à sombra desta mangueira da fraternidade global (grifo meu)**.

Ao compor e apresentar a pesquisa numa abordagem metodológica experiencial e que se apresenta em formato de *cartas pedagógicas*, estou a representar este espaço dialógico. E, no que cabe a mim, amplio e potencializo uma investigação autocrítica.

Numa análise frente as escolhas de práticas pedagógicas já desenvolvidas e que permanecem vivas como potências, tanto para as memórias docentes e discentes, como a nos servir de inspiração para acreditar, sonhar e esperar. Sim: estou aqui articulando sobre o que se fez, dos nossos sonhos planejados, das nossas práticas, dos nossos desafios e também, de algumas, frustrações pedagógicas.

E tudo isso se justifica não somente em mim e em nós, mas no desejo de ver nossas vivências reverberarem *para além dos muros da escola*. Sobretudo, escolhi investir tempo e recursos materiais nesta investigação no campo da arte e da educação. Ao pesquisar e teorizar a prática já consumada, me entendo com os devires de Freire (2000) ao acreditar que estou a contribuir com a ideia de construir *um novo*

projeto planetário de convivialidade humana, no encontro uns dos outros, sonhando com a fraternidade global (FREIRE, 2000, p. 14).

Esse trabalho de pesquisa visa praticar estratégias metodológicas em pesquisas acadêmicas que atravessam *o campo da abordagem experiencial* (Josso, 2007), bem como nos convidam a refletir sobre *o saber de experiência* (Bondía, 2002), compreendendo que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece”, portanto “o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Harmoniosamente com as ideias de Josso (2007, p. 424) destaco a essencialidade de planejarmos esta investigação de modo que:

[...] nossa abordagem experiencial da formação existencial deve ser vista sob múltiplas facetas:

- como um processo evolutivo de integração/desintegração de saber pensar, de conhecimentos, de representações, de valores, de comportamentos, de saber-fazer,
- como um processo de dar sentido às aprendizagens formais e informais, às experiências e aos projetos de si,
- como um processo de tomadas de consciência de si e de suas potencialidades,
- como um processo de concretização de uma intencionalidade em projetos,
- e finalmente, como uma transformação permanente – e às vezes imperceptível - do si psicossomático.

Ao se propor a estabelecer uma metodologia de abordagem experiencial, a pesquisa estabelece debate com os estudos de Souza (2007, p. 16), assumindo o compromisso de realizar um procedimento metodológico de maneira a demonstrar o quanto:

[...] o sujeito produz um conhecimento sobre si mesmo, sobre os outros e o cotidiano, o qual se revela através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes, ao narrar com profundidade. A centralidade do sujeito no processo de investigação-formação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, o que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história.

Em síntese, a metodologia de pesquisa por abordagem experiencial indica uma correlação com o percurso de memórias docentes em aproximação com as Artes Visuais presente nas potencialidades, descobertas e análises que permeiam o planejamento, a execução e a amostragem de resultados advindos do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

Para somar a este ponto de vista, a presente investigação considera na sua metodologia os seguintes procedimentos:

- Levantamento bibliográfico;
- Seleção e análise de memórias visuais docentes;
- Escolha metodológica para a apresentação do projeto de pesquisa de Mestrado;
- Revisão e consolidação dos referenciais teóricos;
- Apresentação detalhada do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes através de memórias visuais;
- Análise das etapas percorridas no Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes;
- Revisão da organização e da apresentação textual, em conformidade com a orientadora e as demais considerações disponibilizadas pela banca examinadora no período de Qualificação e, em conformidade com as pontuações recebidas na banca de Defesa desta Dissertação.

No que se refere ao **plano de capítulos**, o presente estudo contempla investigar cinco principais vertentes.

O **capítulo 1**, intitulado À infância que habita em min, apresenta meu percurso discente e docente em suas aproximações com as Artes Visuais. Assim, corroborando para justificar a minha escolha em ingressar no Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Artes, dando continuidade às pesquisas iniciadas na Graduação em Licenciatura em Pedagogia.

O **capítulo 2**, intitulado Aos infantes de todas as escolas, dá continuidade ao compartilhamento de meus percursos de formação discente e docente em aproximação com as Artes Visuais, ressaltando as escolhas de práticas pedagógicas que promoveram a metodologia PVE (Produção de Vídeo Estudantil) e as narrativas visuais como mote.

O **capítulo 3**, intitulado Aos pais e familiares, cita o relevante apoio e a participação da comunidade para esta parceria entre escola e família em prol de uma educação pública de qualidade.

O **capítulo 4**, intitulado Às equipes gestoras e às docências, versa sobre a gestão democrática e o empreendedorismo na formação docente, na perspectiva da criança como protagonista e autora. Bem como, enuncia o contexto da organização prévia e dialoga sobre o interesse das crianças da turma em produzir materiais digitais

e de participar do Concurso Municipal de Fotografia sobre Educação em Direitos Humanos, organizado pelo Conselho Municipal de Educação – CME/SL, situado na cidade de São Leopoldo/RS/Brasil (Concurso que inspirou os estudos do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes).

O **capítulo 5**, intitulado Às/os fotógrafas/os aprendizes, relata e analisa quais as tessituras do imaginário das infâncias compuseram os bastidores da atuação das/os fotógrafas/os. Assim, contextualizando as narrativas visuais das infâncias ao serem rerepresentadas pelas lentes da docência e no viés investigativo em Artes Visuais.

Nas considerações finais, pontuo inquietações frente a questão desta pesquisa. Bem como, proponho o convite para ampliar a quantidade de narrativas visuais e pedagógicas neste tempo-espço de diálogo para muito além do dedicado tempo de pesquisa acadêmica. Assim, considerando a relevante presença das infâncias e das docências, enquanto sujeitos ativos e protagonistas no exercício do pensamento crítico-reflexivo e do desenvolvimento da criança na escola.

E contextualizo a imersão das infâncias na cultura visual, ao trazer algumas hipóteses dialógicas que referenciam as tessituras do imaginário das infâncias que construíram e constroem o percurso de minha formação docente no que se refere às escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais no cotidiano da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).

Dessa forma, como pesquisadora, proponho ao/a leitor/a que adentre o importante espaço-tempo à análise das suas próprias experiências cotidianas na e com a escola.

Numa perspectiva dialógica e filosófica, acredito que mais professores (artistas e pesquisadores) devem se permitir o autoconhecimento e o desenvolvimento de práticas pedagógicas que contemplam a poética visual e validam as tessituras do imaginário das infâncias.

Em cumplicidade com os princípios de Duve (2012, p. 11) sobre o: “aprendizado da arte como uma práxis libertadora”, compartilho minhas inquietações apresentando-as num formato que dispõe de *cartas pedagógicas* (uma inspiração freireana) para ponderar estes aspectos que são pertinentes aos alentos e desalentos da minha formação docente diante das tessituras do imaginário das infâncias.

Acredito que aprender em companhia é uma das melhores metodologias aplicadas à educação pública de qualidade.

*Esperando, agradeço sua chegada e lhe desejo boas reflexões.
Saudações fraternas, Ana Ribeiro.*

1 À INFÂNCIA QUE HABITA EM MIM

São Leopoldo, fevereiro de 2021.

*Bom dia, com alegria.
Às Infâncias...*

Sorrir, imaginar, brincar, correr, saltar, cair, chorar, levantar e voltar a criar novas oportunidades de viver o mundo de forma leve e investigativa é o que as muitas infâncias me ensinaram neste percurso que já imprime 23 anos de docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Aos 40 anos, ainda habita em mim aquela menina curiosa e que adora escrever poesias, versos e que tem coragem de inventar canções e cantigas mesmo nos dias em que está a fazer compras básicas no mercado. E quem de nós já se permitiu observar as crianças no mercado? Algumas delas parecem mesmo estarem imersas em seus próprios mundos imaginários.

E se é assim em todos os lugares, porque não seria assim na escola?

Escolho estar mais próxima, estar atenta, escutar as falas, as canções e (em alguns momentos) os silêncios das muitas infâncias que acompanho nessa doce e importante tarefa de aprender e (quem sabe) ensinar. É assim porque acredito que as tessituras, as vozes, a melodia do mundo imaginário em que as crianças estão a correr podem ser habitáveis por adultos que se permitem conhecer as tessituras do imaginário das infâncias.

Às múltiplas infâncias que habitam e habitaram meu percurso de formação docente eu agradeço por terem me permitido adentrar seus mundos imaginários e por me ajudar a me tornar uma professora aprendiz.

Em continuidade às pesquisas iniciadas na Graduação em Licenciatura em Pedagogia, apresento meu percurso discente e docente em suas aproximações com as Artes Visuais. Assim, corroborando para justificar a minha escolha em ingressar no Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Artes.

Revisitar as memórias docentes e realizar estes registros, significa para mim: uma oportunidade para inspirar reflexões e para abrir espaço de diálogo sobre estes percursos na perspectiva teórica e histórica. Esse espaço-tempo de dedicação à pesquisa visa expressar a práxis presente nas escolhas de práticas pedagógicas que dialogam com as Artes Visuais.

Tão desafiante, sublime e necessário como o envolvimento do pesquisador com as suas descobertas é o fato de a produção escrita servir como potente ferramenta para mover outros estudiosos a pensar.

Do ponto de vista docente, foi preciso voltar um pouquinho no tempo para reviver as minhas memórias: um tempo histórico e também que contempla a poética. Conforme nos esclarece Taborda (2004, p. 10) “a poética não é a criação. É o

pensamento possível da criação. Ela trata de elucidar, tanto quanto é possível fazê-lo, o fenômeno da criação [...] é, simultaneamente, ciência e filosofia da criação”.

Para tanto, transcorre um tempo que acompanha, apresenta e aproxima, numa perspectiva dialógica e filosófica, a minha trajetória pessoal e profissional como pesquisadora, especialmente versando sobre o âmbito ideológico no que compôs as escolhas de práticas pedagógicas que contemplam a poética visual.

Um percurso docente que iniciou com a formatura do Ensino Médio, em 1999. Momento em que o Curso de formação inicial para a docência – Magistério me habilitou a atuar como professora de 1ª a 4ª série (atualmente denominada de Ensino Fundamental I, contemplando do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental) e ao Curso Preparatório para Professores de Pré-Escola - Pós-Médio, o qual me habilitou para iniciar o percurso pela Educação Infantil.

Eis que surge um novo rumo, uma fonte de inspiração para a construção de uma trajetória de dedicação aos estudos e muitos aprendizados junto com a educação infantil e com os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano): um norte e um plano de vida.

Enquanto docente, por vinte anos, de 1999 a 2019, a estrada que percorri entrelaçou-se com as primeiras etapas da educação básica. Vivenciei e oportuneizei encontros, desencontros e muitas aprendizagens sobre a vida, principalmente sobre a potência presente na pluralidade das infâncias a partir dos registros de memórias. Para realizar as escolhas de práticas pedagógicas me inspirei em professores artistas, enunciando uma aproximação com as Artes Visuais.

Na metade do tempo supracitado, em 2009, conquistei uma importante e projetada progressão na carreira: ascender da função de Atendente de Educação Infantil concursada na rede pública e municipal de ensino de Cachoeirinha/RS para o desempenho como concursada no cargo de professora de Educação Infantil na rede pública e municipal de ensino do município de São Leopoldo/RS.

Conseqüentemente, a serviço da análise da atual pesquisa de Mestrado em Artes, as escolhas de práticas pedagógicas aqui referenciadas aconteceram, em autoria colaborativa e no exercício do protagonismo de crianças, famílias, docente/s e demais membros da comunidade escolar, na rede pública e municipal de ensino do município de São Leopoldo/RS.

É significativo pontuar que entre 2014/2 a 2019/1, coexistiu com a minha atuação profissional o exercício de um novo papel na pesquisa em educação: um

momento de dedicação intensa às etapas iniciais da Graduação em Licenciatura em Pedagogia, cursada na modalidade a distância – em serviço, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

E, de forma concomitante, vivenciei o sublime período de gestar um bebê e do nascimento de minha filha (A minha *Obra de Arte* mais rara, plena e linda – para a minha percepção materna).

E, assim, começou a nascer em mim: a *mãe-professora*; contemplando um tempo vívido e intenso, em que precisei me reconhecer no mundo como aprendiz do cotidiano e a elencar novas prioridades existenciais.

Em 2016, de maneira mais consciente e efetiva, aconteceu o meu encontro, no papel de pesquisadora, com *a perspectiva de uso das tecnologias para a educação*. Este encontro, ampliou meu desejo por compreender e experimentar as narrativas visuais das infâncias protagonistas e de suas aprendizagens.

Neste marco temporal, aconteceu o meu despertar docente para as Artes Visuais como meio de comunicação e linguagem visual (não-verbal). Numa abordagem que nos inspira a pensarmos e a dialogarmos sobre a poética visual, surge a primeira criação literária⁴ e a primeira produção de vídeo estudantil – PVE⁵. Ambas foram produzidas em autoria colaborativa e como um convite aos espectadores para o exercício de *olhar para ler, ver e saber* sobre a visão/versão das infâncias sobre o mundo e seus arredores.

Neste encontro entre a teoria e as inúmeras possibilidades de refletir sobre a prática, em meu percurso profissional, percebi que muitas das minhas escolhas de práticas pedagógicas foram pautadas em inspiradores professores artistas, que permitem às crianças se posicionarem diante da vida, que as escutam, respeitando-as e dando vez e voz às *tessituras das infâncias*.

O termo “Tessituras das Infâncias” inspirou o título do referido projeto de pesquisa de Mestrado em Artes. De modo breve, as “Tessituras” representam “a melodia” das vozes das crianças a “cantar” e nos embalar por suas percepções de

⁴ A primeira criação literária, em autoria colaborativa com a turma do Berçário 2 (crianças de 2 anos a 2 anos e 11 meses), intitula-se: *Meu Amigo, Meu Tesouro*. Disponível no link: <<https://pt.calameo.com/read/0045596333d41145ead0e>>.

⁵ A primeira produção de vídeo estudantil – PVE, em autoria colaborativa com as turmas de Berçário 2 (crianças de 2 anos a 2 anos e 11 meses) e do Infantil 3 (5 anos a 5 anos e 11 meses), intitula-se: *Chega! É o fim do Zum Zum Zum!* Abordou a necessidade de combate ao mosquito *Aedes Aegypti*, em representatividade do dia a dia escolar. Disponível no link: <https://youtu.be/9E1t_tyssps?list=PLtOmawcjr5TZJmPaTXdD7GjfOFdPPV6>.

mundo. Posteriormente, este termo será revisitado novamente e posto em debate na pesquisa.

Refletindo sobre a Pedagogia e seu papel social, em conformidade com Westbrook (2010, p. 25), me sensibilizo a entender que:

A chave da Pedagogia de Dewey consistia em proporcionar às crianças “experiências de primeira mão” sobre situações problemáticas, em grande medida a partir de experiências próprias, já que, em sua opinião, a mente não está realmente liberta, ainda que não se criem as condições que fazem necessário que a criança participe ativamente da análise pessoal de seus próprios problemas e dos métodos para resolvê-los – ao preço de ensaios e erros (Dewey, 1903, p. 237). [...] Dewey valorizava o conhecimento acumulado pela humanidade e queria que, na escola fundamental, as crianças tivessem acesso aos conhecimentos das Ciências, da História e das Artes. Ele queria também que elas aprendessem a ler e escrever, a contar, a pensar cientificamente e a expressar-se de forma estética.

Por analogia a perspectiva pedagógica de Dewey, apresentada por Westbrook (2010) destaco a questão da formação do senso estético para o percurso de docência que se dispõe a utilizar a metodologia de produção de vídeo estudantil e da fotografia para ampliar o repertório e o potencial protagonista da primeira infância.

Este envolvimento docente apresenta-se na minha postura como escriba das tessituras do imaginário das infâncias: um exercício de escuta das notas melódicas (Figura 2) e de validação de suas narrativas, possibilitando projetar e ampliar o foco de visualidade da cultura infantil no ambiente escolar.

Figura 2: **Ana Ribeiro**, *Cena final da 1ª PVE: Chega! É o fim do Zum Zum Zum*, print de tela, 2016.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Analiso meu cotidiano como professora das infâncias, diante das concepções de Duve (2012, p. 169) ao dialogar sobre o projeto da Escola Belas-Artes da Cidade de Paris, destacando que:

[...] a principal função dos mestres, que devem ser artistas, não é transmitir os movimentos técnicos, mas uma concepção estética, uma sensibilidade e julgamento. As afinidades eletivas entre mestres e alunos são mais importantes que a competência propriamente técnica dos mestres, e não há motivo para que um aluno não decida aprender pintura com um escultor, se o seu olhar lhe convém.

Em 2017, conciliar o tempo da maternidade com a atuação profissional gerou a necessidade de uma mudança de escola. Neste novo contexto de vida, ainda concursada na mesma rede pública e municipal de ensino, a nova turma compunha o Infantil 2 (crianças de 4 anos a 4 anos e 11 meses). E, mais uma vez, as Artes Visuais estiveram inseridas no meu plano anual de trabalho e compuseram as escolhas de práticas pedagógicas, com a utilização da imagem (vídeo e fotografia) como meio de comunicação e linguagem visual (não-verbal).

A medida que a ênfase no vídeo e na fotografia retornaram como espaço-tempo de narrativas de infâncias protagonistas, também o meu planejamento (intencionalmente) me permitiu protagonizar a experiência das infâncias e suas tessituras como inspiração para produções e criações artísticas.

Este foi um espaço-tempo para as crianças deixarem seus registros ao mundo, através da literatura infantil e do cinema estudantil, de modo a estarem embaladas pela doçura e pelo imaginário das infâncias.

Neste contexto, surgiu a segunda criação literária⁶ e a segunda produção de vídeo estudantil – PVE⁷. Ambas em autoria colaborativa, com produções que envolveram o universo infantil e que transcorreram entre muitas potencialidades expressas pela parceria com a comunidade escolar. Incluindo a gravação da trilha sonora original composta pela professora Márcia Cristina Lauermann Jung (professora

⁶ A segunda criação literária, intitula-se: *João, Victor e o Cachorro Totó*. Disponível no link: <<https://pt.calameo.com/read/004559633f6665496318f>>.

⁷ A segunda produção de vídeo estudantil – PVE, em autoria colaborativa com a turma do Infantil 2 (crianças de 4 anos a 4 anos e 11 meses), intitula-se *Caixa de Brinquedos: Um Universo Infantil*. Inspiradora história dramatizada e narrada pelas crianças. Nos conta, de maneira divertida e alegre, a história dos meninos João e Vitor e do cachorro Totó a desvendar os mistérios de uma Caixa de Brinquedos e do Mundo da Imaginação. Criar, cantar, narrar, construir: são verbos que relatam este especial momento. Disponível no link: <https://youtu.be/dTiuQX_xsync?list=PL5ExbdxEyQNPUu27X3EfQyVRSD3ZINSZC>.

da turma, no turno contrário) e confecções de materiais por familiares e estagiárias, os quais nos auxiliaram a compor os cenários das obras criadas.

Em consonância, Antunes (2013, p. 41) versa sobre a consideração de que os projetos de trabalho, representam:

[...] uma metodologia apoiada num conjunto de procedimentos que procuram a construção de conhecimento através do universo e das motivações dos alunos. De acordo com esta proposta, o educador deve abandonar o papel de “transmissor de conteúdos” para se transformar num pesquisador, estimulando nas suas aulas a discussão e compreensão da cultura visual partilhada pelo grupo como contributo para a construção da sua identidade.

Ao exercitar a escuta e a observação das falas, gestos e também dos silêncios das crianças, consegui conciliar nosso cotidiano na educação para as infâncias, contemplando “o estudo das artes visuais” em práticas pedagógicas escolhidas para o exercício de criação artística em autoria colaborativa, promovendo abordagens: literárias, audiovisuais e fotográficas.

É nesse ínterim que aproximo as minhas memórias de formação docente a este movimento de escuta e observação frente às tessituras do imaginário das infâncias.

Figura 3: **Ana Ribeiro**, Cena 0'14 da 2ª PVE: *Caixa de Brinquedos: um Universo Infantil*, print de tela, 2017.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Pois neste contexto, convido ao diálogo-reflexivo: quanto uma caixa de brinquedos (Figura 3) pode nos falar sobre as nossas escolhas de práticas pedagógicas no percurso docente em aproximação com as Artes Visuais?

Neste sentido, as investigações de Oliveira (2009, p. 26) vem fortalecer teoricamente estas escolhas realizadas, quando nos registra que:

É nesse âmbito que o estudo das artes plásticas visuais pode auxiliar o indivíduo da sociedade contemporânea a ser mais crítico, a ampliar o seu olhar, o limite e a abrangência de sua percepção. Assim, fica nítida a necessidade da alfabetização visual, para que todo sujeito possa analisar o produto para além da embalagem; para que cada um possa ver o mundo para além da publicidade. Ver sob sua própria ótica e decidir como lhe convém o que é mais adequado e necessário a sua vida.

De forma consciente, esclarecida pelos estudos aplicados à presente investigação, escolhi persistir na inclusão das linguagens visuais (fotografia e produção de vídeo estudantil) em processos imagéticos e criativos que representam as tessituras do imaginário das infâncias e suas relações, conexões e proposituras em contextos educativos desde a mais tenra idade.

Mudar é sempre um recomeço, um presságio de novas e boas vivências, mas nos impele a assumir um comprometimento com um pouco mais a ser trabalhado (em nós e no novo ambiente).

No ano de 2017, na possibilidade de estender a carga horária de trabalho, emerge um novo desafio profissional: atuar 20hs por semana como articuladora pedagógica no Programa Novo Mais Educação 2017 da rede pública e municipal de ensino de São Leopoldo/RS, em regime de meio turno (manhã). Neste contexto, além de supervisionar e orientar a atuação dos professores mediadores das oficinas do Programa com os estudantes regularmente matriculados nas turmas do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, exerci como o principal papel de articuladora pedagógica: o de mediar e incentivar a interação com múltiplas possibilidades para as abordagens pedagógicas aplicadas ao Projeto.

Na perspectiva de oportunizar vivências no turno inverso para os estudantes para além das propostas pedagógicas planejadas para as oficinas de Matemática, Português, Dança e Futsal (incluídas pelo Programa Municipal), surge a ideia de complementar as oficinas de Matemática e Português com a abordagem metodológica da produção de vídeo estudantil – Metodologia PVE⁸.

⁸ A Metodologia PVE é uma abordagem metodológica estudada pelo grupo de pesquisadores sobre produção de vídeo estudantil, coordenado pelo Prof. Dr. Josias Pereira da Silva, mentor e líder do Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil – LabPVE, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Maiores informações disponíveis no link: <<https://wp.ufpel.edu.br/labpve/>>.

Nesse sentido, os estudos de Wunenburger (2008, p. 46) dialogam sobre a perspectiva estético-lúdica para o imaginário e propõe avaliarmos a relevância de que: "Junto con las conductas de supervivencia y del trabajo, lo imaginario abre la puerta a la esfera de actividades gratuitas, desinteresadas, custos ejemplos más universales son, el juego, el entretenimiento y las artes".

Ao pensar sobre as considerações de Wunenburger (2008, p. 46) entendo que as práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais promovem uma metodologia pedagógica em que “o imaginário abre a porta da esfera dos jogos, do entretenimento e das artes”. A Figura 4 versa sobre as práticas desenvolvidas em que a literatura, a gastronomia e muita diversão foram algumas das particularidades da docência que investiga as preferências das infâncias e promove uma aprendizagem que acontece cotidianamente e de forma significativa.

Figura 4: **Ana Ribeiro**, *Cena 3'09 da 3ª Produção de Vídeo Estudantil – PVE*, print de tela, 2017



Fonte: acervo da pesquisadora.

Para além de desenvolver o gosto pela leitura, estas escolhas de práticas pedagógicas acrescentaram espaço-tempo para a culinária e a ludicidade, com apoio da professora mediadora da oficina de Português Marina Rocha e das turmas de estudantes dos 2º e 3º anos, criou-se a terceira produção de vídeo estudantil – PVE⁹. Destaco a sinopse, que descreve a produção artística, como:

⁹ A terceira produção de vídeo estudantil – PVE, em autoria colaborativa com estudantes das turmas de 2º e 3º anos (faixa etária dos 8 aos 9 anos e 11 meses) e com a professora mediadora Marina Rocha, intitula-se: *O Livro de Receitas*. Disponível no link: <<https://youtu.be/R4Val-jEm4l?list=PL5ExbdxEyQNPUu27X3EfQyVRSD3ZINSZC>>.

Uma obra literária que parte do desejo das crianças em aprender e trocar suas ideias com a turma e seus familiares. É com alegria e muita doçura que a literatura e a culinária se encontram para brincar, colorir e alegrar a vida escolar das crianças. Para experimentar a arte da palavra escrita e da linguagem! E saborear esta fonte de inspiração para estudar a Língua Portuguesa com alegria!

Posteriormente, a partir de questionamentos pertinentes ao cotidiano dos estudantes das turmas de 4º e 5º anos, procurando expressar os motivos pelos quais precisamos aprender matemática, com apoio da professora mediadora da oficina de Matemática Mariana e dos estudantes destas turmas, realizou-se a quarta produção de vídeo estudantil – PVE¹⁰. Enuncio a sinopse desta obra audiovisual, ao resumir como:

Uma das perguntas mais frequentes nas aulas de matemática quando é apresentado um novo conteúdo, que é: “Vou usar isso para quê”? Ao abordar esta temática a personagem Flor atua representando o papel de uma aluna que acredita que a matemática não é necessária para nada na nossa vida. Com o passar do tempo de aula, inúmeras situações exigem da jovem o uso de noções matemáticas e de raciocínio lógico que envolvem nossa rotina diária. Aos poucos, ela se dá conta do quanto precisamos deste conhecimento, inclusive nas situações mais simples do cotidiano, como: calcular quanto tempo falta para o recreio.

Dúvidas, incertezas e angústias perpassam as paredes da sala de aula e permeiam em diferentes momentos os devaneios discentes no cotidiano escolar. Deste modo, ambas produções de vídeos estudantis foram desenvolvidas em autoria colaborativa, sob minha mediação e suporte técnico. No papel de articuladora pedagógica do referido Programa, no turno da manhã, me propus a refletir sobre temas pertinentes às tessituras do imaginário.

E, diante desta pesquisa, proporciono momentos reflexivos sobre o exercício do protagonismo infanto-juvenil diante dos desafios cotidianos e expressos em forma de narrativas visuais na perspectiva de entender estes movimentos que versam sobre a produção de vídeo estudantil como escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais.

¹⁰ A quarta produção de vídeo estudantil – PVE, em autoria colaborativa com estudantes das turmas de 4º e 5º anos (faixa etária dos 10 aos 11 anos e 11 meses) e com a professora mediadora Mariana Cristine Maciel da Silva, intitula-se: *Estudar Matemática? Para quê?* Disponível no link: <<https://youtu.be/sDFase7pu5E?list=PL5ExbdxEyQNPUu27X3EfQyVRSD3ZINSZC>>.

Proponentes em si mesmas, as memórias visuais narradas até aqui, disponibilizam reflexões e ponderações que se relacionam também com as potencialidades investigativas da pesquisa. E, como um marco no tempo e no espaço, se propõem a estabelecer conexões e interações perceptíveis com as tessituras do imaginário das infâncias em aproximação com as Artes Visuais e em consonância com a abrangência de possibilidades metodológicas aplicáveis ao processo de ensino e aprendizagem no cotidiano da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).

Ademais, considero prudentes as proposituras de Antunes (2013, p. 41-42) no que nos referenciam o entendimento de que:

O professor deve estar atento aos objetos da cultura visual dos alunos (Sanderlich, 2006, p. 467) e promover uma discussão crítica sobre essas representações segundo 4 domínios chave:

Histórico-antropológico - as representações visuais são relativas a determinados contextos que os conferem legitimidade. Por isso é essencial ultrapassar a primeira abordagem perceptiva do que é visualizado para uma total compreensão da mensagem;

Estético-artístico - as representações resultam da utilização de um determinado sistema de representação que recorre a códigos específicos;

Biográfico - as representações visuais estabelecem uma forte ligação com a identidade de quem as produz e de quem as utiliza;

Crítico-social - as representações visuais contribuem para demarcação de diferenças.

Estes aspectos não implicam uma ordem sequencial, e o objetivo é que o aluno consiga estabelecer diversas relações entre as representações visuais em discussão e os seus contextos de produção.

Numa perspectiva a refletir sobre o conceito de mestre-aprendiz, empregado por Duve (2012, p. 137) em suas inquietações, trata-se a entender que:

[...] o que caracterizava essa antiga relação do mestre e do aprendiz [...] encontramos em seu estado mais puro quando remontamos à Idade Média, é que o mestre tinha a consciência de que ele próprio não se via como modelo; ele transmitia uma tradição da qual ele tinha uma consciência muito mais humilde do que nós, em nossa concepção pós-romântica do artista: uma tradição da qual ele tinha consciência de ser simplesmente um elo.

Esta elocução que reconstrói práxis, nos permite aprender em companhia com o que já foi feito, transformando as práticas anteriores em novas oportunidades de convívio com as infâncias, perpassando por narrativas visuais e audiovisuais. Referenciando Duve (2012, p. 139), assim “Como o crítico de arte depende do artista, o aprendiz depende do mestre e reciprocamente”. A problematização desta investigação, frente uma natureza semelhante – uníssona, é representada por uma

escolha que pauta e fortalece a minha iniciativa, como pesquisadora, em acolher e vivenciar as nuances investigativas para dividir com o mundo acadêmico as percepções das crianças e a poética visual que inspiram as minhas escolhas de práticas pedagógicas.

Tendo em vista o presente instrumento, como professora aprendiz, dedico-me a entender esta experiência pedagógica vivenciada como forma de protagonizar, desenvolver e qualificar meu senso estético, motivada por uma postura docente empreendedora e proativa.

*Na companhia de suas e de minhas infâncias, sou e fui muito feliz: gratidão.
Com alegria, Ana Ribeiro.*

2 AOS INFANTES DE TODAS AS ESCOLAS

São Leopoldo, maio de 2021.

*Boa tarde, com alegria...
Aos Infantes...*

Ainda me lembro das nossas rodinhas de conversa na sala referencial, os momentos em que eu os escutava e sonhava junto com vocês, vivendo (de verdade) o mundo da imaginação e da criatividade...

Que memórias lindas e afetivas eu guardo e (espero) que ainda se lembrem de mim e principalmente de nós.

Por alguns lindos anos letivos, fomos: cúmplices, sonhadores e realizadores das suas tessituras do imaginário das infâncias.

Sou imensamente grata e feliz por termos aproveitado nosso tempo juntos para criar, brincar e produzir materiais digitais tão especiais e que continuam a perpetuar na nossa memória afetiva (e virtual).

E foi assim...

Numa dessas rodinhas tão ricas de conhecimento e trocas de aprendizagens que, numa das escolas, eu levei ao conhecimento daqueles infantes o folder do 1º Concurso Municipal de Fotografia com a temática Educação em Direitos Humanos, organizado pelo Conselho Municipal de Educação – CME/SL, da cidade de São Leopoldo/RS.

Ainda me lembro dos olhinhos brilhando...

Lembro que neste dia também mostrei, no meu smartphone, o aplicativo BitMoji e conversei sobre a ideia de criarmos um Avatar para que pudessem se apresentar como se estivessem num game e, neste dia, pensamos juntos tantas ideias... fui anotando...

E combinamos que eu iria fazer uma reunião com os pais para saber se íamos ou não enviar as fotos realizadas para o Concurso, mas uma decisão nós já tomamos ali mesmo: fotografar a escola, o bairro e estudar sobre direitos humanos era o que íamos começar a fazer...

E que bem o fizemos e nos fez esta decisão!

Em continuidade ao compartilhamento de meus percursos de formação discente e docente em aproximação com as Artes Visuais, resalto as escolhas de práticas pedagógicas que promoveram a metodologia PVE (Produção de Vídeo Estudantil) e as narrativas visuais como mote.

Em acordo com as considerações de Piorski (2016, p. 56), é essencial compreender que:

Para a imaginação, todo ser guarda em si um enigma, um desconhecido, uma surpresa, um novo. O agudo mundo das imagens internas da criança dialoga com as formas externas, sempre buscando nestas uma alma, algo por trás do véu. Esta é a natureza do imaginar: sonda a vida pelo encantamento. [...] a imaginação da criança sempre flagra uma ausência, um algo a ser apanhado nas coisas do mundo. Acredita sempre que o visto não está visto por inteiro, há ainda um mais dentro, um mais recôndito, um mais íntimo. Assim, as formas, a vida formal, são sonhadas como detentoras de mistérios. Há uma informação estrutural nas forças imaginárias, que pressentem sempre uma intimidade do mundo. É esse recurso que leva a criança a conhecer, a investigar, a sondar, a buscar o que está por trás de tudo.

À luz dos olhares sensibilizados pela docência, de modo a perceber nas crianças: contextos, percepções, necessidades, distinções, memórias, imaginários, vivências, tessituras e conceitos. E, estabelecer um diálogo entre pesquisadores sobre os pressupostos que colaboram com as possibilidades de respostas à questão de pesquisa, em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, quando orienta que há “[...] necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação” (BRASIL, 2018, p. 38-39).

Neste viés, contemplando uma perspectiva investigativa com a Educação Infantil, a quinta produção de vídeo estudantil – PVE¹¹, fez parte do projeto acima referido e está intitulada como: *#SomosTodosJogadoresDoBem*.

A referida produção partiu da necessidade real de uma das famílias da turma e dos questionamentos de uma das crianças: “Porque as crianças precisam se vacinar”? Nesta etapa, V. B. K. - 5 anos, inspirou as demais crianças a realizar o projeto de aprendizagem de modo a elencar a prática da pesquisa científica como uma das prioridades na rotina pedagógica da turma, investigando também “Quais doenças são prevenidas com a vacinação infantil?”

A trilha sonora registra sua originalidade numa composição inédita, da canção intitulada *Vacinar eu vou*, em autoria colaborativa com a colega de turno inverso, professora Márcia Cristina Lauermann Jung, parceria firmada entre a Educação Audiovisual e a Educação Musical.

Esta prática pedagógica potencializa a visão de que na educação infantil é importante um planejamento pedagógico pautado na escuta atenta e no olhar sensível, priorizando as necessidades e os desejos das infâncias.

Nesta abordagem, Kramer (2000, p. 8-9) já propunha que:

Escolas, pré-escolas e creches são espaços de circulação das culturas, no plural: das tradições culturais, costumes e valores dos diferentes grupos, suas trajetórias, experiências, seu saber; dos conhecimentos culturais disponíveis na história de uma dada sociedade, povo, país. O que singulariza o ser humano é essa pluralidade de experiências, de valores e saberes presentes na dança, música, na produção de objetos, nas festas civis ou religiosas, nos modos de cuidar das crianças, da terra, dos alimentos, roupas, nas trajetórias contadas pelas famílias, grupos, etnias. Essa pluralidade cultural materializa-se também na literatura, no cinema, arte, música, fotografia, teatro, pintura, escultura, nos museus, na arquitetura. Não trato aqui do acesso a essa produção como parte de uma educação ilustrada e livresca.

¹¹ A quinta produção de vídeo estudantil – PVE, em autoria colaborativa com a turma do Infantil 5 (crianças de 5 anos a 5 anos e 11 meses), intitula-se: *#JogadorDoBem_SeVacinaTambém*. Disponível no link: <<https://youtu.be/8mplw-ewLGU>>.

Nessa concepção, “longe de propor que alunos e professores aprendam ou ensinem gêneros literários, movimentos estéticos, longe de propor o uso da produção cultural e da arte como enfeite, ou para ensinar conteúdos escolares”, a autora defende que “crianças e adultos possam aprender com a cultura e a arte, com os livros, com a história, com a experiência acumulada”. Para ela pensar “a experiência com a produção cultural contribui na formação de crianças, jovens e adultos”. Levando em conta os apontamentos da autora, entende-se que estas escolhas de práticas pedagógicas podem “resgatar trajetórias e relatos, provocar a discussão de valores, crenças e a reflexão crítica da cultura que produzimos e que nos produz, suscita o repensar do sentido da vida, da sociedade contemporânea e nela do papel de cada um de nós”. Isto posto, “toda produção cultural comprometida com a cidadania e com a democracia precisa ter na formação cultural um de seus elementos básicos” (KRAMER, 2000, p. 9).

Por este viés do imaginário expresso pelas crianças nas suas melodias cotidianas, pretende-se compor as reflexões sobre as nuances que envolvem as escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais.

Tal intuito é relevante ao debate em pesquisa entendendo o papel social que ela estabelece na relação da tríade: educação, arte e pesquisa. Nesta concepção, partindo do ponto vista de que é emergente conceituar as escolhas que permeiam a potencialidade de dar sentido ao que é vívido na combinação presente entre a formação docente e as tessituras do imaginário das infâncias.

Potencializando, assim, que as tessituras sejam o eco das vozes das infâncias a entoar as possibilidades lúdicas experienciadas no percurso ético-estético dos processos de aprendizagem nesta intrínseca relação com a cultura visual.

Com esta perspectiva, corroboram as análises de Piorski (2016, p. 76) de que:

A materialidade do brincar é do campo das significâncias da alma. Perpassa o tato, o olfato, a audição e o paladar, alçando tais impressões sensoriais para o dinamismo dos símbolos, acordando imagens e arcaísmos do ser, comungando a vida presente com a memória longínqua das gerações. **Exige do educador um estudo cuidadoso e empático do alcance das impressões, uma audição musical para as estripulias do eco imaginal e, cada alma, uma visão para além dos limites da retina [grifo meu].**

Para tanto, entendo que é tão delicado e ao mesmo tempo relevante que possamos abrir as janelas de memórias (Figura 5), lembrando os percursos da

formação docente para pensar sobre as nossas escolhas diante das preferências e práticas desenvolvidas com as infâncias. E, desta maneira, reconhecer e validar as suas percepções sobre o mundo.

Figura 5: **Ana Ribeiro**, *Janela da Exposição dos Fotógrafos Aprendizizes*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

E, para isso, pretende apontar caminhos para que a docência exercite o respeito e a valorização das tessituras do imaginário das infâncias, com base no desenvolvimento do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizizes, realizado em autoria colaborativa, em escola de educação infantil na rede pública e municipal de ensino da cidade de São Leopoldo/RS.

Deste modo, enuncio o contexto da organização prévia e relato sobre o interesse das crianças da turma em produzir materiais digitais e de participar do Concurso Municipal de Fotografia sobre Educação em Direitos Humanos, organizado pelo Conselho Municipal de Educação – CME/SL, situado na cidade de São Leopoldo/RS/Brasil (concurso que inspirou os estudos do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizizes).

Em 2018, em percurso de formação docente no curso de Licenciatura em Pedagogia, coincidiu com a elaboração e execução do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizizes¹². Um espaço-tempo reflexivo e voltado para a temática *Educação em Direitos Humanos*.

¹² O artigo intitulado *Educação Infantil em Foco: Inovações Pedagógicas & Educação Audiovisual*, é uma possibilidade para conhecer algumas especificidades do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizizes. Disponível no link: <<https://pt.calameo.com/read/0053973633d13699cc05a>>.

Assim, numa abordagem que nos inspira pensarmos e dialogarmos sobre a poética visual, foi que surgiu a terceira criação literária, intitulada Exposição dos Fotógrafos Aprendizes, a qual é o objeto de análise desta investigação e foi oficialmente publicada, com a ajuda de professores e colaboradores que financiaram os custos desta etapa do projeto escolar.

Numa relação de autoria individual, mas também colaborativa, as crianças exerceram importantes papéis autorais: criando os cenários, seu próprio avatar, relatos e registros fotográficos.

Acredito que este é um ponto potente para as reflexões desta pesquisa de Mestrado em Artes, pois que apresenta os subsídios para o leitor perceber tais tessituras do imaginário das infâncias.

Tendo em vista que, enquanto pesquisadora, considero imprescindível e emergente distanciar-me um pouco, a olhar as experiências, de modo que as narrativas aqui publicadas possibilitem que meus percursos docentes e investigativos expressem a potência dos contextos relacionais entre os atores envolvidos no processo (inclusive os meus) como fonte principal de uma reflexão-crítica.

O que converge entre as argumentações apresentadas por Oliveira (2018, p.01) quanto a compreensão das imagens e seu caráter educativo no pensamento do filósofo Vilém Flusser, ao representar a maneira como:

Flusser organizava as ideias em textos curtos que geralmente tratam de apenas um assunto sem qualquer referência direta aos autores utilizados na construção de sua argumentação, e que tem o objetivo de criar imagens mentais, visto que ele entende o texto como um construtor de imaginação [...] A relação texto-imagem somada à ausência de referências amplia o potencial crítico de seus escritos. [...]

No contexto da investigação frente as tessituras do imaginário das infâncias refletem os argumentos flusseiriano, pois que as imagens (por si só) comunicam e ocultam fatos da realidade, uma vez que esta visão filosófica defende que “a imagem é uma forma de linguagem” (OLIVEIRA, 2018, p. 2).

Nas pesquisas de Oliveira (2018, p. 2) analisa-se o livro escrito por Flusser, intitulada como “Filosofia da caixa preta”; desta análise, percebi que para o meu percurso investigativo no projeto de pesquisa de Mestrado foi relevante vivenciar esta oportunidade de leitura e apropriação das concepções flusseirianas, tendo em vista que:

[...] toda criação imagética é criação de mundo, criação de significado. [...] um mundo constituído por significados, os quais se modificam de acordo com a mudança do próprio mundo. [...] Para Flusser, as imagens e as línguas escritas e faladas são criadoras de mundo, visto que são códigos simbólicos compartilhados intersubjetivamente para permitir que os seres humanos não se constituam como mônadas isoladas, mas sim, façam parte ativa de um tecido sócio-histórico. [...] Principalmente se levamos em consideração que vivemos em um mundo predominantemente constituído por imagens.

No início do ano letivo de 2019, em regime de extensão de carga horária por tempo determinado (para substituir uma professora em licença maternidade), assumi a regência de classe da turma Infantil 5ª em Escola Municipal de Ensino Fundamental da rede pública de ensino de São Leopoldo/RS.

No período de cinco meses: entrevistei as famílias, acolhi as crianças, realizei a adaptação escolar num contexto em que a maioria das crianças eram novas na escola, estando a frequentar este ambiente pela primeira vez. Assim, aos poucos, em conformidade com a elaboração do plano semestral de trabalho, aconteceu uma aproximação entre docente, estagiária, crianças e famílias. Entre as tantas crianças e famílias a serem adaptadas pela primeira vez no espaço escolar, uma se destacou por expressar-se através de gravações de vídeos.

Dialogando com a equipe diretiva escolar, planejei um plano semestral de trabalho que contemplou práticas pedagógicas com período de duração de cinco meses (fevereiro a junho) e este planejamento promoveu a base teórica para a criação do Projeto ABC Diário da Sustentabilidade.

Inicialmente, ao escutar os interesses das crianças, conhecer suas preferências e as expectativas delas e de suas famílias, surgiram dois caminhos: a pesquisa sobre hábitos sustentáveis e a escrita coletiva de uma aventura entre um monstinho e dois super-heróis. No decorrer dos dias, novas crianças chegaram para compor o grupo e, concomitante a estas primeiras etapas que anunciaram as tessituras do imaginário das infâncias, recebemos uma criança com necessidades especiais. Sua família estava realizando investigação frente ao Transtorno do Espectro Autista – TEA e nos ensinou muito sobre suas potencialidades, necessidades e fragilidades.

Ao identificar que a referida criança se expressava verbalmente com pouca frequência, estávamos nos conhecendo e a mãe nos informou que, em casa, costumavam se comunicar através de gravações de *self vídeo*. E, nesta abordagem metodológica e dialógica – cada um no seu tempo – fomos descobrindo a linguagem

audiovisual como forma de comunicação e expressão para nosso cotidiano pedagógico.

Eis que a proximidade com a tecnologia móvel foi abrindo espaço para a criação colaborativa de um roteiro, tendo em vista que era importante proporcionar uma rotina pedagógica bem organizada e com um tempo determinado para as mudanças de espaços, propostas, momentos de entrada/saída de pessoas na sala, sons e ruídos altos, e afins.

Para qualificar as escolhas de práticas pedagógicas e contemplar as preferências e necessidades de todas as crianças, comecei a planejar, colaborativamente com a professora da Sala de Recursos Multifuncionais da Escola, a qual atuava mais diretamente com os casos que necessitavam de um olhar mais atendo à inclusão escolar.

Assim, nos adaptando às necessidades de cada um e cada uma, também acolhendo as inúmeras dúvidas e inseguranças docentes, enquanto protagonistas deste espaço-tempo de escolha das práticas pedagógicas, combinamos com as famílias a possibilidade de realizarmos uma produção de vídeo estudantil com o tema: *Sustentabilidade*.

Apoiadas pelas famílias, as crianças, professoras e estagiária receberam cartazes confeccionados numa proposta de “fazer um tema em família” e a partir desta criação artística familiar surge a primeira produção de vídeo estudantil, na modalidade Minuto Mudo¹³.

Ao assistirem o vídeo estudantil as crianças expressaram a sua insatisfação com a duração do vídeo, considerando que “passa tudo muito rápido”. Mesmo as crianças dizendo que gostaram de assistir, a maioria delas pedia para aumentar o volume da televisão. Momento em que a professora explicou que a proposta tinha sido esta: fazer um vídeo estudantil de Um Minuto Mudo e, notoriamente insatisfeitos com o resultado, as crianças pediram para: “fazer de novo, mas agora com som ligado”.

E, contemplando as observações e sugestões das crianças, ao reeditar o vídeo, surge a sexta produção de vídeo estudantil – PVE¹⁴. O envolvimento das crianças, da

¹³ A primeira produção de vídeo estudantil – PVE, na modalidade Minuto Mudo, em autoria colaborativa com a turma do Infantil 5A (crianças de 5 anos a 5 anos e 11 meses), intitula-se: *ABC Diário da Sustentabilidade*. Disponível no link: <<https://youtu.be/v8PRH9rcWk8>>.

¹⁴ A sexta produção de vídeo estudantil – PVE, em autoria colaborativa com a turma do Infantil 5A (crianças de 5 anos a 5 anos e 11 meses), intitula-se: *Práticas cotidianas na escola: construindo o ABC Diário da Sustentabilidade*. Disponível no link: <<https://youtu.be/64kADMDb6Yc>>.

equipe diretiva, da estagiária e das famílias foi crescente. Sendo respeitadas em seu espaço-tempo, todas as crianças, demonstravam sentir-se bem na escola.

Tendo em vista que em suas brincadeiras, as crianças criavam e recriavam histórias com super-heróis e violões, outro desafio de aprendizagem nos é imposto nas potencialidades das tessituras do imaginário das infâncias, E sendo assim, rotineiramente, algumas crianças também vinham para a escola com fantasias dos seus personagens favoritos.

Em diferentes momentos de observação e na execução das práticas pedagógicas escolhidas, percebi que os interesses da turma se voltavam para a criação de narrativas audiovisuais.

Em outra reunião de pais, ao apresentar uma história coletiva criada pelas crianças, dialoguei com os familiares sobre a possibilidade de planejarmos a escrita de um roteiro colaborativo, a ser estruturado com as crianças, para realizarmos uma produção de vídeo estudantil a ser gravada fora da escola, num passeio ao Parque Getúlio Vargas (Canoas/RS) em visitação ao Labirinto Verde e ao Mini-Zoo.

Desafio aceito e apoiado financeiramente pelas famílias (inclusive a minha); com roteiro criado colaborativamente; fantasias e materiais confeccionados pelas crianças, famílias, professora e estagiária; com apoio da equipe diretiva e da professora da sala de recursos da escola: eis que surge a sétima produção de vídeo estudantil – PVE¹⁵. Um passeio filmado que além de ter sido um espaço-tempo para muita diversão, aprendizagem e comilança; também representou um marco importante na história de crianças, docentes e familiares (que puderam acompanhar a turma durante um passeio em dia de semana).

No cotidiano da turma, o conceito de *imaginação* também se fez presença. Pautado em Piorski (2016, p. 22): “[...] a imaginação é a verdade da criança”. E, “Justamente por tal motivo, faz-se necessária uma investigação mais acurada sobre a mais fluente e livre voz da infância: a imaginação do brincar”.

Conhecer e compreender o conceito de *professor-artista* representou uma oportunidade de escolher novas práticas pedagógicas. Para elucidar, “[...] ser professor-artista [...] essa maneira de pensar e abordar a prática pedagógica solicita um engajamento, uma performance cultural da função docente. Requer um

¹⁵ A sétima produção de vídeo estudantil – PVE, em autoria colaborativa com a turma do Infantil 5A (crianças de 5 anos a 5 anos e 11 meses), intitula-se: #Sustentar_O_Bem_Faz_Bem. Disponível no link: <<https://youtu.be/VhRhQBnILvc>>.

empreendimento colaborativo envolvendo outras formas de subjetividade e potência criativa”. Percepções que estão “imbricadas numa perspectiva político-relacional que prospecta sentidos, subjetividades e elementos culturais”. E que representam “modos de construir estratégias, de reinventar abordagens e metodologias que fazem pulsar a experiência estética e processos de criação na arte, na cultura e na educação” (DIAS e MARTINS, 2019, p. 130).

Ademais: *imagem, repertório visual e memória* são três conceitos caros que tenho estudado mesmo anteriormente a minha entrada no Programa de Pós-graduação e que promove estabelecer a aproximação desta pesquisa de Mestrado com as Artes. Tais aproximações investigativas da pesquisadora e professora-artista Diefenthaler¹⁶ (2017, p. 58) nos concebe que: “[...] podemos ver as coisas para as quais já possuímos imagens identificáveis. [...] isso funciona como se fôssemos formando um repertório visual e reconhecêssemos as imagens que já estivessem “arquivadas” nessa memória”. Para assim, partirmos do pressuposto de que nossa memória se constrói nas experiências de afeto (do verbo afetar) que nos tocam, sensibilizam e constroem nossos registros imagéticos (BONDÍA, 2002, p. 24).

Neste contexto, que o projeto ABC Diário da Sustentabilidade reverberou para além dos muros da escola e as produções de vídeos estudantis, participaram: da Mostra de Trabalhos da Escola, da Mostra Tecnológica e Científica da rede pública e municipal de ensino de São Leopoldo/RS (MOTIC), da 7ª Premiação Cidadão Paulo Freire – Câmara de Vereadores de São Leopoldo/RS, dos Festivais Municipais de Cinema Estudantil (Minuto Mudo e São Leo em Cine) – promovidos pelo Núcleo de Educação Audiovisual da cidade de São Leopoldo/RS.

Bem como, foi divulgado no artigo intitulado *ABC Diário da Sustentabilidade: Produção de Vídeo Estudantil na Educação Infantil*, registrando as principais investigações do referido projeto, o qual foi publicado na 3ª edição da Revista Educa SESC/RS¹⁷.

¹⁶ Com o intuito de destacar a relevância do Espaço de Arte Mirabolando e o quanto inspirou (e continua a inspirar) meu percurso de formação docente, saliento que o considero uma potente referência em arte-educação. Tal Espaço, foi idealizado pela pesquisadora Diefenthaler e atualmente se tornou Escola de Educação Infantil Mirabolando. Para conhecer mais a aproximação desta Escola com as Artes Visuais, disponibilizo o link: <<https://pt.br.facebook.com/mirabolandoespacodearte/>>.

¹⁷ Para a leitura do artigo publicado na 3ª edição da Revista Educa SESC/RS, intitulado *ABC Diário da Sustentabilidade: Produção de Vídeo Estudantil na Educação Infantil*, está disponível no link: <<http://www.pubblicato.com.br/educasesc3/20/>>.

Ainda no ano de 2019, destaco uma conquista muito almejada, batalhada e importante para a minha formação docente: a diplomação como Pedagoga, que foi obtida com a pesquisa sobre Fotografia e Produção de Vídeo Estudantil na Educação Infantil¹⁸.

Em sintonia com as reflexões iniciadas na recente escrita acadêmica (no ano de 2019) na Graduação em Licenciatura em Pedagogia, a presente pesquisa de Mestrado em Artes se mobilizou para apresentar possibilidades e perspectivas do percurso de formação docente, promovendo uma investigação que perpassa por uma análise ético-estética diante das escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais no cotidiano da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).

Nesta interlocução pedagógica com minhas memórias de formação docente, tendo como argumento as potencialidades do conceito de ecosofia para Guattari (1990) na obra *As Três Ecologias*, sustento a ideologia de que há muito a ser desvelado na dinâmica das produções audiovisuais e do imaginário das infâncias em contextos de processo de aprendizagem em aproximação com as Artes Visuais.

Para esse fim, é relevante estabelecer uma conexão da criação artística pelas infâncias (o sujeito) com o meio, suas concepções e posturas frente as suas relações com a existência planetária, requerendo a experiência de uma postura humana e ética, com respeito e reconhecimento às ideias das crianças.

Nesse processo de análise de narrativas visuais, numa perspectiva teórico-reflexiva, escolhi voltar aos estudos para desenvolver a atual pesquisa.

Em 2020, ao ingressar nas aulas das disciplinas disponibilizadas no Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Artes – PPGArtes, conheci a obra *A Casa Redonda* e tivemos o privilégio de ter aula com um dos seus fundadores: o artista, pesquisador e Prof. Dr. Damé.

Neste significativo encontro, me sensibilizei a pensar, ainda mais profundamente, sobre a relação da apresentação realizada pelo Prof. Dr. Damé com a minha proposta investigativa no Mestrado em Artes, especialmente no que tange a estabelecer quais as tessituras do imaginário das infâncias me transformam, me

¹⁸ Para conhecimento do referido Trabalho de Conclusão de Curso, em parceria com o Grupo de Pesquisa do Laboratório de Produção de Vídeo Estudantil – LabPVE da Universidade Federal de Pelotas, disponibilizo o link com a publicação digitalizada: <https://wp.ufpel.edu.br/gp2ve/files/2023/03/TCCAnaPaulaNecchiRibeiro_versaoatualizadapublicacao_29novembro2019.pdf>.

oferecem a oportunidade para criar, crescer e continuar me desenvolvendo como professora e pesquisadora para, assim, qualificar as minhas práticas pedagógicas.

Na tese do Prof. Dr. Damé (2018) ele nos apresenta o Projeto A Casa Redonda. Logo no capítulo 1, intitulado *Cem imagens: a experiência do olhar*, ele detalha o conceito de narrativa imagética, na compreensão de que “A narrativa imagética [...] expõe recortes subjetivos da realidade [...] emerge do campo aberto, direcionando-se para o processo de construção do espaço [...] o olhar se larga para o entorno, visto o imaginado, percebendo as nuances da paisagem do lugar” (DAMÉ, 2018, p. 25).

Como acontece no capítulo 1 da supracitada tese de doutorado, que apresenta as perspectivas do processo criativo do Projeto A Casa Redonda (DAMÉ, 2018), metaforicamente, há um *campo aberto* na dialogicidade entre as lentes das infâncias representadas no livro intitulado Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes (RIBEIRO, 2018).

Esta relação dialógica se estabelece especialmente na oportunidade que se oferece às infâncias de direcionar suas potencialidades para o processo de construção do espaço no plano ético e estético. Para tanto, em ambos registros de escolhas de práticas vivenciadas na coletividade, o olhar se larga para o entorno, visto o imaginado numa narrativa imagética de quem sonhou, planejou, executou e narrou as suas relações e percepções na concepção de suas obras.

A experimentação, em tenra idade, com a linguagem das Artes Visuais estabelece não só uma abordagem ético-estética ao processo de ensino-aprendizagem, como também pressupõe uma aproximação com a tríade das ecologias pesquisadas por Guattari (1990): a mental, a social e a ambiental.

É nestas perspectivas que penso sobre o projeto desenvolvido, observando que cada detalhe da Exposição dos Fotógrafos Aprendizes elencou relevantes reflexões que, como uma professora aprendiz, promoveram em mim este desejo de continuar aprendendo e qualificando as minhas escolhas de práticas pedagógicas, pautada nas potencialidades e possibilidades expressas por narrativas imagéticas dessa na versão do mundo para as infâncias.

Para tanto, entendo como relevante estabelecer uma rede de apoio com a participação da comunidade escolar. Esta parceria entre escola e família em prol de uma educação pública de qualidade, favorece o desenvolvimento progressivo das infâncias no processo de ensino e de aprendizagem.

Gratidão a cada uma e cada um, Ana Ribeiro.

3 AOS PAIS E FAMILIARES

São Leopoldo, fevereiro de 2022.

*Boa noite, com resiliência e muitos aprendizados...
Aos pais e familiares...*

Eu agradeço por me oportunizarem a honra e a alegria de aprender na companhia das suas crianças.

Foi estabelecendo uma relação próxima, complementada por: parceria, diálogo e respeito mútuo que construímos o nosso relacionamento entre professores e famílias.

Muitas vezes precisamos olhar nos olhos um dos outros, dialogar de pertinho sobre doloridas verdades e realizar combinações que reverberavam em mudanças no nosso cotidiano...

Esta aproximação entre professores e família, nem sempre foi um relacionamento fácil para nós.

Como adultos responsáveis que somos, temos como principal papel: nos unir para auxiliar no saudável desenvolvimento das nossas infâncias...

Assim, juntos nas dificuldades, superando-as... também construímos oportunidades para presenciar a felicidade das nossas crianças.

Em prol de uma educação pública de qualidade, o apoio e a participação da comunidade são relevantes na construção de uma parceria entre escola e família.

A construção desta importante relação favorece o desenvolvimento progressivo das infâncias no processo de ensino e de aprendizagem. Para esta pesquisa, ao relatar um pouco sobre a família e a comunidade escolar, faz-se necessário narrar algumas partes que compõem as minhas memórias de formação docente.

Após ter cursado disciplinas complementares à formação em Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, para esta professora aprendiz tornou-se possível exercer a função de Monitora do Ensino Superior, sob orientação da Profa. Dra. Cíntia Inês Boll no acompanhamento de discente nas disciplinas: Educação a Distância e Ambientes de Aprendizagem e Cultura Digital e Mídias Móveis na Educação. Eis que este é um dos momentos mais expressivos e que marcam o meu aprofundamento na postura de pesquisadora e no convívio do ambiente acadêmico, atuando diretamente com a formação inicial, especialmente de professores.

Para a formação discente e docente, transitar por diversificadas instâncias no ambiente acadêmico, possibilita uma maior aproximação com temáticas para compor as futuras pesquisas a serem desenvolvidas e amplia os horizontes e as perspectivas

para aprendizagem. Deste modo, é importante ressaltar que: para que essa experiência fosse realizável, eu também contei com o apoio do meu marido e de sua família. Como rede de apoio, me ajudaram a conciliar os cuidados com a minha filha, com a minha rotina de estudos e para que eu pudesse conciliar tudo isso com a minha atuação docente em carga horária semanal de 50 horas/aula.

Paralelamente com o exercício da maternidade recente, com a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e com a Monitoria do Ensino Superior, também perpasssei por múltiplas etapas de formação continuada. Tais formações, foram promovidas pela Secretaria Municipal de Educação – SMED de São Leopoldo/RS e instituições parceiras, como a Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E propiciaram novas possibilidades para que eu pudesse transpor novos espaços-tempos na atuação profissional e pessoal.

Aos poucos foi importante e possível: conectar um fio a estas aprendizagens como um elo que une a incrível potência que é aprender em companhia e que me permitiu projetar um plano de progressão na carreira e impulsionar ainda mais a minha formação docente e no desempenho do meu mais novo e relevante papel: o de mãe.

Para tanto, com disposição e boa vontade para aprender mais, a partir do segundo semestre de 2018 até o segundo semestre de 2021, atuei como pesquisadora no grupo de pesquisa Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil – LabPVE¹⁹, promovido pelo Centro de Artes, sob coordenação do Prof. Dr. Josias Pereira da Silva, em parceria com a Profa. Ma. Eliane Beatriz Candido. Esta etapa registro como mais um marco espaço-temporal decisivo para o fortalecimento de vínculos que iniciaram fazendo parte da minha história de formação docente e hoje fazem parte da minha história de vida.

Ao adentrar a academia, por este novo viés, estabeleci novas relações dialéticas entre teoria e prática da docência com a Educação Básica. Diante das inúmeras predisposições para pensar sobre práticas e das escritas reflexivas de artigos e de participações em seminários e apresentações acadêmicas, eis aí mais um ponto que se fortalece no desejo de aprofundar a investigação sobre as tessituras

¹⁹ O grupo de pesquisa do Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil – LavPVE, dispõe de um convite aberto aos professores da educação básica que atuam com produções de vídeos estudantis a virem dialogar sobre suas práticas pedagógicas e a estudar em companhia. Informações complementares estão disponibilizadas no link: <<https://wp.ufpel.edu.br/gp2ve/>>.

do imaginário das infâncias e percorrer os caminhos dos estudos que se aproximam com as Artes Visuais.

Neste viés, foi o ano de 2020 um marco dos 40 anos de existência desta mãe, professora, aprendiz (também em Artes Visuais) e pesquisadora das infâncias.

Naquela situação emergente, ainda sem muitas condições de compreensão e prognósticos de tempo-espaço, preparei-me para resistir à maior crise sanitária mundial: o contexto da pandemia por Covid-19. Assim, com tamanha necessidade de sobrevivência, foi necessário exercitar a persistência e a dedicação para conciliar as demandas das experiências familiares, do trabalho remoto e para encontrar coragem de acreditar na busca por continuar a qualificação profissional, objetivando atingir a meta de aprofundar os estudos iniciados na graduação e construir uma nova oportunidade para realizar descobertas e reflexões na relação entre a teoria e a prática.

Deste modo, ao tomar conhecimento da abertura do Edital para o Mestrado em Artes pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, acreditei na oportunidade de expressar o singular significado da expressão GrAtitude. E, na ocasião, me permiti dedicar tempo-espaço também à pesquisa: uma escolha que exigiu algumas revisitações e resignificados.

Conforme as ponderações da pesquisadora Brandão (2020, s/p), dos enfrentamentos:

No contexto de uma pandemia global, vivendo sob as demandas sociais e psicológicas do afastamento social, o tempo passa a ser uma grandeza que se sobrepõe a tantas outras. A percepção da passagem do tempo, em um espaço de confinamento, encaminha reflexões que fogem de nossas visões costumeiras sobre o cotidiano.

Nesse percurso de formação docente como pedagoga das infâncias, em alguns momentos, escolhi por planejar e executar práticas pedagógicas em consonância com as Artes Visuais. Dessa maneira, é possível justificar a proposição dessa pesquisa de Mestrado em Artes, intitulada Tessituras do Imaginário das Infâncias: memórias docentes em aproximação com as Artes Visuais. A qual pretende pontuar quais as tessituras do imaginário das infâncias constroem o percurso de formação docente no que se refere às minhas escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais.

Entenda-se que tais tessituras perpassam por caminhos que oportunizam aplicar esta potente ferramenta investigativa diante do desenvolvimento de reflexões

acerca da realidade imagética contemporânea e no exercício da criticidade ao abordar a cultura visual e alfabetização visual no percurso da formação docente.

Para tanto, contextualizo o percurso de formação pedagógica que aconteceu concomitantemente às escolhas de práticas pedagógicas que estruturaram e deram vida e cor ao Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes. Assim, reconheço em cada familiar/responsável pelas crianças da turma, o seu envolvimento no referido projeto.

Nesse sentido, a parceria entre professora e famílias se construiu cotidianamente, partindo também a partir dos vínculos já pré-estabelecidos no ano anterior e também nas demais escolhas de práticas pedagógicas colaborativas, desenvolvidas costumeiramente no cotidiano da turma.

De modo geral, no Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes, foi possível perceber o envolvimento da comunidade escolar, especialmente o pais/familiares e responsáveis legais; tanto no planejamento, como na execução do mesmo.

Assim, relato seis sensíveis e importantes movimentos que envolveram as famílias da referida comunidade escolar:

- *Movimento 1:* reunião com os pais/responsáveis legais para apresentação de convite do Conselho Municipal de Educação – CME/SL para as turmas que desejassem inscrever registros fotográficos das crianças no 1º Concurso de Fotografia Municipal com a temática “Educação em Direitos Humanos”, momento em que dezesseis familiares (no contexto de 21 crianças na turma) estavam presente neste momento e optaram por acolher o convite, autorizando a participação das crianças como fotógrafos aprendizes no referido concurso, bem como se comprometendo em auxiliar nas práticas pedagógicas que envolvessem o processo criativo das crianças;
- *Movimento 2:* participação de pais/familiares e responsáveis legais em saída de campo para registros fotográficos feitos pelos fotógrafos aprendizes em cenários montados e cenas do cotidiano e da natureza do Parque Henrique Luis Roessler – Parcão, situado na cidade de Novo Hamburgo;
- *Movimento 3:* colaboração de pais/familiares e responsáveis legais com o envio de materiais e com a confecção de estruturas/fantasia e adereços para criação de cenários e espaços temáticos para os fotógrafos aprendizes realizarem seus registros fotográficos;

- *Movimento 4*: colaboração com seu voto numa das três imagens pré-selecionadas pelos próprios fotógrafos aprendizes para que a imagem mais votada de cada um, fosse enviada ao referido concurso municipal de fotografia;
- *Movimento 5*: participação de pais/familiares e responsáveis legais no evento de Lançamento da Revista Eletrônica Educação e Transformação, Ano II, nº 2, de Dezembro de 2018, para reconhecimento das crianças que tiveram suas fotos selecionadas (incluindo a foto para a capa da revista) e da professora que teve seu artigo publicando um breve relato pedagógico frente às vivências pedagógicas com o Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes; evento situado na sede do Conselho Municipal de Educação –CME, na cidade de São Leopoldo;
- *Movimento 6*: participação de pais/familiares e responsáveis legais no evento de Lançamento do livro intitulado Exposição dos Fotógrafos Aprendizes, produzido em autoria colaborativa com as crianças, coquetel e evento situado na sede da Editora Cirkula, na cidade de Porto Alegre.

Haja vista que, não só a autorização formal e documental, bem toda a parceria, a cumplicidade e a confiança depositadas pelos pais/familiares e responsáveis legais das crianças na professora e na equipe gestora e pedagógica da escola, foram de suma importância para dar continuidade nas propostas do referido projeto.

E, desta forma, as ideias também se tornaram *memórias pedagógicas positivas para a comunidade escolar (Figura 6)*.

Figura 6: **Ana Ribeiro**, *Apreciação da criação literária*, fotografia, 2017.



Fonte: acervo da pesquisadora.

No que tange aos *enredados entre Fotografia, Imaginário e Formação Docente*, é possível entrelaçar as tessituras do imaginário das infâncias por uma análise reflexiva, com as pesquisas de Brandão e Azevedo (2019, p. 26), tendo em vista seus apontamentos de que: “Para aprender a pensar reflexivamente é preciso aprender a observar. [...] a cada dia fica mais clara a importância da observação do mundo ao redor como algo que instiga a imaginação e o raciocínio lógico”.

Numa aproximação com a referida pesquisa, o Dicionário Online de Português contextualiza o substantivo feminino *Tessituras*, uma palavra na sua origem italiana, conceituada como: “conjunto de sons que melhor convêm a uma voz ou instrumento”. Conjuntamente ao pensar sobre o imaginário das infâncias, minha pesquisa de Mestrado ambiciona que esta diversidade sonora, representada pela melodia das infâncias, contemple e ressoe o encantamento delas com o mundo. Sendo assim, fundamenta-se a pretensão de registrar no ambiente acadêmico, espaço de reflexão-crítica, o quão significativo é planejar intencionalmente os pressupostos da arte-educação a partir de uma abordagem experiencial que versa com o imaginário das infâncias.

Referenciando o desenvolvimento desta pesquisa ao permear pelas tessituras do imaginário das infâncias, experimenta “O imaginário, ao se comunicar simbolicamente e atuar emocionalmente, se constitui numa força que ultrapassa os domínios da razão e gera vínculos de identificação entre um grupo” (HOLMER, 2005, p. 9).

Deste modo, “O imaginário é a matriz criadora na qual o conceito e o pensamento racional teriam nascido”. Este panorama nos propicia considerar que “O resultado do deciframento de uma imagem é sempre uma síntese entre duas “intencionalidades”: a do emissor e a do receptor”. Para assim afirmar que há uma inexistência interpretativa padronizada, tendo em vista que cada “receptor” insurge distintamente “frente à mesma imagem” (HOLMER, 2005, p. 9).

Numa concepção que nos conduz a compreender que “olhar uma imagem não é neutro, e nem poderia ser. O sujeito ao olhar uma imagem faz uso do seu repertório cultural próprio, ativa as conexões do seu imaginário” (HOLMER, 2005, p. 9).

Na análise sobre as tessituras do imaginário das infâncias, o pesquisador Piorski (2016, p. 89) contribui, ponderando que:

[...] O trabalho imaginário é profilático, previne os adoecimentos massificantes da cultura, e faz incidir na criança o desejo por uma originalidade, um

estilismo do caráter como nos propõe Nietzsche. [...] esse direito natural na infância, de despreocupação primordial, sem o qual ninguém viveria a possibilidade existencial de constituir-se com autenticidade. A criança, como quis Nietzsche para si próprio, busca viver o contemporâneo na solidão do extemporâneo brincar. O trabalho de marear da imaginação é muito mais uma bolina da alma. Bolinar, na terminologia náutica, é navegar à vela em condições desfavoráveis, em zigue-zague, contra o vento. [...] Por isso, todo esse motivo autocentrado dos primeiros anos da criança é imunologia anímica, guarnecimento da integridade de um brilho próprio, variação pictórica de cada crisálida.

Em anuência com as percepções de Brandão (2012, p. 59), o imaginário “floresce das linguagens verbais e não-verbais que nos possibilitam a leitura de um mundo. O imaginário emerge do conjunto de experiências sociais e individuais [...]”. Assim como nas pesquisas de Carrara, Bailfus e Brandão (2020, p. 1), nos é relevante refletir e compreender que:

[...] as imagens manifestam símbolos referentes à uma época, assim, mais do que elementos visuais, o simbolismo impregnado nas imagens também são narrativas visuais de uma determinada sociedade. Sendo assim, o imaginário é a tradução visual de sentidos histórico sociais [...].

Em concórdia com a ideologia defendida, “Fundamental é perceber cada criança, cada alma, regar com atenção cada rebento. [...] A palavra é da criança. Seus gestos, desenhos, adjetivos, e verbos, suas construções e seus desejos por materiais nos indicam os percursos de sua alma” (PIORSKI, 2016, p. 129).

Na perspectiva de relacionar a formação docente, numa abordagem experiencial, com as tessituras do imaginário das infâncias, pretende-se esclarecer premissas desta investigação diante dos termos utilizados: tessituras e imaginário. Aproximando-se das percepções de Piorski (2016, p. 40-41), considera-se pertinente que:

[...] possamos encontrar a imaginação em sua pedagogia social da brincadeira. Buscamos, assim, a imaginação do brincar, [...] com o intuito meta-histórico de demonstrar à cultura que a criança formula sua narrativa. [...] A criança perpetra uma pedagogia e um construto de realidade imaginária lutando contra a fragmentação cultural, querendo se impor como narrativa vertical. É a partir de uma noção de metacultura que temos a intenção de amplificar os ecos da velha composição silenciosa do brincar, que esteve por muito tempo inaudível nas mais conceituadas e influentes proposições das pedagogias sociais. [...] inúmeros historiadores da infância [...] buscam a escassa bibliografia sobre os temas relativos à produção da própria criança, aquilo que brota das suas mãos e de sua inteligência. Justamente por tal motivo, faz-se necessária uma investigação mais acurada sobre a mais fluente e livre voz da infância: a imaginação do brincar.

Alguns recortes de memória são essenciais às nossas reflexões sobre a docência e suas nuances numa abordagem que promove as tessituras do imaginário das infâncias como mote às escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com a cultura visual que faça sentido para as infâncias.

Assim, a autoria colaborativa, o protagonismo infantil e a criação de narrativas visuais inspiraram as vivências do nosso cotidiano escolar e são investigadas nesta pesquisa de Mestrado em Artes como tessituras do imaginário das infâncias, que ao fazer sentido em si, também compuseram novos saberes às experiências escolares de outrora.

Por conseguinte, ao discutir a imagem fotográfica, em entendimento com a pesquisadora Fabris (2007, p. 35) enfatiza-se que:

A fotografia parece estar imune a todo tipo de desconfiança quando transita pelo imaginário social, tanto que há imagens que se tornaram símbolos de um determinado momento, enfeixando em si um conjunto de valores não apenas visuais, mas também éticos e estéticos.

Pensar no modo que aconteceu o planejamento e a execução da Exposição Fotográfica com as crianças, permite investir tempo em estudos e pesquisas, ampliados na formação continuada, com o objetivo de compreender e ampliar o repertório frente ao tema em questão: “Educação em Direitos Humanos”.

Numa concepção ideológica, em conformidade com Duve (2012, p. 44), tanto para as crianças como para os professores envolvidos, consistem numa oportunidade de entender que:

À medida que sua sensibilidade estética e alfabetização artística progredissem, sua capacidade de perceber e de ler seriam traduzidas pela capacidade de expressar e transpor em linguagem visual. Nutridas dessa forma, a percepção e a imaginação produziriam obras de arte inéditas.

Numa perspectiva que aborda tanto este olhar investigativo para a educação em Artes Visuais, como também os vívidos processos de formação estética, se faz necessária: a aproximação com o panorama representativo com a atuação profissional. Este processo que aproxima a docência com a pesquisa foi iniciado no andamento do curso de graduação. E, de lá para cá, vem sendo fortalecido, pois observo na potência das infâncias e no seu posicionamento, o quanto as práticas

pedagógicas podem expressar as aprendizagens e o imaginário das infâncias frente ao lugar onde vivem e de como enxergam e interagem com o mundo.

A publicação intitulada *Exposição dos Fotógrafos Aprendizes*, perpassa pelas tessituras do imaginário das infâncias para versar sobre a temática *Educação em Direitos Humanos*, de modo a experienciar o protagonismo e a autoria das infâncias (Figura 7) como mote para as minhas escolhas de práticas pedagógicas.

Figura 7: **Zilma Lapa**, Lançamento do Livro *Exposição dos Fotógrafos Aprendizes*, fotografia, 2018.



Fonte: acervo da pesquisadora.

São muitos os detalhes, os quais servem para situar os leitores na concepção criativa de cada um dos fotógrafos aprendizes e de como a exposição escolar oportunizou que as crianças pudessem se inscrever para participar do Concurso Municipal de Fotografia organizado pelo Conselho Municipal de Educação – CME da cidade de São Leopoldo/RS. Inclusive levando uma das imagens a ser escolhida como capa da publicação da Revista Digital do CME²⁰, bem como mais seis imagens a serem escolhidas como destaques em páginas desta publicação municipal.

Ao dar continuidade à pesquisa e trazendo para as nossas investigações as minhas memórias de formação docente, entendo que é pontual e relevante registrar

²⁰ Intitulada *Revista Educação e TransFormação* (2018, capa, p. 15, p. 19-22, p. 68 e contracapa), os referidos registros fotográficos estão publicados e disponíveis no link: <<https://www.calameo.com/read/0053973633d13699cc05a>>.

que no meu percurso como docente para e com as infâncias, o movimento de estar junto com as famílias (tanto no planejamento, quanto na execução dos projetos pedagógicos) foi uma escolha de postura adotada por mim e que muito fazia bem na relação família-escola e auxiliou na proximidade de ambas em prol de concretizar ações positivas frente aos desafios e às potencialidades do cotidiano escolar voltada às infâncias.

Figura 8: **Luciana Ramos**, *Fotógrafos Aprendizes em Ação I*, fotografia, 2018.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Deste modo, ao iniciar as narrativas de formação docente, saliento a relevância do papel da família e da comunidade escolar nos percursos teóricos e práticos de memórias que contribuem à percepção pedagógica frente as lentes das infâncias (Figura 8).

Enquanto experiência de vida na perspectiva pedagógica, enuncio esta abordagem como um modo de perceber, olhar, sentir e representar o mundo através das tessituras do imaginário das infâncias.

Por meio das suas criações e interações com as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola e que, até hoje, nos fazem sentido e perpetuam nas nossas memórias positivas.

Com gratidão, respeito e saudades, Ana Ribeiro.

4 ÀS EQUIPES GESTORAS E À DOCÊNCIA

São Leopoldo, março de 2022.

*Meu respeito às Vossas Senhorias:
Gestoras e Docentes nas escolas das Infâncias...*

Respeitar é um ato sublime, tanto para quem recebe quanto para quem oferece...

A gestão pública democrática é um desafio para quem gerencia e para quem é gerenciado, ambos precisam percorrer cada um a seu tempo, uma via de mão dupla: r e s p e i t o s a m e n t e.

Foi assim que eu me senti (na maioria das vezes) no meu percurso docente, em especial no desenvolvimento do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes: respeitada.

Foram tantas etapas importantes que dependiam da autorização, do consenso, da confiança, da ponderação e do respeito da equipe diretiva na escola das Infâncias...

Em tantos projetos e tantas práticas pedagógicas desenvolvidas como professora da rede municipal e pública de ensino da cidade de São Leopoldo/RS, especialmente no Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes: precisei e recebi o apoio da gestão escolar.

A escola pública é um pouco assim: nos exige planejar não só as práticas pedagógicas, mas nos envolve no cotidiano de atuação da gestão escolar. E nos possibilita decidir democraticamente quais potencialidades são relevantes para a escola.

Neste espaço, verso sobre a gestão democrática e o empreendedorismo docente na percepção de que a criança deve ser respeitada e compreendida como protagonista e autora de sua história.

No que demanda à organização do referido projeto, o apoio da gestão e de docentes parceiros foi essencial.

Desde a divulgação do Concurso Municipal de Fotografia, inspirador, partiu como um incentivo proposto pela supervisora escolar. E, nas demais etapas em que recebi o apoio da equipe diretiva em importantes momentos: como na sua presença na reunião de pais, na aceitação e no auxílio por buscar recursos financeiros para publicação da escrita do projeto, no processo avaliativo da publicação do artigo sobre o projeto (escrito e publicado na Revista TransFormação do CME/SL), empréstimo de seus smartphones pessoais e de seus dados móveis para acesso à internet e criação dos avatares; e em tantas outras potencialidades e diversidades vivenciadas neste contexto.

Bem como, nas questões burocráticas que envolveram: pedidos de doações financeiras para estabelecimentos comerciais do bairro, coleta de assinaturas de autorizações dos pais para cada novo evento, investimentos financeiros em transporte público intermunicipal para deslocamento das crianças (para a tarde de autógrafos e lançamento do livro na Editora Cirkula).

Com os fotógrafos aprendizes em ação e revisitando as memórias de suas infâncias, foi possível analisar quais as tessituras do imaginário das infâncias compuseram os bastidores da atuação das/os fotógrafas/os. Ao contextualizar as narrativas visuais das infâncias ao serem reapresentadas pelas lentes da docência e da pesquisa em Artes Visuais perpetuo Alves (2011, p. 18-19) em suas profecias poéticas sobre nossos olhares:

Você ganhou olhos de poeta. Os poetas ensinam a ver. Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física ótica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. [...] **O ato de ver** não é coisa natural. **Precisa ser aprendido.** Nietzsche sabia disso e afirmou que **a primeira tarefa da educação era ensinar a ver (grifo meu).**

Entre as tantas fotografias, as tessituras do imaginário das infâncias se fazem presentes nos percursos da formação docente que inspiram e justificam o referido projeto de pesquisa de Mestrado em Artes, evidenciadas na relevante análise do planejamento e execução do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes, como bem nos trazem a pensar os pesquisadores Brandão e Azevedo (2019, p. 38) ao considerar:

[...] ser de suma importância agregar as produções em Fotografia e Vídeo à reflexão acerca das possibilidades das Artes Visuais no âmbito da Educação Básica, instigando ponderações e ações que favoreçam a análise das transformações do mundo urbano contemporâneo e de suas respectivas representações. Como a nossa intenção é estimular o desenvolvimento de novos pensamentos, pluralistas e interativos, o desafio configura-se na criação de ambientes nos quais os sujeitos sejam capazes de questionar, refletir, assumir valores e, principalmente, exercitarem a autocrítica e a imaginação no intuito de transformar criativamente mentalidades e comportamentos.

Para tanto, ao estabelecer conexões e interações perceptíveis com as tessituras do imaginário das infâncias em aproximação com as Artes Visuais e em consonância com as escolhas de práticas pedagógicas aplicáveis ao processo de

ensino e aprendizagem no cotidiano da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), é relevante apresentar as principais nuances do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

E, assim, em tenra idade, os fotógrafos aprendizes também participaram da publicação da referida revista contribuindo com seus registros fotográficos sobre a temática *Educação em Direitos Humanos*.

Bem como, os seus registros fotográficos e suas autobiografias compuseram a sua primeira publicação de livro, organizada por mim, intitulada *Exposição dos Fotógrafos Aprendizes*.

A riqueza das narrativas visuais das crianças na referida exposição é um convite que serve para nos situar frente a concepção criativa de cada um dos fotógrafos aprendizes e de como a exposição fotográfica realizada no ambiente escolar oportunizou às crianças espaço-tempo para levar suas produções imagéticas para muito além dos muros da escola.

Muitos foram os momentos em que a gestão escolar para as infâncias nos apoiou e acolheu, construindo pontes para potencializar e viabilizar a realização de cada etapa. Sob este ponto de vista, Westbrook (2010, p. 20) apud Dewey (1895, p. 224 e 1897a, p. 77), no que cerne à teoria da experiência, corrobora nos propondo a descortinar que:

A educação para a democracia requer que a escola se converta em “uma instituição que seja, provisoriamente, um lugar de vida para a criança, em que ela seja um membro da sociedade, tenha consciência de seu pertencimento e para a qual contribua” (Dewey, 1895, p. 224). A criação de condições favoráveis para a formação do sentido democrático na aula não é fácil, já que os professores não podem impor esse sentimento aos alunos; têm de criar um entorno social em que as crianças assumam, por si mesmas, as responsabilidades de uma vida moral democrática. Dewey assinalava que esse tipo de vida “só existe quando o indivíduo aprecia por si mesmo os fins a que se propõe e trabalha com interesse e dedicação para alcançá-los” (Dewey, 1897a, p. 77).

A fim de abordar a percepção ético-estético redimensionada às escolhas de práticas pedagógicas, na e pós pandemia por Covid-19, apontando as fragilidades e as potências da imersão na cultura visual que corroboram com o relevante início do processo de alfabetização visual com a Educação Infantil e com os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).

Para tanto, este projeto de pesquisa de Mestrado aproxima cultura visual, alfabetização visual e viabiliza-as como potencialidades emergentes para o exercício

da leitura de imagens. E nos cabe decifrar que “[...] entendê-las para além do visível, é um processo que precisa ser ensinado, que exige tempo e reflexão para superar as recepções voláteis” (BRANDÃO, 2020, s/p). Por ocasião destes tempos pandêmicos, este processo de entendimento e mudanças nos compele a reinventar, recriar novos modos de ser e estar no mundo. De modo que se mantém atuais as reflexões dos autores Brandão e Azevedo (2019, p. 26) e nos impulsionam a entender que:

Se as tecnologias, por um lado, persuadem modos de pensar e agir, por outro elas podem ser apropriadas por meio das Artes para que os sujeitos sejam produtores de seus próprios discursos e não apenas meros reprodutores dos estereótipos culturais. Sendo assim, é cada vez mais necessária a tomada de consciência das inter-relações humanas com os meios tecnológicos para que, de fato, os usemos como meios no horizonte ético, criando maneiras de mediações pautadas em valores solidários e de cuidado à vida em sua multiplicidade.

Em nossa diversidade humana, estivemos dispostos a superar a pandemia por Covid-19 e, ao citar as investigações de Amaral (2014, p. 15), procuro analisar um pouco mais sobre a percepção frente: às demandas do ensino remoto e à superação das dificuldades enfrentadas no cotidiano profissional e pessoal deste período.

Numa perspectiva de quem está na reta final de uma pesquisa de Mestrado em Artes, a vivenciar os tempos de pós-pandemia, destaco o quanto estamos todos emergindo à uma “educação do olhar”, em que:

A escola surge como uma instituição que precisa atentar para isso, já que representa um espaço que pode favorecer o desenvolvimento do olhar. Pontuamos que trabalhar com imagens, não com um fim utilitarista para exemplificar conteúdos, ou ilustrar alguma cena, por exemplo, mas como meio de favorecer experiências estéticas aos estudantes, é algo que precisa ser assumido por todos os docentes, pois quando o aluno sofisticar seu olhar, esse conhecimento deixa de ser só dele, já que poderá praticá-lo em sua realidade, construindo as relações estéticas e éticas.

Permeando por referenciar possibilidades de criação que corroborem com a “educação do olhar”, as pesquisas de Amaral (2014, p. 18) nos fornecem subsídios teóricos para entender as “[...] possibilidades de fruição, crítica e criação” como que:

Sendo assim, diante de uma realidade tomada por imagens, à educação do olhar urge e surge como uma necessidade que pode favorecer a reconstrução do entendimento lançado sobre a área, pois favorece com que os sujeitos deem-se conta de suas relações estéticas com o mundo. É preciso finalmente, ter presente que essa educação, não é apenas responsabilidade de professores de Arte, mas também de profissionais e administradores que participam de alguma forma, do processo de ensino aprendizagem, sendo que isso só poderá ser alcançado através de uma ação educacional

participativa, que ouse mobilizar estruturas, para que possamos ver além de sombras.

Foi neste período de intenso aprendizado para entender e viver com os efeitos da pandemia no meu cotidiano profissional e pessoal, que conciliei o desenvolvimento da presente investigação, com a continuidade nas escolhas de práticas pedagógicas envolvendo a Produção de Vídeo Estudantil – PVE.

No contexto da autoria colaborativa com as equipes gestoras e pedagógicas das escolas de atuação (Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental), desenvolvemos as seguintes produções de vídeos estudantis, as quais foram desenvolvidas durante o período de ensino remoto.

A Webserie O Monstrinho, foi uma produção de vídeo estudantil – PVE, criada colaborativamente com a comunidade escolar de Escola Municipal de Educação Infantil da rede pública de ensino de São Leopoldo/RS, composta em 6 (seis) episódios.

O episódio 1, intitula-se: *Era uma vez um Monstrinho que...*²¹. O episódio 2, intitula-se: *Tinha muitas formas e cores...*²². O episódio 3, intitula-se: *Nos trazia para perto de outros amores*²³. O episódio 4, intitula-se: *Mostrava outras possibilidades de diversão*²⁴. O episódio 5, intitula-se: *Nos fazia sentir saudades*²⁵. O episódio 6, intitula-se: *E agora? Será que o Monstrinho vai mesmo embora do meu mundo?*²⁶.

A Webserie O Monstrinho conta uma história que foi escrita, de forma lúdica e interativa, a partir de um Encontro Virtual da turma de crianças da faixa etária 5 anos a 5 anos e 11 meses. Uma história sensível que apresenta a versão das crianças frente ao isolamento social, que nos foi emergente em tempos de pandemia por Covid-19.

²¹ Intitulado Era uma vez um Monstrinho que..., o episódio 1 da Webserie O Monstrinho está disponível no link: <https://youtu.be/QRxkPLBEFrc?list=PLpwNyYfCzXMhim_2knDdExzs1myQdb7FI>.

²² Intitulado Tinha tantas formas e cores, o episódio 2 da Webserie O Monstrinho está disponível no link: <https://youtu.be/sk2bajYkk1k?list=PLpwNyYfCzXMhim_2knDdExzs1myQdb7FI>.

²³ Intitulado Nos trazia para perto de outros amores, o episódio 3 da Webserie O Monstrinho está disponível no link: <https://youtu.be/Nx_AtjoknTM?list=PLpwNyYfCzXMhim_2knDdExzs1myQdb7FI>.

²⁴ Intitulado Mostrava outras possibilidades de diversão, o episódio 4 da Webserie O Monstrinho está disponível no link: <https://youtu.be/Nx_AtjoknTM?list=PLpwNyYfCzXMhim_2knDdExzs1myQdb7FI>.

²⁵ Intitulado Nos fazia sentir saudades, o episódio 5 da Webserie O Monstrinho está disponível no link: <https://youtu.be/Wdsk3ZiG4qY?list=PLpwNyYfCzXMhim_2knDdExzs1myQdb7FI>.

²⁶ Intitulado E agora? Será que o Monstrinho vai mesmo embora do meu mundo?, o episódio 6 da Webserie O Monstrinho está disponível no link: <https://youtu.be/CD1GuOXFYOI?list=PLpwNyYfCzXMhim_2knDdExzs1myQdb7FI>.

Os episódios versam também sobre um dito Monstrinho que invadiu o Nosso Mundinho e nos levou a ver, viver e sentir as comunidades pelas janelas e telas numa rede com novas conexões (tecnológicas) e conectividades (familiares e sociais). De forma que relatam sobre a chegada de um monstrinho que muda a rotina das crianças, em que elas não podem ir à escola, mas a escola vem nas suas casas. Retratam o uso das telas de telefones e notebooks, nas quais as crianças encontram seus colegas e suas professoras, para contar novidades e se divertirem com atividades brincantes. Sinalizam que, em suas casas, desfrutam de um convívio inédito e mais próximo com sua família, agora em tempo integral. E, assim, nos apresentam as novas aventuras experienciadas por crianças e famílias neste novo jeito de viver o cotidiano escolar e familiar.

A *Lanceirinha Negra*²⁷, foi uma produção de vídeo estudantil – PVE, criada colaborativamente com a comunidade escolar de Escola Municipal de Ensino Fundamental da rede pública de ensino de São Leopoldo/RS.

A narrativa é uma releitura da obra literária “O Lanceiro Negro”, escrita por Ângela Maria Xavier Freitas e ilustrada por Daniel Silveira (GRAVATAÍ: Clube Literário, 2019).

Nos dias atuais nos são muito valiosas as reflexões e ações em prol do reconhecimento da cultura negra, estamos permeando por percursos de lutas e ações que sejam significativas para mantê-la viva na perspectiva da educação antirracista. E, no contexto da produção de vídeo estudantil – PVE “A Lanceirinha Negra”, a cultura negra e sua história estão representadas pelo empoderamento feminino.

Num roteiro cinematográfico estudantil em que a “A Lanceirinha Negra” reconstrói a história de luta, morte e fé enfrentada pelo povo negro durante a Revolução Farroupilha. E nos conta uma história que envolve família, amor, luta, fé e educação; vivida em tempos atuais, mas que preserva as memórias e a ancestralidade do povo negro.

Compartilhamos da história de vida ancestral da professora Richtiele de que “a luz que vem de dentro de mim, brilha mais que as estrelas, pois ela é a memória do meu povo”. Aqui manifesto o desejo de que cada leitor se disponha ao encontro com esta história especial para assistir em família.

²⁷ A produção de vídeo estudantil – PVE intitulada *A Lanceirinha Negra* está disponível no link: <<https://youtu.be/HNoPeMgKwUQ>>.

Retomando uma análise sob o viés bidimensional aplicada por Flusser no referir-se ao conceito de análise técnica, nas considerações de Oliveira (2018, p. 4), é possível perceber que:

Isso significa que é necessário criar ferramentas para pensar criticamente por imagem, visto que o ato de pensar por imagem é corriqueiramente realizado, o que falta é a compreensão de sua característica simbólica, de sua existência enquanto código comunicacional. É dentro desse contexto que proponho utilizar as análises flusserianas sobre as artes visuais como modelo para projetar saídas para a crise atual.

E, deste modo, as narrativas visuais passaram a servir como importantes instrumentos para expressar as tessituras do imaginário das infâncias em tempos difíceis e nas experiências cotidianas em isolamento social, motivado pela pandemia por Covid-19; período em que nos foi exigido ter uma postura docente focada em desenvolver ainda mais o nosso potencial de acolhimento e atenção às demandas das infâncias.

As ideias de Paulo Freire (1921-1997) ao perpassar pela Escolinha de Arte de São Paulo foram difundidas e influenciaram profundamente e, de modo significativo, a educação brasileira, alcançando reconhecimento mundial.

Parafraseando Paulo Freire (1921-1997), “mestre é aquele que ao ensinar também aprende”. Mais que palavras, o movimento das cenas captadas como registros fotográficos no cotidiano do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes na escola das infâncias, nos permite escutar, observar, experimentar e, para tanto: aprender em companhia.

Assim como o uso da lente ao capturar uma imagem nos possibilita ampliar o olhar, aproximando e afastando o foco do objeto observado; o que se aprende ao ensinar na docência em aproximação com as Artes Visuais, permeia por perceber o quanto é relevante que: o docente há que se permitir experimentar e movimentar-se junto com o ângulo de visão das infâncias.

Exercendo o papel de escriba, como Pedagoga, promovi práticas pedagógicas em que o protagonismo das infâncias fosse reconhecido e propagado em diferentes espaços para além das janelas e corredores escolares. Hoje, no papel de pesquisadora, como Mestranda, resisto aos medos e às inseguranças que assolaram o período pandêmico por Covid-19 e que nos assombram ainda a aprender a viver na pós-pandemia.

Ao propor esta investigação por uma abordagem experiencial procuro transcorrer por viés que inspire a construção de novos olhares e perspectivas para as escolhas de práticas pedagógicas e para a formação da docência para as infâncias. E, nestes contextos de tempos-espacos relacionados com a cultura visual, investiguei o que me impulsionou a questionar e a compreender quais as tessituras do imaginário das infâncias constroem e construíram o meu percurso de formação docente.

A contento estabeleci, de certo modo, uma conexão relativa e mensurável que traz às reflexões a tríade: educação, arte e pesquisa. Tendo em vista que desde a tenra idade as crianças nos compelem a vivenciar e colecionar memórias positivas para suas infâncias (e também para as nossas), tal como nos pondera Giraldez-Hayes (2020, p. 82):

Las artes han ocupado y ocupan un lugar especial en nuestras vidas. Literalmente desde el nacimiento a la muerte, hay alguna forma de expresión artística que acompaña nuestra existencia. Los niños socializan mediante canciones, juegos, bailes y otras formas sensibles. Según crecen, en la escuela y fuera de ella se relacionan con la literatura, la música, las artes visuales, el teatro, el cine, entre otros. Los adultos continúan participando en actividades de esa naturaleza y, como hemos mencionado anteriormente, lo hacen hasta edades muy avanzadas, dados los inmensos beneficios de las artes en la vejez. Tal participación nos conecta con emociones positivas, con actividades significativas y con la posibilidad de relacionarnos con otros seres humanos.

Ao contextualizar a alfabetização visual, Oliveira (2009, p. 17) nos propõe a realização de:

[...] uma abordagem arte-educativa que auxilie os indivíduos na realização de uma leitura crítica das ideias e valores veiculados no mundo de hoje através dessas imagens. [...] analisa algumas das utilizações e aplicações dos conhecimentos visuais pelos meios de comunicação e pelo marketing. [...] associa-os a conceitos e procedimentos criados no contexto artístico, evidenciando como a comunicação e o marketing se apropriam do repertório artístico, e mais, como o conhecimento prévio do universo da arte potencializa a qualidade da leitura que o indivíduo realiza dessas imagens. Conclui-se que a alfabetização visual amplia o olhar do indivíduo, o limite e a abrangência de sua percepção, sendo, portanto, imprescindível para uma atuação consciente e crítica na sociedade contemporânea.

E é este ponto de abrangência e ampliação dos “olhares” que nos promove a possibilidade de tratarmos das questões que norteiam a formação continuada e a colaboração das infâncias para a trajetória acadêmica e pessoal docente.

Em análises iniciais, as pesquisas de Oliveira (2018, p. 1) nos possibilitam saber conhecer um pouco mais sobre a filosofia flusseiriana. Partindo de suas

contribuições, me proponho a refletir sobre a relação filosófica na proposição desta dissertação de Mestrado em Artes. Destarte, Oliveira considera que:

[...] de forma estrutural, implica o problema da comunicação, ou seja, da tentativa de compreender as diversas formas pelas quais o ser humano sai do solipsismo e cria intersubjetividade. Logo, as imagens são media criados para possibilitar a relação entre os seres humanos e, por isso, são responsáveis pela construção da estrutura sócio-histórica em que nos encontramos.

Assim, ao investigar conceitualmente as palavras *solipsismo*²⁸ e *intersubjetividade*²⁹, no contexto da filosofia flusseiriana, consigo ampliar meu foco de visão em dialogicidade com as escolhas de práticas pedagógicas que versam e se aproximam com as Artes Visuais.

De certa forma, eu ainda não consegui identificar o motivo, porém quero esclarecer que no meu percurso de formação docente e discente, encontrei-me com professores artistas e curiosos por criar e investigar a fotografia e a produção de vídeo estudantil como mote para as práticas pedagógicas: a maioria deles não fazia parte do meu grupo de trabalho no cotidiano escolar. Portanto que alguns são docentes externos à rede municipal de ensino e atuam em diferentes ambientes escolares (Universidades - atuando na formação inicial e em programas de pós-graduação, escolas públicas municipais ou estaduais, escolas particulares, projetos sociais e em núcleos de secretarias de educação), outros são colegas da rede (de outros espaços escolares) e o que nos uniu foi o objetivo de ampliar as possibilidades pedagógicas e as abordagens metodológicas para o cotidiano escolar experimentar a “amplitude do olhar” para e com as infâncias.

Em tempos de culturas digitais e móveis, entre os anos de 2016 a 2022, estas potencialidades têm sido crescentes, relevantes e emergentes, pois que permeiam por um espaço-tempo que, implicado na pesquisa e uso das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação – TDICs, analisam conceitos e referenciais teóricos que contemplam o foco em algumas temáticas de interesse e atuação da professora-

²⁸ A Wikipédia registra o significado filosófico de Solipsismo, considerando que: “é a concepção filosófica de que, além de nós, só existem as nossas experiências. [...] acreditar que o conhecimento deve estar fundado em estados de experiência interiores e pessoais”. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Solipsismo>>.

²⁹ Em pesquisas, o Dicio – Dicionário Online de Português, nos informa o significado filosófico de intersubjetividade, nos apresentando que ela acontece numa: “Relação comunicativa entre dois ou mais sujeitos, efetivada de maneira recíproca e sem individualismos, a partir da qual se atribui significado à experiência humana”. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/intersubjetividade/>>.

pesquisadora, tais como: Artes Visuais, Ciências (Sustentabilidade), Educação e Linguagem Audiovisual e Cinematográfica.

Deste modo, entendi esta escolha como um posicionamento atual e emergente também para a presente pesquisa de Mestrado em Artes. Em conformidade com esta perspectiva realizo uma autocitação por Ribeiro (2018, p. 7) ao ponderar que, no uso das tecnologias, toda criança tem o direito a:

- Ser usuária ativa e consciente das tecnologias e, de maneira saudável, se tornar protagonista e autora de materiais digitais;
- Conviver com adultos responsáveis que oportunizem a mediação do tempo em que as crianças interagem com as ferramentas digitais para, assim, promover um uso saudável;
- Receber orientação por parte do adulto sobre os riscos e desafios de segurança, os quais a criança poderá enfrentar nas interações com os aplicativos disponíveis e com a mídia que envolve este sistema;
- Estabelecer critérios, em conjunto com as crianças, de situações-problemas enfrentadas durante o uso da tecnologia móvel;
- Formar-se um usuário consciente;
- Interagir com potencialidades pedagógicas que envolvam não só o uso dos programas e aplicativos, mas que inclua a produção de materiais e ferramentas digitais para uso coletivo.

A observação e a minha participação ativa nos momentos de interação e de brincadeiras vivenciados pelas crianças no cotidiano escolar, permitiu que eu pudesse planejar práticas pedagógicas que contemplassem suas ideias, necessidades e perspectivas de mundo.

Dessa maneira, fazemos parte da história deste espaço público e democrático que gerencia com o intuito de contemplar as necessidades das Infâncias.

*Declaro a cada gestora escolar: respeito, admiração e gratidão.
Atenciosamente, Ana Ribeiro.*

5 ÀS/AOS FOTÓGRAFAS/OS APRENDIZES

São Leopoldo, julho de 2022.

*Oi Amadas/os Fotógrafas/os Aprendizes.
Tudo bem?*

Que saudades eu sinto de cada um dos dias incríveis que vivenciamos no desenvolvimento do Projeto Fotógrafos Aprendizes!

São memórias ímpares que nos trazem a pensar sobre as nossas escolhas, os nossos encontros e também alguns desencontros...

Numa tarde eu estava mirando a nossa exposição de fotografias e parei em frente a grande janela de vidro que tinha na nossa sala. Sabem quem eu vi? Eu vi uma das fotógrafas aprendizes e ela também estava a me olhar: tinha tanto carinho e admiração em seus olhos, eu me emocionei muito!

Neste instante, sorrindo e contemplando o que fomos e o que fizemos até aquele momento, foi que eu me deparei a sentir o quanto grande podia estar sendo tudo aquilo para nós.

Foi neste instante que, de fato, eu percebi o quanto tinha saído de nós (das janelas da escola) para ir muito além. E como a fazer um voo sincronizado, com destino certo, o protagonismo das nossas infâncias partiu da “nossa janela” na escola para alçar novos rumos pelo mundo afora.

Ali, a nos admirarmos uma com o olhar da outra, foi que eu comecei a acreditar na importância de dividir as tantas aprendizagens que compartilhamos.

Assim, depois de receber seu afetuoso abraço, foi que comecei a organizar uma montagem com as nossas narrativas sobre a Exposição para que cada uma e cada um fosse homenageada/o, compondo a nossa primeira publicação de livro.

Saudosa deste contexto, relato e analiso quais as tessituras do imaginário das infâncias compuseram os bastidores na atuação das/os fotógrafas/os. Assim, contextualizo as narrativas visuais das infâncias ao serem rerepresentadas pelas lentes da docência num viés investigativo.

Para potencializar a proposta desta investigação docente, analisei as práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais no contexto do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes. No intuito de refletir sobre a relevância das tessituras do imaginário das infâncias para as minhas escolhas, apresento uma particularidade: destaco que a identidade visual do projeto foi inspirada nas necessidades e nos desejos das infâncias, sendo criada durante o desenvolvimento do mesmo.

Em paralelo com os estudos sobre a temática “Educação em Direitos Humanos”, com a organização dos cenários e a captura dos registros fotográficos, uma das primeiras práticas pedagógicas desenvolvidas foi a criação individual de um avatar³⁰ para cada criança e para o/as professor/as da turma.

³⁰ O conceito de *avatar*, em conformidade com as pesquisas de Boll (2016, p. 7), versa que: “[...] avatar é a metamorfose de um multívíduo mimeticamente incorporado aos fetiches digitais”.

A criação do avatar foi uma sugestão de uma das crianças da turma que nos contou que ao participar de um dos jogos no telefone do seu irmão, naquela ocasião, ele já tinha conseguido evoluir de fase no jogo e ganhou seu próprio avatar para participar do time e batalhar.

Com este pedido, fui atrás de um aplicativo que fosse compatível com meu smartphone e que eu pudesse utilizar, sem a necessidade de criar uma conta para cada criança. Eu entendi que, nesta etapa, era importante eu acompanhar o processo criativo de cada criança, por isso escolhi não envolver as famílias nesta criação.

Outro motivo pertinente para eu escolher que a criação individual dos avatares iria acontecer no ambiente escolar se justifica no respeito à realidade de que representavam uma minoria o número de crianças que possuíam acesso à smartphones com rede de internet em casa. Inclusive no próprio ambiente escolar, também ainda não tínhamos uma rede de wi-fi para uso dos professores. Para os momentos de edição do avatar no aplicativo BitMoji, eu utilizava minha internet de dados móveis e, em muitos dias, recebi apoio da supervisora e da diretora com a disponibilidade de seus smartphones particulares para me auxiliar e agilizar a conclusão desta etapa. Foi um processo criativo muito rico, intenso e significativo.

A criação de um avatar simboliza a transformação de um ser em outro, de um sujeito-multívíduo que se multiplica dando voz a todos os seus 'eus' e que, numa relação consigo mesmo, se disfarça num novo corpo frente à mágica proposta pelo mundo digital (BOLL, 2016, p. 7).

A criação da identidade visual perante esta análise conceitual que envolve meu percurso de memórias docentes, se predispõe aos seguintes questionamentos:

- Quanto cada um de nós se identifica com a criação dos avatares das/os Fotógrafas/os Aprendizizes?
- O que nos contam as escolhas de roupas e acessórios disponíveis no aplicativo para criação de um avatar?
- Que sentimentos e emoções as cores das imagens escolhidas despertam em nós?
- O que as ações representadas em cada um dos avatares das/os Fotógrafas/os Aprendizizes nos aproximam ou nos distanciam de nossa própria história?

Estas e muitas outras inquietações podem surgir do processo criativo de avatares. Na perspectiva de validar as tessituras do imaginário das infâncias, pensar

a formação docente, neste contexto, é ser referência em: observar, escutar e exercitar a premissa de “colocar-se no lugar do outro” e, por vezes, ser também o próprio outro.

Pensar o quão trabalhoso foi deixar que cada criança utilizasse o smartphone para escolher a identidade visual do seu avatar é ponderar que realmente foi um investimento precioso de tempo e um exercício de paciência e perseverança.

Foi necessário que as nossas infâncias lidassem inúmeras vezes com a frustração, pois que não foram poucas as situações em que o processo já estava todo feito e o avatar finalizado, mas a rede não salvava as configurações ou o smartphone acusava a mensagem de “memória cheia” e, nesta etapa, perdíamos o avatar criado.

Assim, era preciso resiliência para baixar os avatares anteriores no drive da professora e, posteriormente, recomeçar o processo com aquela criança novamente para prosseguir. As crianças e a professora passaram a compreender com resiliência quando, naquele dia, não seria mais possível seguir o planejamento de fazer o avatar daquela ou daquelas crianças. Para tanto, a flexibilidade no planejamento e a potencialidade do diálogo franco com as crianças, permitiam seguir adiante com as demais práticas pedagógicas planejadas e, em alguns momentos, adaptadas.

Entre certos e incertos se constroem o cotidiano da aprendizagem. E, no processo, é impossível que só as infâncias estabeleçam uma relação com o ensino e a aprendizagem, pois que o professor também há muito a aprender; pelo menos, há a possibilidade de o docente desvendar quais estratégias são favoráveis para desenvolver uma atitude resiliente.

Em continuidade a esta análise sobre as imagens e o cotidiano, Amaral (2014, p. 14-15) apud Barbosa (1998, p. 17) ressalta:

Em nossa vida diária estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens.

Assim, os avatares (Figura 9) foram todos criados individualmente, pois cada criança precisava de tempo para desenvolver o seu processo criativo em conformidade com suas preferências, observando: cor dos olhos, cor e corte de

cabelo, tom de pele, estilo de roupa, acessórios, entre outras escolhas que lhe eram relevantes.

Figura 9: **Ana Ribeiro**, *Avatares (criados com o App BitMoji)*, fotomontagem digital, 2018.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Além disso, cada criança escolheu dez imagens entre as criadas no App BitMoji para a professora fazer um print de tela e salvar; posteriormente, as imagens eram salvas na pasta da criança, no notebook da professora. Na escola não era possível salvar as imagens diretamente no drive, pois no decorrer do processo criativo foram utilizadas a internet de dados móveis da professora e da equipe diretiva.

Este processo criativo durou 24 dias letivos. Neste percurso, nos envolvemos em outras práticas pedagógicas e, nem sempre foi possível, realizar as demandas de criação do Avatar cotidianamente. A maioria das crianças precisavam de um adulto referência para lhe ajudar no manejo do smartphone, bem como para ir fazendo o print de tela de cada imagem e para ir ajustando e resolvendo os desafios no uso do App que surgiam no decorrer do processo criativo.

Para a montagem dos cenários e o planejamento para a captura dos registros fotográficos nos organizamos em distintos espaços públicos e nas dependências e pátios da escola.

Os espaços utilizados para a criação dos cenários dos registros fotográficos foram:

- No bairro: no quarteirão aos arredores da escola (natureza, vizinhança e pracinha comunitária);

- Na escola: pátio dos fundos, saguão, terraço, sala referência, biblioteca e sala Multi.
- No Parque: Henrique Luis Roessler – Parcão, situado na cidade de Novo Hamburgo.

É interessante citar que, no Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes, foram analisadas uma média de 25 fotos capturadas pelas lentes de cada um. Na execução do projeto na escola, as crianças estavam regularmente matriculadas e frequentando a turma, num total de 21 crianças. É possível dizer que realizamos a análise de, pelo menos, 525 imagens (sem contabilizar as fotografias dos bastidores).

Primeiramente os fotógrafos aprendizes, individualmente e com a mediação da professora, escolheram 10 (dez) imagens. Depois, em conjunto com a turma, de cada 10 (dez) foram escolhidas 3 (três) destas imagens para compor o espaço individual de cada um dos fotógrafos aprendizes na Exposição dos Fotógrafos Aprendizes, a qual aconteceu no saguão da escola. Neste período a comunidade escolar realizou uma votação popular, na qual escolheu uma fotografia de cada um dos artistas. Desta maneira, resultou que cada um dos artistas, fez uma breve descrição da história da fotografia escolhida pela votação popular.

Ao criar os seus cenários, as crianças, desempenhando o papel de fotógrafos aprendizes, foram incentivadas por mim e pelo professor Eric a se organizar e se envolver nas escolhas para preparar os cenários e capturar seus registros fotográficos.

Assim, em distintos espaços-tempos do convívio escolar, cada criança se propôs a vivenciar algumas situações em que exploraram artisticamente:

- *A sala referência* da turma: utilizando os brinquedos e diferentes momentos da rotina escolar;
- *O terraço da escola*: em observações do próprio espaço e exercitando uma visão mais ampla e panorâmica de cima para baixo e de dentro para fora (capturando registros fotográficos dos arredores da escola);
- Em *caminhadas pedagógicas*: realizadas no bairro da escola, explorando os seus arredores numa visão mais plana, reconhecendo na vizinhança os cenários que lhe representavam o tema de nossos estudos, a “Educação em Direitos Humanos” e realizando os seus registros fotográficos nos espaços públicos conhecidos e frequentados no convívio com seus familiares;

- O *saguão da escola*: utilizando jogos pedagógicos, brinquedos e recursos criados pelas crianças e pela professora para ampliar as possibilidades para os registros fotográficos;
- A *Biblioteca e sala de atividades múltiplas da escola*: com a montagem de cenários envolvendo a literatura infantil, fantasias e expressões através da linguagem literária e da música;
- E, com apoio das famílias, num sábado não-letivo, nos encontramos no *Parque Henrique Luis Roessler – Parcão*, situado na cidade de Novo Hamburgo. E neste local montaram cenários, utilizaram as cenas do cotidiano com a natureza e capturaram suas fotografias.

No que cerne à pesquisa é relevante destacar alguns dos registros fotográficos para analisar e pontuar aqui o desenvolvimento do processo criativo. Desse modo, proponho respostas para a questão a ser investigada na pesquisa: Quais tessituras do imaginário das infâncias constroem o percurso de formação docente no que se refere às escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais no cotidiano da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano)?

As concepções das crianças sobre o mundo estão potencializadas nas escolhas que faço nesta investigação, algumas delas versam sobre o cenário, outras sobre as proposições das crianças nos diferentes contextos vivenciados no projeto *Exposição dos Fotógrafos Aprendizes*.

Os temas abordados nos registros fotográficos, a partir da pesquisa sobre “Educação em Direitos Humanos”, referiram-se ao direito de: escola, esporte, natureza, amor, amizade, diversão, união, passeio, arte, criatividade, desenhar, olhar e ser olhado por outro ângulo, identidade cultural, ser ajudado, imaginação, confiar nas pessoas, inclusão, família, educação musical, diversidade de escolhas, ouvir e contar histórias, ter uma casa para morar, sorrir, dirigir, cuidado, brincar e respeito.

Para compor a análise do objeto da pesquisa, representada nos registros fotográficos capturados na vivência do Projeto *Exposição dos Fotógrafos Aprendizes*, é relevante considerar como foi a organização do tempo e dos espaços que compuseram os cenários das obras produzidas pelos artistas de tão tenra idade.

Enquanto pesquisadora das tessituras das infâncias frente ao Projeto *Exposição dos Fotógrafos Aprendizes*, optei por trazer à análise reflexiva no contexto investigativo da pesquisa 8 (oito) dos 63 (sessenta e três) registros fotográficos

publicados no livro intitulado *Exposição dos Fotógrafos Aprendizes*, que registra nossa história e que foi criado em autoria colaborativa.

Ao revisitar cada um dos registros realizados no período de execução do projeto escolar, nos que foram escolhidos para a análise de dados, percebi que estes 8 (oito) seriam suficientes para apresentar o contexto das produções fotográficas de modo a corroborarem à resolução da questão de pesquisa, possibilitando revelar: Quais tessituras do imaginário das infâncias constroem o percurso de formação docente no que se refere às escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais no cotidiano da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano)?

Na pesquisa, apresento os dados categorizados visando colaborar para uma maior fluidez no entendimento do leitor diante das hipóteses apresentadas.

Para tanto, comunico que me inspirei na propositura temática do Concurso de Fotografia do Conselho Municipal de Educação – CME/SL (Edital nº 02/2018)³¹ e, assim, justifico a seleção das fotografias que se destacam pela dialogicidade com a temática “Educação em Direitos Humanos”.

Em diálogos desenvolvidos com os fotógrafos e as fotógrafas aprendizes sobre a temática Educação em Direitos Humanos, surgiu a curiosidade para entender: porque as pessoas com diferenças na maneira de caminhar ou que não podiam enxergar são especiais?

E foi neste contexto interrogativo e curioso que escutamos histórias, conversamos e aprendemos um pouco sobre a educação inclusiva. Desta forma, referenciando ao cotidiano escolar a importância que cada um de nós exerce na vida do outro e também ao conduzir as nossas atitudes para contribuir com a formação de uma sociedade inclusiva.

Para a pesquisa foram selecionados 2 (dois) registros fotográficos sobre o Direito a Educação Inclusiva, intitulados “Direito à Inclusão” (Figura 10) e “Direito ao Respeito” (Figura 11).

O contexto criativo da obra intitulada *Direito à Inclusão (Figura 10)*, aconteceu a partir da contação da história “Um mundinho para todos”, escrita por Ingrid

³¹ Para conhecimento, o Edital nº 02/2018 do Concurso de Fotografia com a temática “Educação em Direitos Humanos” proposto pelo Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo – CME/SL está disponível em: <<http://conselhomunicipaleducacaosl.blogspot.com/2018/06/d-i-v-u-l-g-c-o-edita-n-022018-concurso.html>>, acessado em 05 de janeiro de 2023.

Biesemeyer Bellinghausen, publicado pela Editora DCL (2019). No manuseio do livro, o que mais chamou a atenção de algumas crianças foram “os pontinhos em alto-relevo”, elas queriam entender o que representavam aqueles pontinhos que apareciam em cada folha do livro. Conversei com elas sobre o Braille e as potencialidades dele para as crianças com baixa visão ou cegueira também conseguirem aprender a ler e a se aproximar das histórias.

O Fotógrafo Aprendiz Lucas gostou tanto de manusear este livro que teve a ideia de pedir ajuda ao professor Eric. Assim, ambos construíram com as peças de Legos (um dos seus brinquedos favoritos na escola) a imitação da palavra inclusão, representada em Braille. E com o cenário já pronto, Lucas capturou um dos registros que ele escolheu para compor a sua parte na Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

Figura 10: **Ana Ribeiro**, *Fotógrafo Aprendiz IX*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

A ficha técnica completa deste registro fotográfico intitulado *Direito à inclusão* (Figura 10) está contemplada no Anexo 1 desta dissertação.

A fotógrafa aprendiz Vitória Miriã, escolheu um dos livros disponíveis na sala referência para compor o seu cenário. E, a partir desta escolha, montou um coração com os jogos de Lego da sala referência. Curiosa pelo processo de letramento, ela pediu para que eu escrevesse numa folha a frase: “Direito ao respeito”. Me explicando que é importante que os colegas aprendam a respeitar quando alguém escolhe um livro para ler e que não tomem da mão do colega, antes que termine de usar.

Depois deste momento explicativo, a fotógrafa aprendiz Miriã pediu meu auxílio e do professor Eric, para realizar o desafio de distribuir as letras dentro do coração de forma que fosse possível que outras pessoas pudessem entender o recado que ela queria deixar. Ainda no seu processo criativo para a montagem deste cenário, Miriã pediu ajuda para realizar a ideia de fazer de conta que os amigos estavam segurando o coração. Assim, numa logística ampliada (depois de vários clics), ela conseguiu chegar no registro fotográfico que esperava.

O registro fotográfico ficou intitulado como: *Direito ao respeito* (Figura 11). E contou com a ajuda de muitos colegas da sala para que a fotógrafa pudesse registrar as muitas mãos que queriam o livro, mas que precisaram esperar até que ela usasse e pudesse emprestar.

Figura 11: **Ana Ribeiro**, *Fotógrafo Aprendiz XIX*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

A ficha técnica completa desta obra, representada pela Figura 11, encontra-se no Anexo 2 desta dissertação. E a sua versão original está publicada em Ribeiro (2018, p. 34).

Assim como neste, muitos outros cenários montados na sala referência, aconteceu em forma de criação colaborativa, inspirados na temática Educação em Direitos Humanos.

Antes de capturar seu registro fotográfico, a solicitação da fotógrafa das mãos dos colegas “fazendo de conta” que seguravam o coração, promoveu um espaço-tempo em que precisamos realizar inúmeros ajustes: mudar de lugar o colchonete que

abrigava a montagem daquele cenário, mãos para lá, mãos para cá, desmontagens e remontagens do cenário; até que a fotógrafa se sentiu satisfeita com uma das suas capturas e nos agradeceu pela ajuda.

Posteriormente, ela escolheu esta imagem para ser um dos seus registros fotográficos a compor a sua parte na Exposição dos fotógrafos aprendizes. Este referido registro foi destaque no 1º Concurso de Fotografias: Educação em Direitos Humanos e foi publicado na capa e na contracapa da versão interativa da Revista Educação & TransFormação, Ano II, Nº 02, Dezembro de 2018, publicada no site do Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo/RS, disponível no link: <<https://pt.calameo.com/read/0053973633d13699cc05a>>.

Para a pesquisa, foi feita a seleção de 1 (um) registro fotográfico relacionado a Educação Étnico-Racial, intitulado: *Direito a diversidade cultural* (Figura 14).

Figura 12: **Ana Ribeiro**, *Fotógrafo Aprendiz VI*, fotomontagem digital, 2022.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O fotógrafo aprendiz João Motta escolheu criar seu cenário na biblioteca da escola, durante exploração de diferentes recursos. Ele convidou uma colega para ser sua modelo e, com seu apoio e dos demais colegas na interação com materiais e livros, ele capturou o seu registro fotográfico (Figura 12), representando a Mala de Histórias sobre a cultura africana escolhida pela colega para manusear e conhecer.

Com ajuda dos professores, João Motta intitulou seu registro fotográfico como: *Direito à diversidade cultural*.

Posteriormente, ele escolheu esta imagem para compor a sua parte na Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

O seu registro fotográfico foi selecionado como destaque no 1º Concurso de Fotografias: Educação em Direitos Humanos, sendo publicado na página 68 da versão interativa da Revista Educação & TransFormação, Ano II, Nº 02, Dezembro de 2018, publicada no site do Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo/RS, disponível no link: <<https://pt.calameo.com/read/0053973633d13699cc05a>>.

A ficha técnica completa desta obra, representada pela Figura 12, encontra-se no Anexo 3 desta dissertação.

Na pesquisa foram analisados 5 (cinco) registros fotográficos relacionados ao Direito a Educação Ambiental, intitulados: “Direito de apreciar a arte” (Figura 13), “Direito de olhar e ser olhado por outro ângulo” (Figura 14), “Direito de conviver com os animais” (Figura 15), “Direito ao cuidado 1” (Figura 16) e “Direito de união pela limpeza das ruas 2” (Figura 17).

O registro intitulado *Direito de apreciar a arte* (Figura 13) foi capturado pelo fotógrafo Gustavo Ribeiro, nas suas interações e criações colaborativas com as peças de Legos e com os brinquedos miniaturas sempre demonstrou um imenso prazer nos momentos em que utilizávamos o saguão da escola para estes experimentos.

Figura 13: **Ana Ribeiro**, *Fotógrafo Aprendiz IV*, fotomontagem digital, 2020.



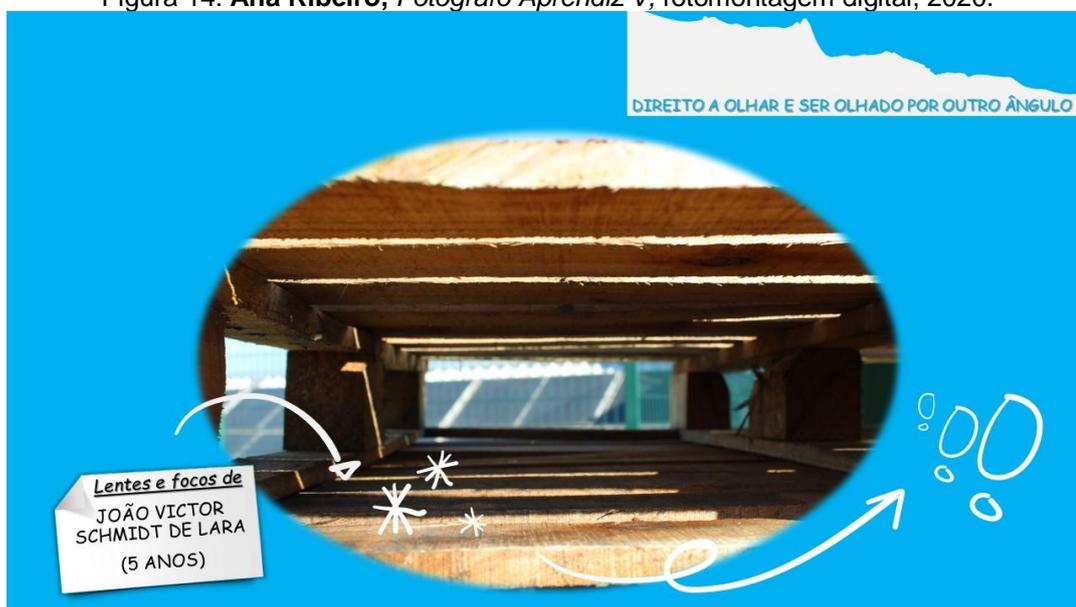
Fonte: acervo da pesquisadora.

Foi neste contexto das experiências do cotidiano que ele escolheu capturar este registro fotográfico de uma das criações colaborativas, montada por ele e seus

colegas. Posteriormente, ele escolheu este registro para compor a sua parte na Exposição dos Fotógrafos Aprendizes. A ficha técnica completa desta obra, representada pela Figura 13, encontra-se no Anexo 4 desta dissertação.

Outro registro fotográfico analisado na pesquisa foi intitulado, com a ajuda da professora, como: Direito a olhar e ser olhado por outro ângulo (Figura 14). Talvez, assim como eu me perguntei sobre o local de captura deste registro (Figura 14), no momento em que presenciei o fotógrafo posicionando a câmera, você também pode estar se perguntando: onde foi capturada esta foto?

Figura 14: **Ana Ribeiro**, *Fotógrafo Aprendiz V*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Conto que esta foto foi capturada no terraço da escola e representa a visão interna de uma pilha de paletes de madeira, que futuramente foram reutilizados e se transformaram em sofás.

O fotógrafo aprendiz João de Lara nos brindou com um olhar mais profundo e íntimo, da parte interna dos paletes de madeira e nos revelou este outro modo de ver o que se dispõe aos nossos olhos. E, como a recortar a realidade e a fixar este espaço-tempo, eternizando-os no seu registro fotográfico. Posteriormente, ele escolheu este registro para compor a sua parte na Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

A ficha técnica completa desta obra, representada pela Figura 14, encontra-se no Anexo 5 desta dissertação.

Para estabelecer uma relevante reflexão, Antunes (2013, p. 39) apud Barbosa (1991, p. 34), nos traz ao diálogo o entendimento:

[...] sobre o contributo da alfabetização visual para a formação do aluno. [...] “A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento da qualidade das imagens (...). Temos de alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando as crianças para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa (...). Essa decodificação precisa de ser associada ao julgamento da qualidade do que está sendo visto aqui e agora e em relação ao passado”.

Estabeleço de forma significativa um marco reflexivo importante na minha relação como professora-pesquisadora, para além de escutar as tessituras das infâncias. Pois, cada vez mais preciso entender sobre a relevância de decifrar seus silêncios, suas rupturas com o real, bem como sua imersão no próprio universo imaginário infantil.

O registro intitulado *Direito de conviver com os animais* (Figura 15), foi capturado no bairro da escola.

Figura 15: **Ana Ribeiro**, *Fotógrafo Aprendiz XII*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Em caminhada pedagógica, a fotógrafa aprendiz Mel chegou um pouco mais perto, dentro dos limites aceitáveis de segurança, do estimado “amigo de todas as crianças da escola”: o cavalo.

Para a maioria das crianças da turma, ele tinha o apelidado de “Menino”. O cavalo era de um dos moradores da comunidade e diariamente se alimentava no pasto do terreno ao lado da escola. Assim, o encontro pelo muro acontecia todos os dias, mas este fora um encontro sem os muros. Um encontro que foi capturado e se tornou

um dos registros fotográficos que a Mel escolheu para compor a sua parte na Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

A ficha técnica completa desta obra, representada pela Figura 15, encontra-se no Anexo 6 desta dissertação.

As pesquisas de Amaral (2014, p. 14) nos conduzem por caminhos que visem compreender que “A educação do olhar representa uma possibilidade de desenvolvimento estético dos sujeitos, sendo uma potencialidade que urge ser instigada em nossos tempos”.

O outro registro fotográfico analisado na pesquisa, é intitulado *Direito ao cuidado 1* (Figura 16) e aconteceu durante uma caminhada pedagógica no bairro da escola.

Figura 16: **Ana Ribeiro**, *Fotógrafo Aprendiz XVI*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

No processo criativo deste registro, o fotógrafo aprendiz Vinícius avistou um senhor (vizinho nos arredores da escola) cortando seu gramado externo. Logo se aproximou de mim para perguntar se ele podia fazer uma foto daquele momento. Expliquei que ele poderia realizar o registro desde que recebesse a autorização verbal do vizinho e que tomasse o cuidado de que o rosto dele não ficasse visível na foto.

Eu nem tinha concluído a explicação e, tanto Vinícius (o fotógrafo) quanto Lucas (seu modelo) já estavam subindo a calçada.

Lucas já começou a conversar com o vizinho, contou sobre o nosso projeto e pediu para seu amigo fotografar aquela cena, explicando ao vizinho que ele iria ser o modelo da cena e que, por isso, precisaria ajudá-lo “de verdade”.

Desta maneira lúdica e simpática, com a concordância do vizinho, algumas imagens foram capturadas e esta cena ficou eternizada em alguns *clics* em que Lucas prestou ajuda ao Sr. Vizinho em sua atividade laboral e Vinícius registrou.

A ficha técnica completa desta obra, representada pela Figura 16, encontra-se no Anexo 7 desta dissertação.

Neste contexto, emerge referenciar as investigações de Sontag (2004, p. 12), no que nos propõe compreender que:

Uma foto não é apenas o resultado de um encontro entre um evento e um fotógrafo; tirar fotos é um evento em si mesmo, e dotado dos direitos mais categóricos — interferir, invadir ou ignorar, não importa o que estiver acontecendo. Nosso próprio senso de situação articula-se, agora, pelas intervenções da câmera. A onipresença de câmeras sugere, de forma persuasiva, que o tempo consiste em eventos interessantes, eventos dignos de ser fotografados. Isso, em troca, torna fácil sentir que qualquer evento, uma vez em curso, e qualquer que seja seu caráter moral, deve ter caminho livre para prosseguir até se completar — de modo que outra coisa possa vir ao mundo: a foto. Após o fim do evento, a foto ainda existirá, conferindo ao evento uma espécie de imortalidade (e de importância) que de outro modo ele jamais desfrutaria. Enquanto pessoas reais estão no mundo real matando a si mesmas ou matando outras pessoas reais, o fotógrafo se põe atrás de sua câmera, criando um pequeno elemento de outro mundo: o mundo-imagem, que promete sobreviver a todos nós.

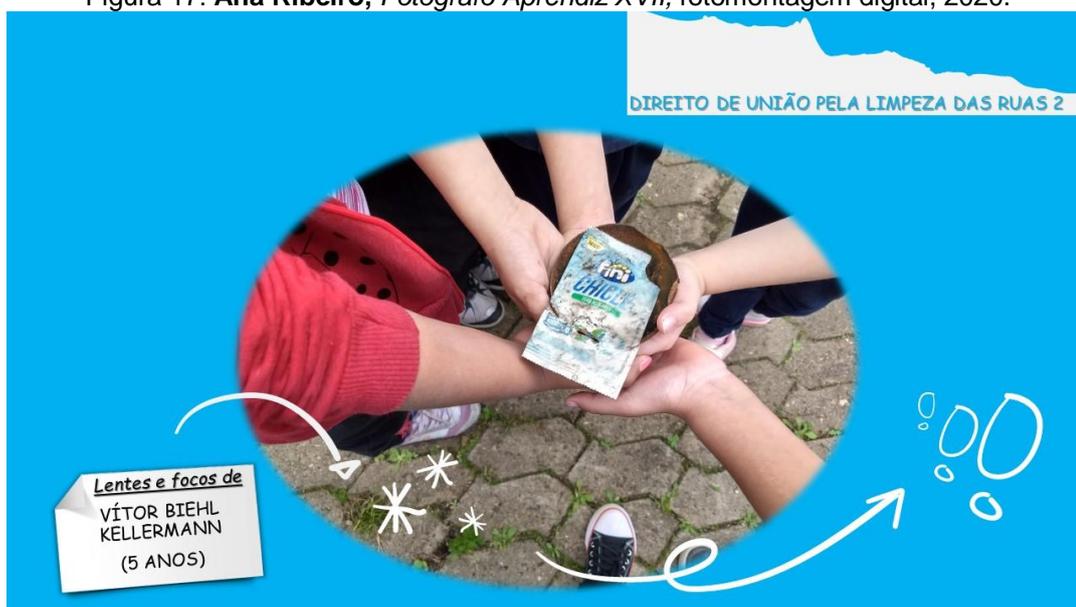
O registro fotográfico intitulado *Direito de união pela limpeza das ruas 2* (Figura 17), capturado na primeira caminhada pedagógica realizada pela turma no bairro da escola, de certo modo perpassa por um momento de diálogo com as perspectivas elencadas por Sontag (2004).

Uma vez que a imagem capturada representa o momento em que o fotógrafo aprendiz Vítor pediu para que os colegas segurassem o lixo que ele achou, pois queria mostrar que as pessoas devem se juntar para limpar as ruas.

De maneira que, como nos convida à reflexão as pesquisas de Sontag (2004), é possível reconhecer a *onipresença* da lente do fotógrafo aprendiz Vítor. Tanto ao captar a cena montada, como ao imprimir no registro fotográfico a sua impressão sobre a vida, Vítor nos convida a pensarmos: como cuidar do ambiente em que vivemos?

Nas suas hipóteses da infância, o fotógrafo aprendiz Vítor nos conta sobre a união, nos relewa que unidos (Figura 17) podemos mudar o *nosso* mundo, mudar as circunstâncias que o invadem e nos incube a pensar o cotidiano com as infâncias de modo mais atencioso e generoso. Para tanto: validando e potencializando que as tessituras do imaginário das infâncias protagonizem as suas histórias de vida neste mundo.

Figura 17: **Ana Ribeiro**, *Fotógrafo Aprendiz XVII*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

A ficha técnica completa desta obra, representada pela Figura 17, encontra-se no Anexo 8 desta dissertação.

Conforme as investigações de Oliveira (2009, p. 25) apud Barbosa (2002, p.18):

A necessidade de alfabetização visual vem confirmando a importância do papel da Arte na Escola. A leitura do discurso visual, que não se resume apenas à análise de forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente é centrada na significação que esses atributos, em diferentes contextos, conferem à imagem é um imperativo da contemporaneidade. Os modos de recepção da obra de Arte e da imagem ao ampliarem o significado da própria obra a ela se incorporam. [...] A leitura das imagens fixas e móveis da publicidade e da Arte na escola nos ajuda a exercitar a consciência acerca daquilo que aprendemos por meio de imagem.

A partir destes esclarecimentos, reflito sobre a dimensão da linguagem visual. No que visa elencar a criticidade do processo criativo e propagar a sua genialidade, estes apontamentos percorrem os caminhos que contribuem para entendermos quais escolhas de práticas pedagógicas, no âmbito do Projeto Exposição dos Fotógrafos

Aprendizes, validam as tessituras do imaginário das infâncias em colaboração à construção do meu percurso de formação docente em aproximação com as Artes Visuais.

Entre os questionamentos e as observações realizadas, num dos nossos momentos de interações e brincadeiras, eis que surge entre nós, por parte de uma das crianças da turma, um tipo de mantra, quase um slogan para o nosso projeto e que está representado na Figura 18: “*Cuidar do outro faz bem para mim também*” (RIBEIRO, 2018, p. 13).

Figura 18: **Ana Ribeiro**, *Aprendizagens no Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Entre tantas lembranças pedagógicas significativas e potentes para refletirmos nesta investigação, esta experiência cotidiana aconteceu quando estávamos jogando futebol no terraço da escola. Que tarde linda e divertida estava sendo, até que tivemos um *super acidente* (como disse uma das crianças, depois do ocorrido).

Um dos meninos chutou a bola, resvalou e caiu de frente, ralando o rosto no piso de cimento do terraço da escola. Depois de seu atendimento e dos cuidados que todos tivemos com ele, já de volta na sala, toda a situação se tornou o assunto para o nosso final de tarde.

Eis que surgiu entre nós uma importante reflexão, ao que um dos colegas constatou que “*cuidar do outro faz bem para mim também*”.

Eu realmente me emociono com a sensibilidade das crianças, com a generosidade com que elas expressam o nosso cotidiano dentre os inúmeros momentos desafiantes que vivenciamos.

E é, por circunstâncias como estas, que eu pontuo tantas vezes o quanto é essencial para a qualidade da educação que possamos ouvir e dar credibilidade ao que nos dizem as crianças, ou seja: dar oportunidade para que as tessituras do imaginário das infâncias tenham força e sejam presença no planejamento do cotidiano escolar.

Desta maneira, passamos a nos apresentar e dialogar como autores de nossa própria história.

*Que honra eu ter aprendido tanto com vocês!
Com gratidão, Ana Ribeiro.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São Leopoldo, novembro de 2022.

*Que as férias sejam ótimas!
Estimada Comunidade Escolar...*

À Comunidade Escolar, vivenciada em diferentes e importantes papéis: crianças, famílias, discentes, pesquisadores, docentes, educadores da alimentação e da higienização, secretária/o e porteira/o.

*À todas e todos que são aprendizes de suas infâncias, eu faço votos de que vivenciem um ano letivo de modo a **bem viver** todo este período como se estivessem se encaminhando para iniciar as suas férias...*

Pois que no final de cada ano letivo é assim que nos apresentamos: esperançosos por encontros e por compartilhar momentos festivos com nossas crianças e colegas, sedentos por aposentar o notebook por algumas horas e aproveitar a bela vista noturna que as luzes da cidade nos brindam cotidianamente (e que, imersos nos nossos compromissos diários, esquecemos de apreciar).

Aos quase 30 'segundos' para findar o ano, vivemos dias em que estamos entregando pareceres, fechando os cadernos de chamada, planejando as listas de materiais e debatendo ideias com as colegas do próximo ano... imersos neste universo, nos inquieta a seguinte reflexão: como estou me sentindo?

Há quem responda: exausta, sedenta por férias e pronta para renovar as baterias em passeios e eventos não escolares.

Diante de tantas potencialidades vividas em nosso cotidiano, estar ciente das vantagens e desvantagens em viver cada dia com o sentimento de que ele "é a nossa última semana antes das férias", pode até parecer devaneio.

Mas de forma alguma ele assim o é.

Tendo em vista que podemos contemplar a perspectiva de que todos os dias vivemos a arte da criação, do belo, da apreciação; e que o dia de hoje deve ser sinônimo de novos começos, garantindo assim um ambiente propício para o bem viver!

Eis que, de prontidão, o dia de hoje nos aproxima de muitas possibilidades para aprendermos em companhia...

A presente pesquisa envolveu muito mais que um processo documental e investigativo sério e que necessitou de organização, previsão e muita disciplina. Pois que para efetivar esta investigação e ampliar suas potencialidades científicas, foi preciso ponderar as considerações elencadas, conciliando com os elementos analisados, pressupondo avançar numa autorreflexão como pesquisadora frente ao tema investigado na pesquisa.

Este exercício representou uma oportunidade de envolvimento, enquanto pesquisadora, com os conceitos estudados, especificando aqueles que são caros e relevantes à sociedade.

Sinalizo as inquietações vivenciadas frente a questão de pesquisa investigada. E, neste ínterim, projeto que mais pesquisadores em arte-educação adentrem o importante espaço-tempo à análise das suas experiências cotidianas na escola e comuniquem as suas práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais.

Logo, pondero sobre quanto é significativa a presença das infâncias e das docências, por agora: sujeitos ativos e protagonistas na prática do pensamento crítico-reflexivo e do seu próprio desenvolvimento.

Para favorecer o entendimento, revelo as circunstâncias para a imersão na cultura visual, ao apresentar hipóteses dialógicas que referenciam as tessituras do imaginário das infâncias que construíram e constroem o percurso de minha formação docente no cotidiano da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).

Nesta perspectiva dialógica e filosófica, acredito que mais professores (artistas e pesquisadores) devem se permitir autoconhecer-se e criar possibilidades para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que contemplam a poética visual e as tessituras do imaginário das infâncias.

Em cumplicidade com os princípios de Duve (2012, p. 11) sobre o “aprendizado da arte como uma práxis libertadora”, pondero os aspectos que são pertinentes aos alentos e desalentos da minha formação docente.

Proponho o despertar atencioso dos leitores, incentivando-os a entrar para este importante debate frente a análise das experiências vivenciadas no seu espaço-tempo escolar. E, para tanto, convido para que acompanhem, apresentem e se aproximem desta perspectiva que narra sua trajetória pessoal e profissional no papel de pesquisadores.

Quando revisitei as cartas pedagógicas escritas nesta pesquisa, eu também voltei no tempo, às minhas memórias positivas de infância: quando aprendi a ler e escrever (já com 9 anos de idade). *Numa dessas memórias, estou sentava na varanda da casa da tia Marlene, anotando minhas impressões sobre o céu...*

Às vezes, ainda hoje, eu paro uns minutinhos, silêncio à correria do meu dia a dia e penso que foi assim que eu comecei a minha formação docente: nas varandas, escrevendo sobre a vida, sobre as minhas observações do mundo de dentro e do mundo de fora...

Como eu ia lembrando outrora, eu tenho pensado que sou aquela pessoa que gostava tanto da escola que eu decidi ficar mais um pouquinho... E assim fui

construindo possibilidades para continuar por perto, mudei de espaços/contextos/turmas/níveis de ensino, porém resisto aos infinitos percalços e persisto na docência; como a concretizar em si a sua relação com a minha própria existência.

Uma das minhas mais fortes *esperanças* pedagógicas objetiva que mais docentes possam compartilhar comigo a percepção de que cada uma das crianças tem, na sua singularidade, o potencial que garante uma boa dose de leveza e de alegria para o cotidiano escolar. E é neste contexto que acontecem as aprendizagens mais significativas, aquelas que realmente se tornam memórias afetivas e positivas das nossas infâncias.

Refletindo sob este ponto de vista, optei por apresentar nas considerações finais desta investigação um breve relato pedagógico como uma exposição artística na versão pedagógica e narrativa dos acontecimentos. Visando potencializar a análise diante da revisitação da história que compõe as narrativas visuais representadas pelos registros fotográficos apresentados na Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

Neste espaço, venho fazer um convite à apreciação da Exposição dos Fotógrafos Aprendizes numa versão pedagógica, distribuindo os registros fotográficos em conformidade com o processo criativo e o ambiente em que cada um fora capturado para compor a Exposição.

O marco inicial do projeto foi a *caminhada pedagógica* nos arredores da escola (Figuras 19 e 20). Foram necessárias 5 (cinco) saídas de campo, tendo em vista que cada a/o fotógrafa/o precisava de tempo-espço para refletir e fazer suas escolhas de cenários e de modelos para realizar os seus registros fotográficos.

Figura 19: **Ana Ribeiro**, *Caminhadas Pedagógicas no bairro da escola – parte 1*, fotomontagem digital, 2022.



Fonte: acervo da pesquisadora.

As *caminhadas pedagógicas* (Figuras 19 e 20) aconteceram no bairro da escola. As crianças, exploraram os seus arredores numa visão mais plana, reconhecendo na vizinhança o que lhes representava o tema de nossos estudos, a *Educação em Direitos Humanos*. Realizando os seus registros fotográficos nos espaços públicos conhecidos e frequentados por elas no convívio com seus familiares.

Figura 20: **Ana Ribeiro**, *Caminhadas Pedagógicas no bairro da escola – parte 2*, fotomontagem digital, 2022.



Fonte: acervo da pesquisadora.

As crianças utilizaram os brinquedos da *sala referência* (Figura 21) em diferentes momentos da rotina pedagógica e criaram seus cenários, dialogando sobre a temática “Educação em Direitos Humanos”.

Figura 21: **Ana Ribeiro**, *Sala referência*, fotomontagem digital, 2022.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O *terraço da escola* era um dos lugares considerados mais especiais e lá vivíamos muitos momentos *mágicos* (uma expressão da fala das crianças). Eu penso que lá tudo era mágico porque era no alto, começando pelo desafio de subir e descer as escadas *cuidando uns dos outros*.

Era neste espaço que as crianças jogavam futebol, criavam suas narrativas com lençóis/panos, colchonetes e cordas formando pequenos barracões (tão pequenos que quando eu entrava dentro de um deles, as crianças tinham que ficar do lado de fora. Confesso que o mais divertido era mesmo quando elas adentravam comigo o barracão e, nestes momentos, é claro: o barracão caía e todos se divertiam muito.

Assim, quando possível, reconstruíamos o nosso barracão; e quando não: descíamos de volta à sala referência para fazer a higiene e nos encaminhávamos à janta.

São Leopoldo, 12/11/2022.

Estimado/a leitor/a,

*Depois destas memórias afetivas narradas aqui,
Você pode estar se perguntando:*

E o quê desta narrativa nos revela sobre o relato pedagógico que contempla os registros fotográficos capturados no terraço da escola?

*A compartilhar nossas vivências, com alegria:
Ana Ribeiro.*

Expressar respostas que dignifiquem esta experiência foi e é desafiante para mim, por isso registro um convite ao leitor para que com o seu olhar atento, possa vir a: ver, sentir e perceber cada detalhe apresentado na pesquisa como forma de expressão e de dar validade às tessituras do imaginário das infâncias que me ajudaram a construir o meu percurso de formação docente.

Pois que, com os objetivos definidos ainda na sala referência, cada fotógrafa/o aprendiz exercitou a potência da observação do seu próprio espaço preferido,

revisitando o terraço da escola com o intuito de capturar registros de direitos que todos temos.

Assim, dedicando tempo para exercitar uma visão mais ampla e panorâmica de um espaço muito conhecido e utilizado no cotidiano escolar, os fotógrafos aprendizes contemplaram novos ângulos de visão *no terraço da escola* (Figura 22): tanto de cima para baixo, quanto de dentro para fora (capturando, lá de cima, alguns registros fotográficos dos arredores da escola).

Figura 22: Ana Ribeiro, *Terraço da escola*, fotomontagem digital, 2022.



Fonte: acervo da pesquisadora.

No *saguão da escola*, os fotógrafos aprendizes utilizavam jogos pedagógicos e brinquedos para ampliar as possibilidades para realizar seus registros fotográficos, contemplando a temática *Educação em Direitos Humanos*.

As crianças tinham por hábito espalharem-se, ocupando um expressivo e largo pedaço deste espaço; em alguns momentos, inclusive, interagindo com colegas de outras turmas e adentravam outras salas para visitas rápidas e encontros, por vezes, com: irmãos, vizinhos de bairro ou suas professoras de outrora.

Um local amplo, o *saguão da escola* (Figura 23) foi um destes espaços em que as crianças brincavam rotineiramente e no qual elas pediam, especialmente, para utilizar as peças de Legos e os brinquedos miniaturas.

Figura 23: **Ana Ribeiro**, *Saguão da escola*, fotomontagem digital, 2022.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Na *biblioteca e sala de múltipla da escola* (Figura 24), os fotógrafos aprendizes montaram cenários envolvendo a literatura infantil, fantasias e expressões através da linguagem literária e da música.

Figura 24: **Ana Ribeiro**, *Biblioteca e sala múltipla*, fotomontagem digital, 2022.



Fonte: acervo da pesquisadora.

De forma colaborativa, famílias, professoras e crianças, visitaram o *Parque Henrique Luis Roessler – Parcão em Novo Hamburgo* (Figura 25).

Figura 25: **Ana Ribeiro**, *Parque Henrique Luis Roessler – Parcão Novo Hamburgo*, fotomontagem digital, 2022.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Neste espaço, de modo a oportunizar que cada fotógrafo aprendiz pudesse experimentar o exercício da fotografia, no seu tempo e espaço. Ali, os fotógrafos aprendizes e seus colaboradores (familiares, professoras e demais colegas) criaram oportunidades para concretizar as suas escolhas de cenários e modelos, capturando os seus registros fotográficos.

Penso que é relevante contar que fomos para o passeio combinados de que nosso intuito, para além de brincar, se divertir e curtir o parque na companhia de colegas e de familiares, era especialmente o de: fotografar e montar cenários sobre “Educação em Direitos Humanos”. Neste espaço, tratamos especialmente sobre temáticas que contemplaram: a *inclusão*, o *meio ambiente* e a *música*.

Para que essa meta estabelecida fosse cumprida, além da criatividade e da boa vontade dos fotógrafos aprendizes (que literalmente estavam muito focados na proposta), tivemos o apoio das nossas famílias em cada etapa do processo criativo.

Aos docentes aprendizes e pesquisadores de suas infâncias, esta dissertação escreve uma carta-convite, pontuando algumas considerações frente as inquietações da questão problema pesquisada.

Bem como, expandindo este convite para ampliarem o tempo-espaço de diálogo indo além desta pesquisa acadêmica e dos muros de nossas escolas. E, com essa finalidade, com a carte-convite lançada, contextualiza a presença das infâncias

e das docências, enquanto sujeitos ativos e protagonistas no exercício do pensamento crítico-reflexivo e do desenvolvimento do conhecimento cotidiano.

Assim, em conformidade com as potencialidades investigativas de Wuenburguer (2008, p. 21), pondero que:

Lo imaginario, arraigado así en un sujeto complejo, no reductible a sus percepciones, no se desarrolla, no obstante, alrededor de imágenes. Libres, sino que les impone una lógica, una escrucuración, que convierte a lo imaginario en un "mundo" de representaciones. [...] G. Durand amplía el ejemplo de lo imaginario al conjunto de las producciones culturales (obras de arte, mitos colectivos, etc.) para allí poner en evidencia una triple lógica de "estructuras figurativas", propicia del Homo sapiens, que también es Homo symbolicus.

Justificando a elaboração do projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes, algumas inquietações circundavam o uso das tecnologias e mídias móveis para a educação, relacionando as minhas escolhas de práticas pedagógicas com a fotografia e o audiovisual ao protagonismo infantil e docente. Dentre elas, destacam-se:

- Como propor o uso saudável da tecnologia para a educação?
- Como viabilizar que o planejamento coletivo, em parceria com a Educação Musical, contemple a autoria colaborativa de uma música original para compor a trilha sonora da produção de vídeo estudantil – PVE?
- De que maneira se viabiliza a possibilidade de que um projeto de aprendizagem atenda às necessidades das crianças e seus familiares para responder o questionamento: Porque as crianças precisam se vacinar?
- No viés da Educação Audiovisual, é possível dar ênfase em aprendizagens com o tema Educação em Direitos Humanos, numa produção de vídeo estudantil e numa exposição fotográfica dos fotógrafos com crianças de faixa etária 5 anos?

Enquanto professora e pesquisadora, no momento da organização para a publicação da obra literária intitulada Exposição dos Fotógrafos Aprendizes, foi relevante e prudente que eu me posicionasse sobre a maneira como os adultos responsáveis podem auxiliar as crianças a vivenciar este espaço-tempo de imersão em culturas digitais e móveis.

Tendo em vista que ainda penso como refletido em outrora, para explanar este posicionamento, autocito minhas reflexões realizadas em Ribeiro (2018, p. 6),

Em tempos de cultura digital e mídias móveis, **toda criança tem o direito de ser usuária ativa, consciente e, de maneira saudável, se tornar protagonista e autora de materiais digitais.** Todo adulto responsável tem o dever de mediar e orientar os processos necessários na interação da criança com a tecnologia (**grifo meu**).

Numa análise que aborda a pesquisa sobre as infâncias, seus imaginários e suas fotografias, um fator que considero significativo ao que se refere às potências e aos desafios vividos na formação docente está sendo enfrentado cotidianamente: o de compreender como o conceito de cultura visual para as infâncias colabora e colaborou na construção do meu perfil profissional. Para Kramer (2000, p. 5):

Aprendemos **a ver nos olhos das crianças** nas fotos no cinema, **esse olhar infantil.** [...] **recria a história** da barbárie, **reconstrói** com os destroços, **refaz** a partir das ruínas e estilhaços, **refunda** uma tradição cultural que parecia não indicar alternativas, **faz história** do lixo. [...] e tantos filmes nos quais humanização e ética substituem cinismo e desesperança (**Grifo meu**).

A versatilidade do “olhar da infância” promove uma espécie de bússola que impõe direção à docência realizar planejamentos e escolher as práticas pedagógicas.

Para compreender um pouco além, menciono que as nossas crianças expressam sua completude de maneiras diversas e como produtores de história e cultura: sentem, pensam, emocionam-se, imaginam, transformam, inventam, criam e dialogam.

E, deste modo, são estes movimentos que as tornam sujeitos que precisam se relacionar com outras crianças e adultos para estabelecer relacionamentos e interações que se vinculam aos contextos sociais e culturais (BRASIL, 2009, p. 23-24).

De certo modo, as infâncias estão a constituírem-se protagonistas da sua experiência cotidiana.

Para tanto, planejar representa estudo e organização de “situações de aprendizagem para as crianças”. Em Brasil (2009, p. 36-37) nos orienta a entender que:

Se o professor tem boa formação e é investigativo, [...] ele faz sua formação continuamente junto com as crianças e em momentos de pesquisa e reflexão com seus colegas. **A postura do professor deve ser a de organizador, mediador e elaborador de materiais, ambientes e atividades que permitirão às crianças construir ações sobre objetos e formas de pensamento.** [...] professor como [...] um orientador da busca do conhecimento, principalmente quando ela surge como necessidade para

desenvolver o projeto do grupo e as necessidades e desejos individuais das crianças (**grifo meu**).

O exercício de dar voz às infâncias corrobora com esta perspectiva de deixar narrar as histórias das infâncias.

A partir deste ponto de atenção às tessituras do imaginário das infâncias, na escola das infâncias, de forma mais potente: o protagonismo infantil passa a nos ser cotidianamente revelado.

Isto posto, nesta experiência escolar, é caro ponderar que:

[...] o ato de educar crianças pequenas como ação simultaneamente ética e estética significa afirmá-lo como promoção criativa dos seres humanos. Criatividade expressa na intenção de perseguir cotidianamente uma vida mais bonita, mais inventiva, mais apaixonada, alegre, poética, inteligente, fundada em valores coletivos mais sensíveis, menos excludentes e sectários, menos indiferentes e violentos (BRASIL, 2009, p. 76).

Para esta finalidade, investiguei as minhas escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais, citando as referências e analisando a autoria colaborativa.

No processo investigativo, criativo e autoral, a perspectiva experiencial vívida por meio do registro fotográfico pelas lentes das crianças, expressou infâncias em que cada criança exerceu o papel de protagonista e autora de sua própria história.

Para além da comunicação visual que nos revelou pontos da visão de mundo das crianças, penso aqui sobre a representatividade ético-estética presente nos registros gráficos representativos do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

Com as contribuições das crianças, consegui interagir com diferentes reflexões sobre o tema Educação em Direitos Humanos e ampliar as potencialidades de condições de vivenciar espaço e tempo para dividir com o mundo acadêmico as percepções das crianças e a poética visual que inspiraram as escolhas de práticas pedagógicas aqui investigadas.

Neste meio entre o imaginário e a realidade, é importante promover a alfabetização visual num âmbito amplo e que abrange o cotidiano na sala referência. Em si, esta proposta abre espaço para que a comunidade adentre a escola e também leva as crianças para fora do espaço escolar. Esta foi e é uma perspectiva que possibilita que a leitura de mundo das crianças seja inteiramente validada frente as minúcias representativas da cultura visual às infâncias.

A presente investigação atingiu o objetivo geral a que se propôs, uma vez que contextualizou experiências, desafios e concepções teóricas exemplificativas das tessituras do imaginário das infâncias, numa perspectiva de pensar sobre a construção dos percursos da formação docente no contexto das escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais.

No que cerne ao primeiro objetivo específico desta pesquisa, foi possível enunciar percursos teóricos e práticos de memórias da formação docente, referenciando-os as contribuições à percepção pedagógica frente as lentes das infâncias.

Em reflexão ao segundo específico nesta investigação, estabeleço conexões e interações perceptíveis com as tessituras do imaginário em aproximação com as Artes Visuais e em consonância com a abrangência de possibilidades no que se refere às metodológicas aplicáveis ao processo de ensino e de aprendizagem.

Diante do terceiro objetivo específico deste trabalho investigativo, abordo a percepção ética-estética de forma a redimensionar às escolhas de práticas pedagógicas, na e pós pandemia por Covid-19.

Bem como, em cada etapa dissertativa, aponto fragilidades e potências da imersão na cultura visual no que contribuem ao importante começo no processo de alfabetização visual em tão tenra idade.

A fundamentação teórica proposta corroborou para comunicar conceitos estudados e pertinentes à linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética.

No contexto da Educação, da Arte Educação e das Artes Visuais, em conformidade com Bondía (2002, p. 24), esta prática investigativa também considera que: “A experiência [...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, [...] escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”.

Para a minha formação docente, conhecer e compreender o conceito de *professor-artista* representa uma oportunidade de escolher novas práticas pedagógicas. Para elucidar Dias e Martins (2019, p. 130) expressam que “[...] ser professor-artista [...] São modos de construir estratégias, de reinventar abordagens e metodologias que fazem pulsar a experiência estética e processos de criação na arte, na cultura e na educação”.

A presente pesquisa propôs que a escuta das infâncias possibilita reconhecer as suas tessituras, no que se refere à melodia expressa pela criatividade das infâncias. Na perspectiva de conhecer essa sonoridade, as propostas investigativas deste estudo, nos apresentaram algumas maneiras para transpor o tempo-espaço, referenciando o imaginário enquanto presença ativa no cotidiano da escola e que continua a ressoar para além dos muros da escola.

Em complemento a estes estudos, entendo que seja relevante destacar o conceito de *criança: protagonista e autora*. Ao analisar a produção do livro intitulado *Exposição dos Fotógrafos Aprendizes*, por Ribeiro (2018, p. 6), publicada em autoria colaborativa com as crianças, autocito a reflexão de que:

Em tempos de cultura digital e mídias móveis, **toda criança tem o direito de ser usuária ativa, consciente e, de maneira saudável, se tornar protagonista e autora de materiais digitais**. Todo adulto responsável tem o dever de mediar e orientar os processos necessários na interação da criança com a tecnologia.

É um direito da criança sim, porquanto que é vasto o mundo que a tecnologia apresenta para nós, mas para a criança vivenciar este tempo de modo saudável, é preciso que este seja mediado por adultos responsáveis.

Para explicitar o conceito representado por mim no que se refere às tessituras do imaginário das infâncias, apliquei a metodologia de pesquisa por *abordagem experiencial* de Josso (2007). Em conjunto com o imaginário das infâncias, o presente projeto de pesquisa de Mestrado ambicionou e conseguiu trazer a público a compreensão de que esta diversidade sonora, representada pela melodia das infâncias, contempla e ressoa o encantamento delas com o mundo.

Sendo assim, fundamento que o ambiente acadêmico (de formação docente), seja um espaço que represente numa reflexão-crítica: o quão significativo é planejar intencionalmente os pressupostos da arte-educação a partir de uma *abordagem experiencial* que versa com o imaginário das infâncias.

Para tanto, em seus estudos de Souza (2007, p. 16) nos revelou um pouco mais sobre a *abordagem experiencial*, considerando que:

A abordagem experiencial, a partir do trabalho com as histórias de vida ou com as biografias educativas, configura-se como um processo de conhecimento. Um conhecimento de si mesmo, das relações que são estabelecidas com o seu processo formativo e com as aprendizagens construídas ao longo da vida.

Nesse propósito, foi possível perceber a partir das contribuições da *abordagem experiencial* que esta escolha metodológica qualificou a presente investigação. Em consonância com as percepções de Souza (2007, p. 13-14) de que:

[...] Escrever é, pois, um ato de [...] possibilitar aos professores/professoras refletirem sobre o sentido e a pertinência da escrita **como prática de formação, autoformação e transformação de si (Grifo meu)**.

A metodologia desta pesquisa de Mestrado em Artes, a partir de uma abordagem experiencial, favoreceu a investigação e a apresentação por meio das *cartas pedagógicas*. As quais enlaçaram os conceitos e versaram, de maneira significativa, com a potência inquisitiva das demais pesquisas (e autorias colaborativas) ao perpassar por estudos desenvolvidos diante das escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais.

Ao protagonizar a educação como sendo também este espaço-tempo convidativo à aproximação das vozes de estudantes, professores e demais integrantes da comunidade escolar; estivemos a promover que o contexto local e as problematizações daquele espaço-tempo, possam ser evidenciados, compreendidos e manifestados para além de se dar a conhecer, ou seja: servindo a inspirar e dar exemplo para que outrem mobilize-se.

Nesta percepção, para compor as considerações finais, destaco em Freire (2000, p. 14) que:

Cabe a nós, pois, não fundarmos clubinhos ou capelas, mas **promovermos o diálogo amplo e crítico entre as grandes teorias** que, contra a maré do determinismo e do fatalismo inexorável da economia de mercado, da especulação, da ganância e da exclusão, querem **contribuir para um novo projeto planetário de convivialidade humana. Cabe a nós**, Paulo, que aqui ficamos, **derrubarmos muros e inventarmos** o que venho chamando, há alguns anos, uma *engenharia epistemológico-pedagógica* de pontes, através das quais possamos ir e vir, ao **encontro uns dos outros, sonhando com o dia em que possamos sentar à sombra desta mangueira da fraternidade global (grifo meu)**.

Para tanto, ao compor e apresentar a pesquisa numa abordagem metodológica experiencial e em formato de *cartas pedagógicas*, justamente represento este espaço dialógico. E, no que cabe a mim, amplio e potencializo que tenha nos servido de exemplo como uma investigação autocrítica. Numa análise frente as escolhas de práticas pedagógicas já desenvolvidas e que permanecem vivas como potências,

tanto para as memórias docentes e discentes, como a nos servir de inspiração para acreditar, sonhar e esperar. Sim: estive aqui articulando sobre o que se fez, revelando sobre os nossos sonhos planejados, relatando as nossas práticas, constatando os nossos desafios e também entendendo algumas das nossas frustrações pedagógicas.

Em síntese, a metodologia de pesquisa por abordagem experiencial possibilitou demonstrar uma correlação com o percurso de memórias docentes em aproximação com as Artes Visuais presente nas potencialidades, descobertas e análises que permearam o planejamento, a execução e a amostragem de resultados advindos do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes.

O presente estudo contemplou a apresentação do meu percurso discente e docente em suas aproximações com as Artes Visuais.

Assim, corroborou para justificar a minha escolha em ingressar no Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Artes, dando continuidade às pesquisas iniciadas na graduação em Licenciatura em Pedagogia.

Bem como, ressaltou que as minhas escolhas de práticas pedagógicas promoveram a metodologia PVE (Produção de Vídeo Estudantil) e as narrativas visuais (registros fotográficos) como mote.

Cito o relevante apoio e a participação da comunidade para esta parceria entre escola e família em prol de uma educação pública de qualidade.

Verso sobre a gestão democrática e o empreendedorismo na formação docente, na perspectiva da criança como protagonista e autora. Bem como, enuncio o contexto de organização prévia e diálogo sobre o interesse das crianças da turma em produzir materiais digitais e em participar do Concurso Municipal de Fotografia sobre Educação em Direitos Humanos, organizado pelo Conselho Municipal de Educação – CME/SL, situado na cidade de São Leopoldo/RS/Brasil (Concurso que inspirou os estudos do Projeto Exposição dos Fotógrafos Aprendizes).

Relato e analiso as tessituras do imaginário das infâncias compondo os bastidores da atuação das/os fotógrafas/os. E contextualizo as narrativas visuais das infâncias, rerepresentando-as pelas lentes da docência, num viés investigativo em Artes Visuais.

Problematizo a questão das tessituras do imaginário das infâncias como um norte para o planejamento intencional nas escolhas de práticas pedagógicas, porque

acredito que as crianças têm muito mais a nos ensinar, do que a aprender: ainda que a troca de aprendizagens aconteça de forma mútua, coletiva e colaborativa.

Enquanto nos posicionamos como os adultos referências no contexto escolar, nos propomos a observar e a prestar atenção nas nossas infâncias: escutamos, sentimos, percebemos e nos relacionamos melhor uns com os outros; enriquecendo e valorizando as tessituras do imaginário das infâncias no processo de ensino e aprendizagem.

Abordo o imaginário como um “mundo de representações”, em que o sujeito é entendido em sua complexidade, sem ser reduzido às suas percepções e numa relação que amplia o desenvolvimento de sua visão para além das imagens livres, antes lhes impondo uma lógica, um exame minucioso, uma análise (WUENBURGUER, 2008, p. 21).

O primeiro passo para o desencadeamento dos tempos e espaços propícios para esta investigação foi e é acreditar que as tessituras do imaginário das infâncias construíram e ainda constroem o percurso de minha formação docente no que se refere às escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais, em especial, no cotidiano da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano).

Nesta proporção, experimentando as escolhas de práticas pedagógicas em aproximação com as Artes Visuais, compreendo que o respeito às tessituras do imaginário das infâncias, produz em nós adultos uma sonoridade interna, a qual nos embala para longe do anonimato e nos possibilita criar a nossa própria música. Compondo-a com os nossos ritmos variados, consegui, no decorrer do presente trabalho investigativo, expressar as nossas potencialidades e reconhecer também as nossas limitações neste processo de ensino e aprendizagem que, permeado pela cultura visual, promove a linguagem da fotografia e da produção de vídeos estudantis como objeto de análise.

No percurso formativo do tempo dedicado aos estudos da dissertação, desde os primeiros estudos, habita em mim um sentimento profundo de *semear o meu mundo no mundo*. Guattari (1990) nos inspira a refletir sobre os tempos que vivemos e atualiza em mim este sentimento de pertencimento ao meio ambiente, não só no contexto do contato da natureza e suas naturalidades, mas no sentido de existir em mim um consentimento de que “para continuarmos existindo haverá que possamos nos organizar para dedicar tempo-espço” ao que nos é caro no momento. E com

certeza, vivemos numa emergência mundial que nos convoca a realizar uma conexão mais aprofundada, que estabeleça os parâmetros desta relação entre humano, máquina e ambiente (GUATTARI, 1990, p.16).

Ponderando a relação dialógica entre as três ecologias citadas por Guattari (1990), sob o ponto de vista de suas pesquisas, pode-se dizer que a ecologia social, permeia o conceito de ecosofia e que, deste modo, o pensamento “ecosófico” estabelece um tipo de despertar na condição humana na sua relação com o meio ambiente em consequência das escolhas de vida e de suas ações.

Assim, de forma mais consciente e esclarecida pelos estudos aplicados à presente investigação, escolho persistir na inclusão das linguagens fotográfica e audiovisual em processos imagéticos e investigativos que representem as Tessituras das Infâncias e suas relações, conexões e proposituras em contextos educativos desde a mais tenra idade.

Para tanto, re(inventando) e re(construindo) as expectativas em todos os níveis sociais, não do ponto de vista de uma contrapartida histórica, mas numa ideologia que presume o pressuposto de encontrarmos alternativas possíveis para manter saudáveis as nossas relações mentais com o meio e com nós mesmos, como num processo de autoconhecimento e autopreservação que se fundamenta no planejamento coletivo de partilha e convívio (mas não de modo utópico) e sim, de modo consciente e plural (GUATTARI, 1990).

Na pesquisa sobre as Tessituras do Imaginário das Infâncias, destaco que a ecologia mental estabelece a relação subjetiva supracitada por Guattari (1990), tendo em vista o exercício humano de repensar sua maneira de ser, pensar e se comportar no mundo.

Nesta concepção é que proponho o diálogo e entendo que aprendemos uns com os outros. Portanto, reforço que o convívio com as crianças tem muito a ensinar sobre nossas concepções e devaneios e sobre a nossa visão frente ao mundo que nos cerca.

Em tempos e espaços percorridos nesta interação de sujeitos com o meio, cada um desempenhando papéis distintos, é que vivenciamos o nosso lugar no mundo e escolhemos (ou não) manter uma postura ativa e reflexiva diante dos desafios enfrentados, individual e coletivamente, nas questões e soluções ambientais (dentro e fora do contexto escolar).

Presencialmente ou virtualmente (em tempos pandêmicos) a ecologia ambiental também nos alerta para a necessidade de preservação, nesta emergente perspectiva estou mais voltada para o meio ambiente e a relação que estabeleço como ser humano com as questões de preservação e manutenção do meio em que vivo.

Ao estabelecer esta conexão dialógica com as pesquisas de Guattari (1990), compreendo que, dentre as ecologias citadas, as que têm uma relação mais profunda e conectiva com as artes e a presente investigação, estando em maior evidência são: a social e a mental.

Tendo em vista que as duas vêm maquinar com a minha pesquisa de mestrado na perspectiva de uso e expressão. Através da imagem (registro fotográfico) da palavra, da relação ético-estética e da exploração dos ambientes (imaginários e naturais) são propostos os registros fotográficos das infâncias. Levando em consideração que as infâncias, de forma plural, têm inúmeras possibilidades e que se apresentam naturalmente dispostas a enfrentar os desafios mundanos e a viver de forma mais sensorial e imaginativa.

Deste modo, é emergente nos posicionarmos numa relação dialógica com as crianças para que possamos aprender com suas experiências e maneiras de olhar para sentir, ver e ser no mundo.

Em constância ao compartilhamento de meus percursos de formação discente e docente em aproximação com as Artes Visuais, saliento as escolhas de práticas pedagógicas que promoveram a metodologia PVE (Produção de Vídeo Estudantil) e as narrativas visuais (registros fotográficos).

Numa dialética relevante de aproximação a presente investigação e as reflexões de Oliveira (2018, p. 2), entendo por premissa que:

[...] a imagem é uma forma de linguagem, a qual possui estrutura e comportamento diferente do texto escrito. Essa diferença exige analisar o modo como o pensamento imagético se dá e como ele se relaciona com a língua escrita ou falada, pois esta possui lugar privilegiado e mais valorizado entre as várias linguagens existentes.

Entre pensamentos, devaneios, investigações e potentes diálogos com minha orientadora e parceira nesta jornada de pesquisadora, ao escrever a dissertação sobre as tessituras do imaginário das infâncias, expressa em *cartas pedagógicas*, senti um desejo, uma inspiração que (na perspectiva de Guattari) seria um desejo um tanto ecosófico: *lançar uma exposição para entregar ao mundo acadêmico a recente*

pesquisa no formato de cartas pedagógicas manuscritas em papel semente reciclado, e, posteriormente ao encerramento da exposição, plantar as sementes numa horta escolar ou comunitária para distribuir o plantio para as infâncias que por ali habitam.

*A esperar por mais docências que validem
as tessituras do imaginário das infâncias,
Ana Ribeiro.*

Figura 26: Ana Ribeiro, Poema: A Escola é Tempo de VIDA, fotomontagem digital, 2022.

*A Escola é Tempo de VIDA...
Assim como o dia de ontem
e o segundo de outrora
já passaram,
as Infâncias NÃO voltam o Tempo...
O que persiste no Tempo VIVIDO,
são as Memórias...
Pois, possamos compreender que as
nossas Memórias Imagéticas,
nos apresentam espaço & tempo de
vida...
Transfigurados em (boas memórias
afetivas).
Um afetar saudoso e feliz em que,
feitas as nossas revisitações,
possam (elas): nos aquecer o coração
e brotar muitos sorrisos!
A esperar, Ana Ribeiro (2022).*

Fonte: acervo da pesquisadora.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Michele Pedroso do. **Do olhar ao ver: Diálogos entre mediação docente e a educação do olhar no ensino de Artes Visuais.** In: **X Anped Sul**, p. 1-19.

Florianópolis: outubro de 2014. Disponível em:

<http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/2125-0.pdf>. Acessado em: 14 de janeiro de 2023.

ANTUNES, Sérgio Bruno Canha. **Educação Visual num mundo codificado.**

Dissertação de Mestrado em Ensino de Artes Visuais, 176p. Orientado por: Prof.^a

Dr.^a Rosa Maria Pinho de Oliveira. Portugal: Universidade de Aveiro – Departamento de Educação, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10773/12952>>. Acessado em 13 de janeiro de 2023.

ALVES, Rubens. **Educação dos sentidos e mais.** Campinas/SP: Verus, 2011.

BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin – obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política – Ensaio sobre literatura e história da cultura. vol 1, 1^a ed. (1985). Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1985. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/O-Narrador_Walter-Benjamin-1.pdf>. Acessado em: 13 de janeiro de 2023.

BOLL, C.I. Sabedoria e informática educativa: múltiplos “eus” contemporâneos enunciando numa rede dialógica. In: MILL, Daniel; REALI, Aline. (Orgs.). **Educação a distância, qualidade e convergências: sujeitos, conhecimentos, práticas e tecnologias.** 1. ed. São Carlos: UFSCar, 2016.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de**

experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

Disponível no link: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>>. Acessado em 29 de novembro de 2020.

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos. **A NATUREZA SOMOS NÓS? SERÁ?**

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM AÇÃO, v. 70, p. 1-7, 2020. Disponível no link

<<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3870>>. Acessado em 30 de julho de 2020.

_____, Cláudia Mariza Mattos. **Reflexões sobre um tempo pandêmico.**

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM AÇÃO, v. 71, 2020. Disponível no link:

<<https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3966>>. Acessado em 30 de julho de 2020.

_____, Cláudia Mariza Mattos. **Entre photos, graphias, imaginários e memórias:**

a (re)invenção do ser professor. 2012. 154f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em:

<http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/1678/1/Claudia%20Mariza%20Mattos%20Brandao_Tese.pdf>. Acessado em 25 de julho de 2020.

_____, Cláudia Mariza Mattos; AZEVEDO, Cláudio Tarouco de. **Imaginário,**

subjetividade e tecnologia na formação docente em artes visuais. REVISTA

GEARTE, v. 6, p. 23-39, 2019. Disponível no link

<<https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/90734/52704>>. Acessado em 30 de julho de 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional**

Comum Curricular. Brasil: MEC/SEB, 2018. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 26 de julho de 2020.

_____, Ministério da Educação. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a educação infantil. **Práticas**

Cotidianas na Educação Infantil – Bases para a reflexão sobre as orientações

curriculares – Consultora: Maria Carmen Silveira Barbosa. Brasília: MEC/SEB,

2009. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso em: 11 de agosto de 2022.

CARRARA, Dhara; BAILFUS, Berenice; e BRANDÃO, Cláudia. **Trânsitos entre Artes**

Visuais e Imaginários Ecosóficos. In: Anais do XXII Encontro de Pós-Graduação – ENPOS – 6ª Semana Integrada UFPel 2020. Disponível no link:

<https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2020/LA_02606.pdf>. Acessado em 11 de junho de 2022.

CME/SL, Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo. **Revista Educação & TransFormação.** Versão interativa, Ano II, Nº 2. São Leopoldo/RS: CME/SL, Dezembro de 2018. Disponível em:

<<https://pt.calameo.com/read/0053973633d13699cc05a>>. Acessado em: 20 de setembro de 2022.

DAMÉ, Paulo Renato Viegas. **A Casa redonda.** 2018, 244 p. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2018.

DIAS, Ronne Franklim; MARTINS, Raimundo. Professor-artista: alguns conceitos e perspectivas baseadas em princípios da cultura visual. **Revista Digital do LAV,** Santa

Maria: UFSM, v. 12, n. 2, p. 118-132, mai./ago. 2019. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/download/38068/pdf>>. Acessado em 18 de junho de 2022.

DIEFENTHÄLER, Daniela da Rosa Linck. **Arte, Imaginação e Crianças.** 1. ed. – Curitiba/PR: Appris, 2017.

DUVE, Thierry de. **Fazendo escola (ou refazendo-a?)** In Thierry de Duve; tradução Alexânia Ripoll. Chapecó/SC: Argos, 2012.

FABRIS, Annateresa. Discutindo a imagem fotográfica. In: **Domínios da Imagem.** Londrina: Vol. 01, nº 1, 2007, p. 31 – 41. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/19252>
Acessado em: 27 de março de 2022.

FREIRE, Paulo – 1921 – 1997. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire.** São Paulo, Editora UNESP, 2000.

GIRALDEZ-HAYES, Andrea. **Artes y bienestar psicológico: Las artes como intervenciones positivas.** PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v.10, n.20: nov.2020. Disponível em <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.20711>>. Acessado em 01 de maio de 2022.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias / Félix Guattari;** tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas/SP: Papyrus, 1990.

HOLMER, Adriana Maria Steffen. O Papel da Imagem no Imaginário Pós-Moderno. In: NP20 – **Fotografia: Comunicação e Cultura**, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/141159346577403820907402009081892813707.pdf>>. Acessado em 08 de janeiro de 2023.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/6246357-A-transformacao-de-si-a-partir-da-narracao-de-historias-de-vida.html>>. Acessado em 19 de junho de 2022.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. Anais do Seminário Internacional da OMEP. Infância e educação infantil: reflexões para o início do século. Rio de Janeiro: Ravil, jul. 2000. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/23857/16830>>. Acessado em 21 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, M. M. C. **Alfabetização visual: uma abordagem arte-educativa para a contemporaneidade.** Estudos Semióticos. [on-line]. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Vol. 5, nº 1, p. 17-27. Disponível

em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2009.49226>>. São Paulo: 2009.
Acessado em 08 de janeiro de 2023.

OLIVEIRA, Raquel Cecília de. **PENSAR POR IMAGENS: Vilém Flusser e a construção do pensamento na atualidade**. In: Revista Sísifo, nº 8, vol. 1. Feira de Santana, BA: 2018. Disponível no link:
<<http://www.revistasisifo.com/2018/11/pensar-por-imagens-vilem-flusser-e.html>>.
Acessado em 27 de abril de 2022.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: A natureza, o Imaginário e o Brincar**. 1. ed. São Paulo/SP: Editora Peirópolis, 2016.

RIBEIRO, APN (org.). **Exposição dos Fotógrafos Aprendizes**. 1a. Ed. Porto Alegre/RS: Cirkula, 2018, impresso. Disponível digitalmente no link:
<<https://pt.calameo.com/read/00455963364c8217abfa8?authid=bwb5u5rtxYqi>>.
Acessado em 28 de abril de 2022.

SILVA, Raquel Belisário. A insustentável leveza da narrativa: palavra de “infante”?
In: **Walter Benjamin: estética, política, literatura, psicanálise** [recurso eletrônico] / Ricardo Timm de Souza et al (Orgs.), 649p. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.
Disponível em: <<https://www.editorafi.org/564walter>>. Acessado em 16 de janeiro de 2023.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. (On photography, 1977). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Abordagem Experiencial: pesquisa educacional, formação e histórias de vida. In: BRASIL/MEC/SEED. **Salto para o Futuro. História de Vida e Formação de Professores**. Boletim 01, março de 2007. (p. 03 – 24).
Disponível em: <<https://docplayer.com.br/7421087-Historias-de-vida-e-formacao-de-professores-1.html>>. Acessado em 15 de junho de 2022.

SOUZA, Jaison Couto de. Artefatos e afetos: olhares, poéticas e ressignificação do ambiente, p. 50-62. In: **Olhares ecosófico na arte contemporânea: pesquisas**

em contextos poéticos e de ensino. Claudio Tarouco de Azevedo (org.). Rio Grande: Editora da FURG, 2021. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/9598/OLHARES%20ECOS%C3%93FICOS%20NA%20ARTE%20CONTEMPOR%C3%82NEA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 16 de janeiro de 2023.

TABORDA, Sonia (Tradução). **René Passeron – A poética em questão (Dossiê)**. N.21, V.1, Porto Alegre: Revista Porto Arte, Jul/Nov 2004.

TESSITURAS. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tessituras/>. Acesso em 14 de junho de 2022.

WUNENBURGUER, Jean-Jaques. **Antropología del imaginario** - 1ª. ed. - Buenos Aires: Ediciones Del Sol, 2008. 168 p. (Serie Antropológica). Traducido por: Silvia Nora Labado.

WESTBROOK, Robert B.; Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). **John Dewey** – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 136 p.: il. – (Coleção Educadores).

Apêndice A

Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz IX

Figura 10: Ana Ribeiro, *Fotógrafo Aprendiz IX*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O registro fotográfico original está publicado em Ribeiro (2018, p.23).

- Nome de artista do fotógrafo aprendiz: *Lucas Ramos*.
- Nome completo do fotógrafo aprendiz: *Lucas Domingues Ramos*.
- Título deste registro fotográfico: *Direito a inclusão*.
- Idade: *5 anos*.
- Ano: *2018*.
- Breve contexto de criação do cenário: *Na sala referência para a turma, em criação colaborativa de cenários sobre inclusão, registro da palavra inclusão representada em Braille com as peças de Legos.*
- Participação do fotógrafo aprendiz em concursos: *1 participação no Concurso de Fotografias: Educação em Direitos Humanos (promovido pelo Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo/RS) com três (3) registros fotográficos.*
- Autobiografia: *"Oi, eu sou o Lucas e amooo inventar histórias com heróis e zumbis. Gosto também de correr, pular e de e jogar bola com meus amigos"* (RIBEIRO, 2018, p. 23).

Apêndice B

Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz XIX

Figura 11: Ana Ribeiro, *Fotógrafo Aprendiz XIX*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O registro fotográfico original está publicado em Ribeiro (2018, p. 34) e também em CME/SL (2018, capa e contracapa).

- Nome de artista do fotógrafo aprendiz: *Vitória Miriã Silva*.
- Nome completo do fotógrafo aprendiz: *Vitória Miriã Aguiar da Silva*.
- Título deste registro fotográfico: *Direito ao respeito*
- Idade: *5 anos*.
- Ano: *2018*.
- Breve contexto de criação do cenário: *Na sala referência para a turma, em criação colaborativa de cenários sobre Educação em Direitos Humanos, registro da montagem realizada com um livro de histórias e peças de Legos, criada com o apoio dos colegas da turma, para fotografar suas mãos, representando o direito ao respeito.*
- Participação do fotógrafo aprendiz em concursos: *1 participação no Concurso de Fotografias: Educação em Direitos Humanos (promovido pelo Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo/RS) com três (3) registros fotográficos.*
- Premiações/Destaques: *registro fotográfico selecionado pelo Concurso de Fotografias: Educação em Direitos Humanos e publicado na capa e na contracapa da versão interativa da Revista Educação & TransFormação, Ano II, Nº 02, Dezembro de 2018, publicada no site do Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo/RS, disponível no link: <<https://pt.calameo.com/read/0053973633d13699cc05a>>.*
- Autobiografia: *"Oi, sou a Vitória Miriã e a minha melhor amiga é a Sophia. Gosto mais de brincar na pracinha de areia"* (RIBEIRO, 2018, p. 34).

Apêndice C

Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz VI

Figura 12: Ana Ribeiro, *Fotógrafo Aprendiz VI*, fotomontagem digital, 2022.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Este registro fotográfico original está publicado em Ribeiro (2018, p. 20) e também em CME/SL (2018, p. 68).

- Nome de artista do fotógrafo aprendiz: *João Motta*.
- Nome completo do fotógrafo aprendiz: *João Victor Lluviera Motta*.
- Título deste registro fotográfico: *Direito a identidade cultural*.
- Idade: *5 anos*.
- Ano: *2018*.
- Breve contexto de criação do cenário: *Na biblioteca da escola, durante exploração de diferentes recursos, registro com apoio de colegas na interação com materiais e livros.*
- Premiações/Destaques: registro fotográfico selecionado pelo Concurso de Fotografias: Educação em Direitos Humanos e publicado na página 68 da versão interativa da Revista Educação & TransFormação, Ano II, Nº 02, Dezembro de 2018, publicada no site do Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo/RS, disponível no link: <<https://pt.calameo.com/read/0053973633d13699cc05a>>.
- Autobiografia: “Oi, sou o João Motta e gosto mais de brincar com meus Transformers” (RIBEIRO, 2018, p. 20).

Apêndice D

Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz IV

Figura 13: Ana Ribeiro, *Fotógrafo Aprendiz IV*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O registro fotográfico original está publicado em Ribeiro (2018, p.18).

- Nome de artista do fotógrafo aprendiz: *Gustavo Ribeiro*.
- Nome completo do fotógrafo aprendiz: *Gustavo Raupp Ribeiro*.
- Título deste registro fotográfico: *Direito de apreciar a arte*.
- Idade: *5 anos*.
- Ano: *2018*.
- Breve contexto de criação do cenário: *No saguão da escola, em interações e brincadeiras com peças de Legos, registro de uma das criações montada por ele e seus colegas*.
- Participação do fotógrafo aprendiz em concursos: *1 participação no Concurso de Fotografias: Educação em Direitos Humanos (promovido pelo Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo/RS) com três (3) registros fotográficos*.
- Autobiografia: *“Olá... Sou o Gustavo Ribeiro e gostei muito de ser fotógrafo, eu gosto mais é da máquina de verdade... o telefone é bom também...”* (RIBEIRO, 2018, p. 18).

Apêndice E

Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz V

Figura 14: Ana Ribeiro, *Fotógrafo Aprendiz V*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O registro fotográfico original está publicado em Ribeiro (2018, p.19).

- Nome de artista do fotógrafo aprendiz: *João de Lara*.
- Nome completo do fotógrafo aprendiz: *João Victor Schmidt de Lara*.
- Título deste registro fotográfico: *Direito a olhar e ser olhado por outro ângulo*.
- Idade: *5 anos*.
- Ano: *2018*.
- Breve contexto de criação do cenário: *“No terraço da escola”, em “interações e brincadeiras”, registro de “foto espontânea do professor”*.
- Participação do fotógrafo aprendiz em concursos: 1 participação no Concurso de Fotografias: Educação em Direitos Humanos (promovido pelo Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo/RS) com três (3) registros fotográficos.
- Autobiografia: *“Oooiiii, sou o João de Lara e quero brincar de fotografar... Eu gostei mais da foto do Eric”* (RIBEIRO, 2018, p. 19).

Apêndice F

Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz XII

Figura 15: Ana Ribeiro, *Fotógrafo Aprendiz XII*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O registro fotográfico original está publicado em Ribeiro (2018, p.26).

- Nome de artista do fotógrafo aprendiz: *Mel Souza*.
- Nome completo do fotógrafo aprendiz: *Mel Rafaela Dias de Souza*.
- Título deste registro fotográfico: *Direito de conviver com os animais*.
- Idade: *5 anos*.
- Ano: *2018*.
- Breve contexto de criação do cenário: “No bairro da escola, em caminhada pedagógica”, registro do “momento em que o cavalo que rotineiramente pastava neste terreno ao lado da escola, estava se alimentando”.
- Participação do fotógrafo aprendiz em concursos: 1 participação no Concurso de Fotografias: Educação em Direitos Humanos (promovido pelo Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo/RS) com três (3) registros fotográficos.
- Autobiografia: “Oiiii, sou a Mel Rafaela e amo muito cantar” (RIBEIRO, 2018, p. 26).

Apêndice G

Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz XVI

Figura 16: **Ana Ribeiro**, *Fotógrafo Aprendiz XVI*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O registro fotográfico original está publicado em Ribeiro (2018, p.31).

- Nome de artista do fotógrafo aprendiz: *Vinícius Silveira*.
- Nome completo do fotógrafo aprendiz: *Vinícius Antônio da Silveira*.
- Título deste registro fotográfico: *Direito ao cuidado I*.
- Idade: *5 anos*.
- Ano: *2018*.
- Breve contexto de criação do cenário: “No bairro da escola, em caminhada pedagógica”, registro do momento em que o fotógrafo, “ao encontrar um senhor da comunidade cuidando do seu jardim, com auxílio do colega Lucas (seu modelo), registrou o momento em que o Lucas prestava ajuda ao senhor em sua atividade”.
- Participação do fotógrafo aprendiz em concursos: 1 participação no Concurso de Fotografias: Educação em Direitos Humanos (promovido pelo Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo/RS) com três (3) registros fotográficos.
- Autobiografia: “Olá, sou o Vinícius e gostei muito de ser fotógrafo, eu gosto mais da câmera de verdade” (RIBEIRO, 2018, p. 31).

Apêndice H

Ficha técnica do registro fotográfico: Fotógrafo Aprendiz XVII

Figura 17: Ana Ribeiro, *Fotógrafo Aprendiz XVII*, fotomontagem digital, 2020.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O registro fotográfico original está publicado em Ribeiro (2018, p. 32).

- Nome de artista do fotógrafo aprendiz: *Vítor B. Kellermann*.
- Nome completo do fotógrafo aprendiz: *Vítor Biehl Kellermann*.
- Título deste registro fotográfico: *Direito de união pela limpeza das ruas 2*.
- Idade: *5 anos*.
- Ano: *2018*.
- Breve contexto de criação do cenário: *“No bairro da escola, em caminhada pedagógica”, registro do “momento em que Vítor pediu para que os colegas segurassem o lixo que ele achou para dizer que as pessoas devem se juntar para limpar as ruas”*.
- Participação do fotógrafo aprendiz em concursos: 1 participação no Concurso de Fotografias: Educação em Direitos Humanos (promovido pelo Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo/RS) com três (3) registros fotográficos.
- Autobiografia: *“Oi, sou o Vítor B. Kellermann e gosto muito de brincar com as peças de Legos. Neste ano, aprendi a ler e a escrever”* (RIBEIRO, 2018, p. 32).